

Stefan Zweig

Os Caminhos da Verdade

ERASMO DE ROTTERDAM

Tradução de Cláudio G. Hasslocher
e Marina Guaspari

EDITORA GUANABARA — RIO DE JANEIRO

1943



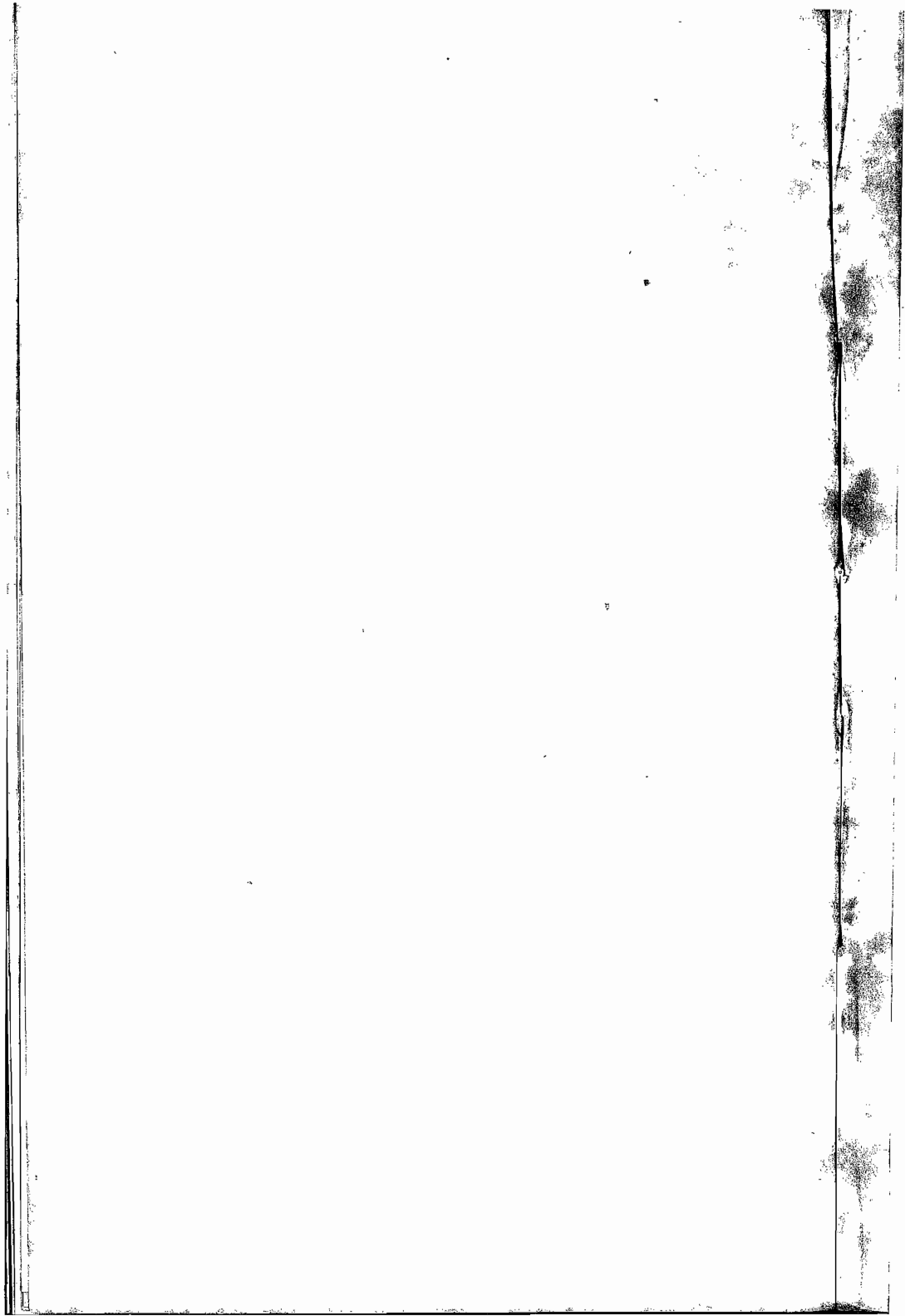
Erasmus, em 1523, por Hans Holbein — Museu do Louvre

Erasmus de Rotterdam

“Quis saber se Erasmo de Rotterdam pertencia àquele partido. Porém certo mercador me respondeu: “Erasmo est homo pro se”. (Erasmo é um solitário).

Epistolas do homem obscuro, 1515.

Tradução de **MARINA GUASPARI**



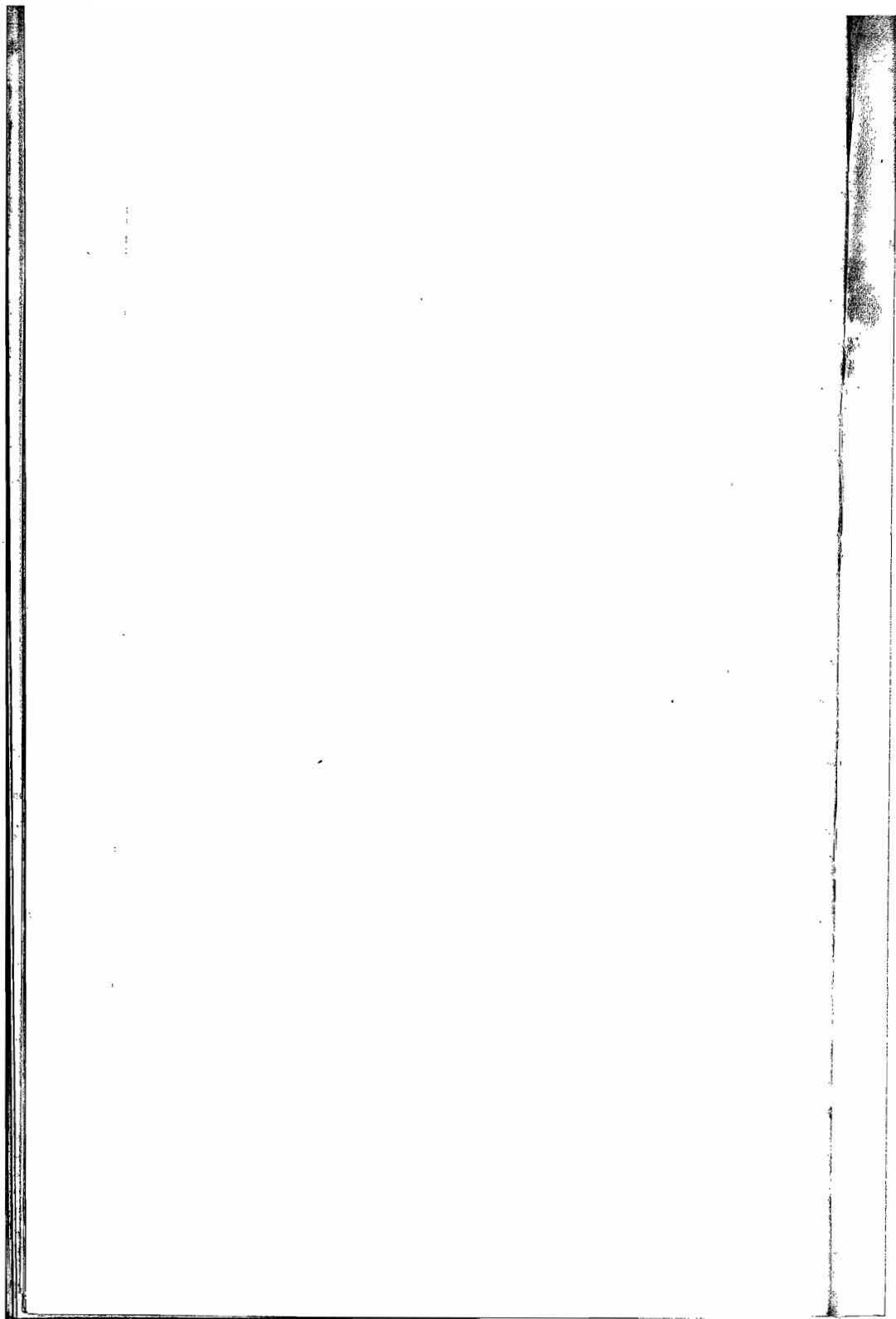
Aspiração e significado duma existência

ERASMO de Rotterdam, outrora a glória maior e mais fulgente do seu século, não é hoje — impossível fora negá-lo — senão um nome. As suas obras incontáveis, redigidas num idioma esquecido, supranacional, o latim humanístico, dormem, imperturbadas, nas bibliotecas. Nenhum desses livros, então universalmente famosos, logrou subsistir no nosso tempo. Aliás, a própria feição pessoal do autor, dificilmente compreensível, brilhando com intermitência e em contradições, é ofuscada pelos vultos mais vigorosos e veementes dos outros reformadores universais. Poucos pormenores se conhecem da vida particular de Erasmo; o homem do silêncio e do trabalho incessante poucas vezes fornece elementos para uma biografia significativa e, não raro, até a sua ação se encobre e oculta à consciência do presente, como a pedra angular, sob o edifício já construído. Claro e conciso é, por isto, o conceito do que hoje — precisamente hoje — nos torna precioso Erasmo de Rotterdam, o grande esquecido: entre todos os escritores e creadores ocidentais, foi ele o primeiro europeu conciente, o primeiro pacifista combativo, o advogado mais eloquente dum ideal de união

humanística intelectual e internacional. E a circunstância de ser vencido nessa luta por uma configuração mais justa e mais razoável do nosso mundo espiritual — o seu destino trágico — ainda o torna mais caro aos nossos sentimentos fraternos.

Erasmus prezou muitas cousas que nós admiramos: a poesia e a filosofia, os livros e as obras de arte, os idiomas, os povos e, sem distinção, a humanidade inteira, exaltado pela sua aspiração de mais elevada moralidade. Só abominou verdadeiramente uma coisa na terra: o fanatismo, a seu ver, a antítese da razão. De resto, Erasmus, o menos fanático dos homens, espírito talvez não dos mais excelsos, porém amplamente cultivado, coração senão generoso pelo menos benévolo e leal, apontava em toda forma de intolerância o mal hereditário do nosso mundo.

Na sua opinião, a maioria dos conflitos entre os indivíduos e os povos não se podiam harmonizar pela mútua condescendência, por ficarem ainda no domínio humano; quase todo litígio seria suscetível de conciliação, se os antagonistas não exagerassem a tensão do arco guerreiro. Por esta razão, Erasmus condenava todo fanatismo, no campo religioso, nacional ou internacional, como inimigo natural e jurado de todo acôrdo; detestava-o sob qualquer aspecto, obstinado ou parcial, oculto sob vestes eclesiásticas ou talaes; abominava os timoratos e os zelotes de todas as classes e raças que, por toda parte, exigem obediência de autômato à própria opinião e consideram desdenhosamente qualquer outro ponto de vista hereisia ou maroteira. Assim como não pretendia impor a ninguém o seu modo de ver, assim opunha



resoluta resistência a que o quisessem avassalar a qualquer credo político ou religioso. A independência de pensamento era uma das suas convicções e na atitude dos que, subindo ao púlpito ou à cátedra, inculcavam a própria certeza individual como uma mensagem que Deus lhes houvesse murmurado ao ouvido, esse espírito livre via um ultraje à divina diversidade do mundo. Com todo o vigor da sua inteligência lúcida e convincente, combateu durante a vida, em todos os domínios, os fanáticos argumentadores e as suas presunções e, em raras horas felizes, escarnecia-os. Nesses momentos de jovialidade, o fanatismo acaalhado se lhe afigurava apenas uma lamentável limitação da inteligência, uma das inúmeras formas da "stultitia", cujas múltiplas degenerações e variedades classificou e caricaturou tão sarcasticamente no seu "Elogio da loucura".

Imagem da verdadeira justiça isenta de preconceitos, entendia e compadecia até os seus piores inimigos. Porém, no íntimo, pressentia, sem cessar, que esse espírito maligno da natureza humana, o fanatismo, lhe arrasaria o seu mundo tolerante, lhe poria termo à própria vida.

Efetivamente Erasmo tinha como aspiração e meta o acordo harmônico dos contrastes no espírito de humanidade. Nascera conciliador — ou para citar Goethe, que se lhe assemelhou na repulsa por todos os extremos — era "uma natureza comunicativa". Toda revolução violenta, todo "tumultus", toda turva discórdia das massas contrastava, a seu ver, com a clara sabedoria da razão universal a que rendia sincero preito, como à lei mais verdadeira e mais serena. Sobretudo a guer-

ra, por ser a manifestação mais grosseira e violenta dos contrastes interiores, parecia-lhe inconciliável com uma humanidade moralmente pensante.

A arte rara de apaziguar os litígios, mediante a boa compreensão, de esclarecer os equívocos, de remediar a desordem, de ressoldar as rupturas, de dar aos separados mais elevados elos comuns, era a força peculiar do seu gênio paciente, e os contemporâneos agradecidos deram ao seu puro e eficaz desejo de concórdia o nome de "Erásmica". Para essa "Erásmica" esse homem tentou conquistar o mundo.

Como unia em si todas as formas de criação, visto que podia ser poeta, filólogo, teólogo e pedagogo, reputava possível, no universo, a fusão dos elementos aparentemente inconciliáveis; nenhuma esfera se afigurava inatingível ao seu tacto conciliador. Erasmo não via nenhum contraste moral ou insuperável entre Jesus e Sócrates, entre a doutrina crisã e a sabedoria antiga, entre a religião e a ética. Em sinal de tolerância, êle, o sacerdote consagrado, admitia os pagãos no seu paraíso espiritual e dispunha-os fraternalmente entre os Padres da Igreja. A filosofia era, aos seus olhos, uma forma de investigar o espírito divino tão pura como a teologia, e o céu cristão não lhe merecia olhares mais reverentes e mais gratos do que o Olimpo grego. A Renascença, com a sua sensualidade exuberante e alegre, não lhe parecia, como a Calvino e aos demais devotos intransigentes, uma inimiga da Reforma e sim uma irmã menos recatada. Apegado a nenhum país e cidadão de todos eles, Erasmo, o primeiro cosmopolita e europeu

Erasmus de Rotterdam

conciente, não reconhecia a nenhuma nação primazia entre as outras, mas, como educara o coração a avaliar os povos pelo seu escol, pelos seus espíritos mais nobre e mais cultos, considerava-os todos dignos de estima.

Reunir os bem intencionados de todos os países, raças e classes, numa grande liga de intelectuais, tornou-se, pois, a meta, a tentativa sublime da sua vida e, elevando o latim — a língua das línguas — a nova feição artística, a nova significação, o apóstolo da “Erásmica” dotou os povos da Europa — feito inolvidável! — duma nova forma supranacional de pensamento e de expressão, durante uma hora histórica. A sua vasta cultura lançava ao passado um olhar de gratidão, o seu espírito crente encarava confiadamente o futuro. Mas os bárbaros do mundo, continuamente empenhados em subverter, com estúpida maldade, o plano de Deus, esses não existiam para ele. Atraíam-no fraternalmente só as esferas superiores, aptas para formar e criar e, a seu ver, o dever imperioso de todo espírito culto era dilatar e estender esses âmbitos, para que, unificadores e puros, abrangessem um dia a humanidade toda.

Essa era, com efeito, a crença mais profunda — e o erro trágico e sublime — do humanismo primitivo. Erasmo e os seus sequazes julgavam possível o progresso humano, por obra do saber, acreditavam na possibilidade de estimular as aptidões dos indivíduos e da coletividade, com a difusão da cultura, do estudo, dos escritos e dos livros. Esses primeiros idealistas tinham uma confiança tocante e quasi religiosa na capacidade de aperfeiçoamento da alma humana, nutrida ininter-

ruptamente de ensino e de leitura. Como pedagogo erudito, Erasmo jamais duvidou de que o moral fosse suscetível de educação e de instrução, e a sua sonhada iminente humanização da humanidade encerrava, a seu ver, a solução do problema numa plena harmonização da vida.

Essa sublime miragem agia, como um poderoso imã, sobre a flor da intelectualidade da época, em todos os países. Em todos os tempos, para os seres de elevado sentir, a existência seria insignificante e vã, sem a idéia consoladora, sem a animadora ilusão de que cada um de nós pode, com os seus desejos e ações, concorrer individualmente para a moralização geral do mundo. O nosso presente nada mais é senão um degrau para aperfeiçoamento mais completo, uma preparação para um estado mais perfeito. E o que sabe inculcar a fé no progresso moral da espécie humana, pela influência dum novo ideal, é o guia da sua geração. Assim foi Erasmo.

A hora era singularmente propícia ao seu plano de união européia, sob os auspícios do humanismo; as grandes invenções e descobrimentos, a renascença das letras e das artes tinham creado, havia muito, na Europa, uma condição de existência folgada e supranacional. Pela primeira vez, após inúmeros anos de opróbrio, o mundo ocidental recobrava a fé na sua missão; o escol espiritual de todas as nações convergia para o humanismo. Cada qual queria ser cosmopolita, cidadão desse reino do saber; imperadores e papas, príncipes e sacerdotes, artistas e homens de Estado, moços e mulheres, porfiavam em se instruírem nas artes e nas letras, tornando o latim, seu

idioma comum e fraterno, o primeiro esperanto do mundo intelectual. Pela primeira vez — exalcemos este fato! — após a queda da civilização romana, ressurgia na Europa, graças à república de letrados de Erasmo, uma civilização européia; e não a vaidade duma única nação, mas o bem da humanidade inteira formava a suprema aspiração dum grupo fraterno de idealistas. Esse anseio dos intelectuais de se aproximarem no domínio espiritual, dos oradores de se entenderem num superidioma, das nações de se pacificarem finalmente no supranacional, esse triunfo da razão, eram também a vitória de Erasmo, a sua consagradora, porém breve e efêmera, hora histórica.

Porque — dolorosa interrogação! — não subsistiu reino tão puro? Porque justamente as idéias sublimes e humanitárias, de essência espiritual como a “Erásmica”, não logram produzir efeito duradouro, num mundo a que, há muito, se prega o absurdo de toda hostilidade?

Ai de nós! Cumpre reconhecer e confessar, sem rodeios, que jamais vingará no seio da massa o ideal que visar exclusivamente ao bem-estar coletivo. Nos caracteres mediocres, o ódio reclama os seus direitos funestos, em detrimento da bondade pura, e o egoísmo individual exige de toda idéia proveitos pessoais. As multidões sempre serão mais acessíveis ao compreensível, ao concreto do que ao abstrato e, por isto, na política, sempre grangeará mais facilmente adeptos o programa que, em vez dum ideal, proclamar um antagonismo, uma oposição cômoda, intuitiva e maleável a outra classe, a outra raça ou a outra religião; porque é de ódio que o fanatismo nutre, de ordi-

nário, a sua chama criminoso. Uma aspiração pura, coesiva, supranacional, panhumana, como a "Erásmica", não impressiona a mocidade combativa e ávida de se medir com o adversário, não possui a fascinação do isolamento soberbo que só vê inimigos, além das próprias fronteiras e fora da própria comunidade religiosa. Assim, não faltarão prosélitos a quem dirigir o eterno desassossego do homem para um ponto determinado.

Mas o humanismo, a doutrina erásmica, que não admitia o rancor e concentrava heroicamente as suas aspirações num fim remoto e vago, foi e será um ideal de inteligências de escol, enquanto não existir o povo dos seus sonhos: a nação européia.

Idealistas e simultaneamente conhecedores da natureza humana, os fautores dum futuro acordo universal jamais esquecem que a sua obra permanece sob a ameaça do eterno irracional das paixões e a ela se entregam cõcios de que, a qualquer momento, a onda do fanatismo, amassada no âmago dos instintos humanos, pode romper as represas, transpor todos os diques. Quasi toda geração sofre um dêsses retrocessos e a sua tarefa moral é, então, sobreviver-lhe, intimamente indene.

A tragédia pessoal de Erasmo consiste, porém, justamente, em que ele, o menos fanático dos homens, o antifanático, exatamente quando pela primeira vez a idéia supranacional pairava, vitoriosa, sobre a Europa, devia sucumbir a uma explosão de frenesi nacional-religioso, das mais ferozes que se registraram na História.

Em geral os acontecimentos que qualificamos de historicamente significativos não penetram na consciência viva das multidões. Nos séculos passados, o próprio turbilhão das guerras atingia apenas parte da massa, determinadas províncias. Em plena convulsão social ou religiosa, conseguiam os intelectuais conservar-se alheios ao tumulto, cerrar o coração às paixões. Citemos como exemplo Goethe, a crear, imperturbado, a sua obra, em meio da agitação das campanhas napoleônicas. Às vezes, porém, muito raramente nas eras históricas, a extrema tensão dos antagonistas desencadeia um dos ciclones que assolam o mundo inteiro, rasgando em duas partes como um pano; e a gigantesca ruptura alastra-se em todos os países, em todas as cidades, nas casas, nas famílias, nos corações. Nessas ocasiões, a prepotência da massa preme o indivíduo por todos os lados, com o seu enorme peso, e nada se pode furtar, nada consegue subtrair-se à fúria coletiva.

Nesse tufão devastador, não há base segura nem posição neutral. Subversões de tal magnitude podem nascer de problemas sociais, religiosos ou de quaisquer outros de índole teórica ou espiritual; mas, no fundo, pouco importa ao fanatismo o material que o inflama; ele aspira apenas a arder, a assolar, a descarregar o ódio acumulado; e é justamente nessas horas apocalípticas de delírio dos povos que o demônio da guerra, despedaçando as cadeias da razão, se precipita, livre e cubiçoso, sobre o mundo.

Nesses momentos tremendos de frenesi popular e de facciosismo geral, a vontade do indivíduo torna-se impotente. Em vão os espíritos procuram

refugiar-se na esfera serena da contemplação; a hora os arremessa ao tumulto, à direita ou à esquerda, numa direcção ou noutra, sob esta bandeira ou naquela facção. E, dentre as centenas de milhares e os milhões de combatentes, ninguém necessita então de mais coragem, de mais vigor, de mais energia moral, do que o homem do centro, resolvido a não se avassalar a nenhum partido, a nenhuma concepção unilateral.

Assim começou a tragédia de Erasmo. Como primeiro reformador germânico — e mais propriamente o único, pois os outros foram antes revolucionários do que reformadores — almejava reorganizar a Igreja católica, segundo as normas da razão; mas ao intelectual de visão dilatada, ao evolucionista, o destino opunha Lutero, o homem de ação, o revolucionário, o motor diabólico da cega violência das massas alemãs. De um só golpe, o rude punho de aço do doutor Martin reduzia a pó o que a mão fina de Erasmo, afeita somente à pena, se empenhara em construir com tanta cautela e delicadeza.

Dividido durante séculos o mundo cristão europeu, católicos contra protestantes, norte contra sul, germanos contra romanos, não havia para os alemães, para os filhos do Ocidente, senão uma alternativa, uma única decisão: papistas ou luteranos; poder das chaves ou evangelho. Todavia Erasmo — tal foi o seu feito memorável! — único dentre os guias da sua época, negou-se a tomar partido. Não se aproximou da Igreja católica nem da Reforma, porque a ambas se sentia ligado, a esta e à sua doutrina pela convicção com que a estudara e prégara, àquela, porque nela defendia

a derradeira unidade espiritual dum mundo em ruínas.

Mas à direita havia exagêro, à esquerda imperava o excesso, aqui o fanatismo, acolá a paixão facciosa; e ele, o homem irrevogavelmente antifanático, não queria servir nem uns nem outros e sim a sua eterna norma: a justiça. Debalde se esforçou por salvar desse litígio, para o gênero humano, o tesouro da cultura geral; em vão, como intermediário e, portanto, no posto mais arriscado, tentou fundir com as mãos nuas fogo e água, conciliar dois fanatismos; tarefa impossível e, em consequência, duplamente grandiosa.

A princípio, nenhum dos dois campos lhe entendeu a atitude e, conhecendo-lhe a brandura, esperava cada qual atraí-lo à própria causa. Porém, mal perceberam ambos que esse independente não tributava honras nem fidelidade a nenhuma opinião alheia e não defendia nenhum dogma, da direita e da esquerda submergiram-no numa onda de rancor e de escárneo. Como não se filiara a nenhum partido, Erasmo rompeu com os dois: "prezo os guelfos como os gibelinos, os gibelinos como os guelfos." Lutero, o protestante, lançou contra êle um severo anátema; por seu turno, a Igreja pôs-lhe as obras no index. Nem ameaças, nem injúrias moveram o pensador independente a aderir a este ou àquele partido; "nulli concedo", "a nenhum pertencerei", essa divisa ele a observou até ao último, "homo per se", homem independente até à extrema consequência.

Perante os políticos, os chefes e os aliciadores da paixão partidária, o artista, o intelectual, na concepção de Erasmo, tem o dever de ser o

intermediário conciliador, o homem da moderação e do meio; não tomará posição em nenhuma linha de batalha, mas, solitário e isolado, combaterá o inimigo comum de todos os livres pensadores: todo fanatismo; não se conservará alheio aos partidos, porque é chamado a compartilhar os sentimentos humanos, porém, acima deles, "au dessus de la mêlée", verberará nuns e noutros todo excesso e, em todos, o ódio funesto e insensato.

A essa atitude de Erasmo, a essa sua indecisão, ou antes propósito de se não decidir, chamaram contemporâneos e pósteros simplesmente cobardia, e o contemporizador perspicaz foi escarneado como tíbio e oportunista. Em verdade, ele nunca afrontou o mundo de viseira erguida; o heroísmo temerário não era a sua maneira. Postando-se prudentemente à margem, dobrava, flexível como um caniço, à direita e à esquerda, afim de se não deixar quebrar, de tornar sempre a apurmar-se. Não ostentava o seu lema de independência, o seu "nulli concedo", como um cartel; trazia-o como lanterna furta-fogo de ladrão, oculto sob a capa. Esgueirava-se nas vielas, sumia-se nas esquinas, durante as explosões mais selvagens do delírio popular; porém — o que mais importa — conservou indene dos tremendos tufões de ódio da sua época o seu bem precioso, a sua fé na humanidade, e a essa centelha amortecida acenderam Spinoza, Lessing, Voltaire e os futuros europeus os seus archotes.

Único da sua geração intelectual, Erasmo preferiu a humanidade a uma facção. Alheio aos campos de batalha, estranho aos exércitos, hostilizado por todos, morreu isolado e solitário. Sozi-

nho, mas — o que é essencial — independente e livre.

A História, porem, é injusta com os vencidos; não preza o homem da moderação, o intermediário, o conciliador, o humanitário, e adora os caracteres de fogo, os exaltados, os aventureiros audazes do pensamento e da ação. Em consequência, refere-se a Erasmo, o sereno servidor da humanidade, quasi com desdem. No quadro gigantesco da Reforma, o apóstolo da tolerância ocupa o segundo plano; os outros todos, os possesores do gênio e da crença, cumpriram dramaticamente o seu destino. Huss pereceu nas labaredas ardentes, Savonarola na fogueira de Florença, Servet na que lhe preparou Calvino, o intolerante. Cada um deles viveu a sua hora trágica: Tomaz Münzer, torturado com tenazes candentes, João Knox aferrolhado na sua enxovia, Lutero, escarranchado insolentemente no solo germânico, a vociferar contra o imperador e o império o seu: "Não posso mudar", Tomaz More e João Fisher decapitados no cepo funesto, Zwingli expirando, ao alvorecer, na planície de Kappel — vultos inolvidáveis, temíveis na exaltação, extáticos nos sofrimentos, grandes na atitude. Atrás deles ardia, porem, devoradora, a chama da loucura religiosa; os burgos devastados pela Guerra dos Camponeses eram o testemunho blasfemo da incompreensão com que cada intolerância interpretava Cristo, e as cidades arrasadas, as povoações saqueadas da Guerra dos Trinta e dos Cem Anos, verdadeira paisagem apocalíptica, clamavam aos céus contra a insensatez dos intolerantes.

Em meio desse tumulto, um pouco atrás dos

grandes capitães das lutas religiosas e visivelmente isolado de todos eles, divisa-se a fisionomia delicada de Erasmo, sombreada de leve melancolia. Não o ataram a nenhum poste de ignomínia, não lhe vemos nas mãos nenhuma arma, nenhuma paixão exaltada lhe desfigura as feições. Mas o olhar azul e penetrante, imortalizado por Holbein, fixa, através da frenética desordem que o cerca, o nosso século não menos agitado. Uma resignação serena aureola a fronte do pensador — ah! ele bem conhece a eterna estupidez do mundo! E um leve, um imperceptível sorriso lhe entreabre os lábios. Erasmo, o experiente, sabe que toda paixão tem de esmorecer um dia, que é sorte de todo fanatismo consumir-se a si mesmo. A razão, a eterna e sempre paciente, não se cansa de esperar. Às vezes, enquanto o outro reina, ébrio e desregrado, se vê obrigada a calar-se, a emudecer. Virá, porém, a sua vez; e o seu novo advento é infalível.

CAPÍTULO II

Um olhar à época

A TRANSIÇÃO do décimo-quinto ao décimo-sexto século foi, para a Europa, uma hora fatídica e, na sua dramática plenitude, só comparável à nossa. Improvisamente o âmbito europeu se viu dilatado e transformado em mundial; sucediam-se os descobrimentos e, graças ao arrojo dum grupo de navegadores, poucos anos bastavam para reparar os danos causados por séculos de indiferença e desânimo. Como se as movessem as molas de um relógio elétrico, brotam as datas sob os nossos olhos. 1486: Bartolomeu Dias dobra ousadamente, pela primeira vez, o cabo da Boa Esperança. 1492: Colombo aporta às ilhas da América. 1497: Sebastião Caboto descobre o Labrador e com ele o continente americano, abrindo novos horizontes à raça branca. Porem já triunfa Vasco da Gama, velejando de Zanzibar a Calcutá, sulcando enfim o caminho marítimo das Índias. 1500: Cabral descobre o Brasil e finalmente, de 1519 a 1522, Magalhães empreende e executa o feito maravilhoso e decisivo, a primeira viagem humana à roda da terra, da Espanha à Espanha, em virtude da qual, o primeiro globo, a “maçã terrestre” de Martim Behaims, imaginada em 1490

e escarnecida pela sua forma como hipótese anticristã e obra dum louco, se revelava exata. A empresa audaz vinha corroborar a idéia mais arrojada.

Da noite para o dia, aos olhos da humanidade pensante, a esfera, causa até então de tanta incerteza, objeto de tanta preocupação, terra incógnita limitada pelo firmamento, se convertia numa realidade provada e exploravel; o mar, até a esse dia mítico deserto azul e movediço, passava a ser extensão sulcada e mensuravel, um elemento ao serviço do homem. Nesse assomo de temeridade, nenhuma pausa, nenhuma lacuna interrompia a ousada porfia dos descobridores do cosmos.

Toda vez que os canhões de Cadiz ou de Lisboa saudavam o regresso dum galeão, uma multidão curiosa acudia ao porto, a ouvir mensagens de terras recém-descobertas, a admirar pássaros, animais e homens desconhecidos. E todos os olhares namoravam as cargas colossais de ouro e prata que, de todos os recantos do mundo, afluíam à Europa, convertida pelo heroísmo e pela inteligência da sua raça em centro do globo, em senhora dos continentes. Mas, quasi ao mesmo tempo, Copérnico explorava os mistérios da abóbada celeste que cobria a terra subitamente descoberta e, graças à imprensa recém-inventada, toda essa nova ciência penetrava, com incrível rapidez, nas cidades mais distantes, nos povoados mais mesquinhos do Ocidente. Pela primeira vez, ao termo de séculos, a Europa gozava duma próspera vida coletiva; no decurso duma única geração, os elementos essenciais do pensamento humano: tempo e espaço, adquiriam medida e valor absolutamente

diversos. Só a nossa época, pela redução igualmente súbita dos citados elementos por meio do telefone, do rádio, do automóvel e do aeroplano, experimentou uma transformação análoga do ritmo da existência.

Tal e tão imprevista extensão do mundo exterior devia ter logicamente como consequência uma dilatação correspondente da alma. Cada qual via-se inesperadamente obrigado a pensar, a calcular, a viver dentro doutras dimensões. Mas, antes que o cérebro se adaptasse a essa desordenada evolução, modificara-se já o sentimento — uma perplexidade feita de temor e de ardente alvoroço é sempre a primeira reação dos espíritos, quando perdem repentinamente as medidas, quando veem ruir de improviso todas as normas e formas pelas quais se guiavam.

Dum momento para outro, toda certeza tornava-se dúbia, tudo o que na véspera era atual parecia decrépito e morto. Os mapas de Ptolomeu, acatados por vinte gerações, as obras de cosmologia, de astronomia, de geometria, de medicina e de matemática, escritas talvez séculos antes e reputadas infalíveis, tornavam-se, em razão da brincadeira de Colombo e de Magalhães, nulos e antiquados. Tudo o que existia fanava-se, ao sopro abrasador da nova era.

Cessavam os comentários e as disputas, ruíam as antigas autoridades como ídolos derribados, desfaziam-se os castelos de cartas dos escolásticos e um horizonte ilimitado se oferecia à visão humana. Da súbita reviviscência do organismo europeu, fortalecido por nova seiva, nascia uma sede espiritual de saber e de ciência; acelerava-se o

ritmo vital. Desenvolvimentos operados em lenta progressão recebiam dessa febre um impulso vigoroso; toda inércia movimentava-se, como em consequência dum terremoto. Das instituições legadas pela Idade Média umas adquiriam novo vigor, outras pereciam. A cavalaria extinguiu-se, as cidades prosperavam, os rurais empobreciam, o comércio e o luxo floresciam, com exuberância tropical, graças ao adubo do ouro ultramarino.

A fermentação aumentava com veemência, trazendo no seu fluxo uma completa conglomeração social, semelhante à nossa, pela irrupção imprevista da técnica e pela sua igualmente súbita organização e racionalização. Iniciava-se um desses períodos típicos em que a humanidade pasma perante as próprias realizações e deve apelar para todas as forças, afim de recobrar o domínio de si mesma.

Nenhuma zona do edificio humano escapou a esse abalo colossal. As próprias camadas profundas do reino anímico, as religiosas, que haviam sofrido, impassíveis, as tempestades da época, foram atingidas pela grande revolução operada no tempo e no espaço. Fixado pela Igreja Católica em forma inalterável, o dogma resistira como um penhasco a todos os embates, e essa obediência magnífica e incondicionada tornara-se, por assim dizer, o símbolo da Idade Média. No alto pontificava um poder de bronze. Aos seus pés, a humanidade crente mendigava a palavra sagrada, sem se atrever a pôr em dúvida a veracidade eclesiástica; e, onde quer que surgisse uma oposição, a Igreja revelava a sua força defensiva. A excomunhão partia a espada do soberano e asfixiava

o herege. Nações e famílias, raças e classes, por mais estranhas e inimigas que fossem, confundiam-se, graças a essa obediência unânime e passiva, a essa fé cega e bemaventurada, numa grande comunidade. Na Idade Média, os povos ocidentais possuíam uma alma uniforme: a religiosa. A Europa repousava no seio da Igreja, sacudida, às vezes, e alvoroçada por sonhos místicos, mas ordinariamente alheia a todo desejo de verdade, de saber e de ciência. Ao despontar da nova era, uma espécie de inquietação agitou pela primeira vez a alma ocidental. Se eram exploráveis os segredos da terra, porque o não seriam os da divindade? Pouco a pouco, os prosternados afastaram-se do regaço em que pousavam as cabeças reverentes e elevaram o olhar perscrutador. A humildade cedeu o lugar a um novo sentimento, à curiosidade e, junto dos audazes aventureiros dos mares desconhecidos, dos Colombos, dos Pizarros, dos Magalhães, perfilou-se um grupo de conquistadores espirituais, desafiando resolutamente o infinito. A autoridade religiosa, até então encerrada no dogma, como um frasco arrolhado, evaporou-se no eter dos concílios eclesiásticos, desceu até às camadas profundas da massa: o mundo timbrava em renovar-se e mudar em todas as esferas. Graças à sua provada e vitoriosa confiança em si mesmo, o homem do século XVI já se não sentia mesquinho e incerto átomo de pó, sequioso do orvalho da misericórdia divina, e sim centro dos acontecimentos, esteio do mundo. A humildade, a obscuridade convertiam-se subitamente num orgulho cuja expressão mais sensual e imperecível se resume na palavra Renascença; ao lado do pre-

Stefan Zweig

ceptor eclesiástico, apareceu, com idênticos privilégios, o leigo; junto da Igreja, a ciência. Neste caso também era a queda ou pelo menos o abalo dum poder tradicional. A grei muda e passiva da Idade Média transformava-se noutra unidade humana e punha em perguntar e investigar o mesmo ardor com que a precedente orava e suplicava.

A erudição emigrou dos claustros para as universidades que surgiam em todos os países da Europa, como cidadelas da pesquisa livre. Criou-se lugar para o poeta, para o pensador, para o filósofo, para o sábio e para o investigador de todos os mistérios da alma humana. O espírito ia moldando as próprias forças em outras formas; o humanismo visava a restituir o homem à divindade, sem a mediação religiosa, e, isolado a princípio, mas logo fortalecido pela adesão da massa, já se esboçava o movimento grandioso e histórico da Reforma.

Momenso solene, o começo dum século convertido em princípio duma nova era! Por breve instante, a Europa teve um só coração, uma alma, uma vontade, uma aspiração únicas. Côncia do seu poder como totalidade, sentia-se impelida, com ímpeto inexplicável, a ulteriores transformações. A hora era propícia. A inquietação fermentava na terra, insuflando ânsia e impaciência nas almas, e sobre todas as cousas pairava, fremente, o desejo unânime e indistinto da palavra libertadora, capaz de apontar uma meta. Então ou nunca podia o espírito renovar o mundo.

CAPÍTULO III

Mocidade obscura

SÍMBOLO admirável para esse gênio supranacional, cosmopolita: Erasmo não teve pátria nem lar legítimo. Nascera talvez ao ar livre.

O nome de Erasmo Roterodamus, que o celebrou no mundo, era um nome de adoção; o idioma usado por ele durante a vida não foi o pátrio holandês, mas o latim aprendido. O dia e as circunstâncias do seu nascimento permanecem singularmente obscuros; conhece-se apenas o ano em que Erasmo veio ao mundo: 1466. Cabia-lhe, em parte, a culpa dessa incerteza; nada lhe desagradava mais do que falar da sua origem, porque era filho natural e ainda mais, particularidade mais vexatória, devia o ser a um padre, "ex illicito et ut timet incesto damnatoque coitu genitus". A romântica versão de Carlos Reade sobre a infância de Erasmo, no célebre romance "O coração e o claustro", não passa verossimilmente de pura ficção.

Mortos os pais, os parentes, como é bem de ver, trataram de se livrar do bastardo com o menor dispêndio. Lá estava felizmente a Igreja, sempre disposta a atrair para o seu grêmio um rapaz inteligente. Aos nove anos, o pequeno Desidério

— mais exatamente: indesejado — era enviado à escola capitular de Deventer e posteriormente a Bois-le-Duc. Em 1487 entrava no convento dos Agostinhos de Steyn, não em obediência a uma verdadeira vocação religiosa, mas porque o citado mosteiro possuía a melhor biblioteca clássica do país. Ali pronunciou, em 1488, os votos monásticos. Nada prova, porém, que nesse ano de vida claustral votasse a alma ardente a conquistar a palma da piedade; as suas cartas nos revelam, pelo contrário, que muito mais o interessavam as belas artes, os quadros e a literatura latina. Em 1492 recebia, contudo, das mãos do bispo de Utrecht, a ordenação.

Poucas vezes Erasmo foi visto, em vida, com as vestes sacerdotais, e há necessidade de certo esforço, para recordar que esse livre pensador, esse escritor imparcial pertenceu, até ao último alento, ao sacerdócio. Erasmo praticava, porém, a grande arte de viver, libertando-se branda e imperceptivelmente de tudo o que o tolhia; e, naquele hábito, sob tão rigorosa disciplina, soube conservar plenamente a liberdade interior. Com os mais habéis pretextos, obteve de dois papas a dispensa de usar batina, livrou-se da obrigação do jejum, alegando motivos de saúde e, apesar dos pedidos, intimações e ameaças dos seus superiores, não consentiu em regressar nem por um dia ao seio da sua ordem.

Tal atitude revela já um traço significativo, senão o essencial, desse caráter: Erasmo recusava prender-se a quem quer que fosse. Como não se avassalava a príncipes e senhores, negava-se a servir a Deus. O íntimo anseio da independência da

Erasmo de Rotterdam

sua natureza o incitava a conservar-se livre e insubmisso. Jamais reconheceu intimamente um superior nem se sentiu tributário duma corte, duma universidade, dum cargo, dum claustro, duma igreja, ou duma cidade; sempre defendeu a própria liberdade moral e espiritual, com a mesma firmeza serena e inquebrantável.

A esse traço tão essencial da sua índole ligava-se organicamente outro: sendo um verdadeiro fanático da independência, Erasmo não era de nenhum modo um rebelde, um revolucionário. Abominava antes os conflitos e, como tático sagaz, evitava toda oposição inútil ao poder e aos poderosos. Preferia pactuar com eles a hostilizá-los, captar a própria independência a conseguí-la, combatendo. Não simulara desoprimir a alma, despindo com o gesto habil e dramático de Lutero o hábito de agostinho. Não; abandonara-o discretamente, escudado em permissões obtidas com astúcia. Como bom discípulo do seu compatriota Reineke Fuchs, soube afastar do seu caminho tudo o que lhe podia tolher a liberdade.

Demasiado prudente para ser jamais um herói, conquistou, graças à sua clara intuição das fraquezas humanas, tudo o que lhe era preciso para desenvolver a sua personalidade, e na sua contínua luta pela independência deveu a vitória não à coragem, mas à psicologia.

*

* *

Cumprira-lhe, porém, aprender a grande arte de criar para si próprio uma existência livre —

o mais difícil para um artista. O tirocínio de Erasmo foi lento e perseverante.

Aos vinte e seis anos, o monge agostinho desertava o convento cujo rigor e estreiteza lhe eram intoleráveis. Todavia — primeira prova do seu tino diplomático — não se apartou dos seus superiores como um egresso perjuro e sim convidado, após negociações secretas, pelo bispo de Cambrai, para o acompanhar à Itália como secretário latinista. No mesmo ano em que Colombo revelava aos seus contemporâneos a existência da América, o prisioneiro do claustro descobria a Europa, o seu futuro mundo.

Por um acaso feliz, o bispo adiou a viagem e Erasmo pôde passar os dias a seu talante. Livre da obrigação de dizer missa, sentou-se a mesas opulentas, conheceu personalidades notáveis, entregou-se com paixão ao estudo dos clássicos latinos e cristãos e escreveu, ao mesmo tempo, o seu diálogo "Antibarbari". O título desta sua primeira obra poderia figurar no frontispício de todas as seguintes. Polindo as suas maneiras e dilatando os seus conhecimentos, o jovem pensador travara inconscientemente a grande batalha da sua vida contra a ignorância, a tolice e a presunção tradicional.

Entretanto, tendo o bispo renunciado à viagem a Roma e não necessitando, em consequência, dos serviços do secretário latinista, essa existência venturosa cessou subitamente. Erasmo, o monge emprestado, viu-se na iminência de regressar ao convento. Porém, como se inebriara uma vez com o tóxico suave da liberdade, não se resignava a privar-se dele. Simulando, pois, um desejo ardente

Erasmus de Rotterdam

das luzes supremas da ciência eclesiástica, pôs-se, com toda a paixão e energia que lhe vinham do seu horror pelo claustro e com a sua arte subtil de psicólogo, a atormentar o bondoso prelado, para que o enviasse, a expensas suas, a Paris, onde contava conquistar o grau de doutor em teologia.

O bispo deu-lhe finalmente o seu consentimento e — o que era mais aos olhos de Erasmo — um modesto subsídio. Debalde esperou o prior de Steyn o regresso do infiel. Esperá-lo-ia assim anos e decênios. Erasmo tomara a resolução de abandonar para sempre a vida monástica, de se subtrair a toda e qualquer coerção.

*

* *

O bispo de Cambrai concedera ao seu secretário o subsídio usual. Essa quantia, modesta mesada de estudante, era, porem, desesperadamente exígua para um homem de trinta anos, e fez que Erasmo, com amarga ironia, cognominasse “Antimecenas” o patrono pouco liberal.

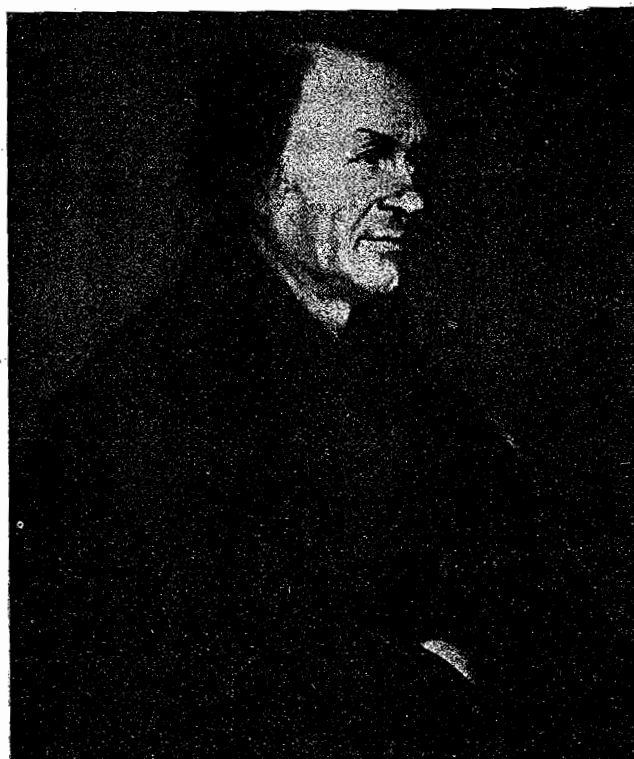
Assim, o que tão prontamente se afizera à liberdade e à mesa suntuosa do digno prelado entrou, recalcitrando, na “domus pauperum” do célebre colégio Montaigu, o menos apto para lhe agradar, em razão da sua disciplina ascética e da sua severa direção espiritual.

Situada no Quartier Latin, no monte S. Miguel, quasi ao pé do Panthéon actual, essa prisão do espírito isolava zelosamente o seminarista ávido de vida do alegre tumulto dos seus camaradas leigos. Erasmo falava desse cárcere teo-

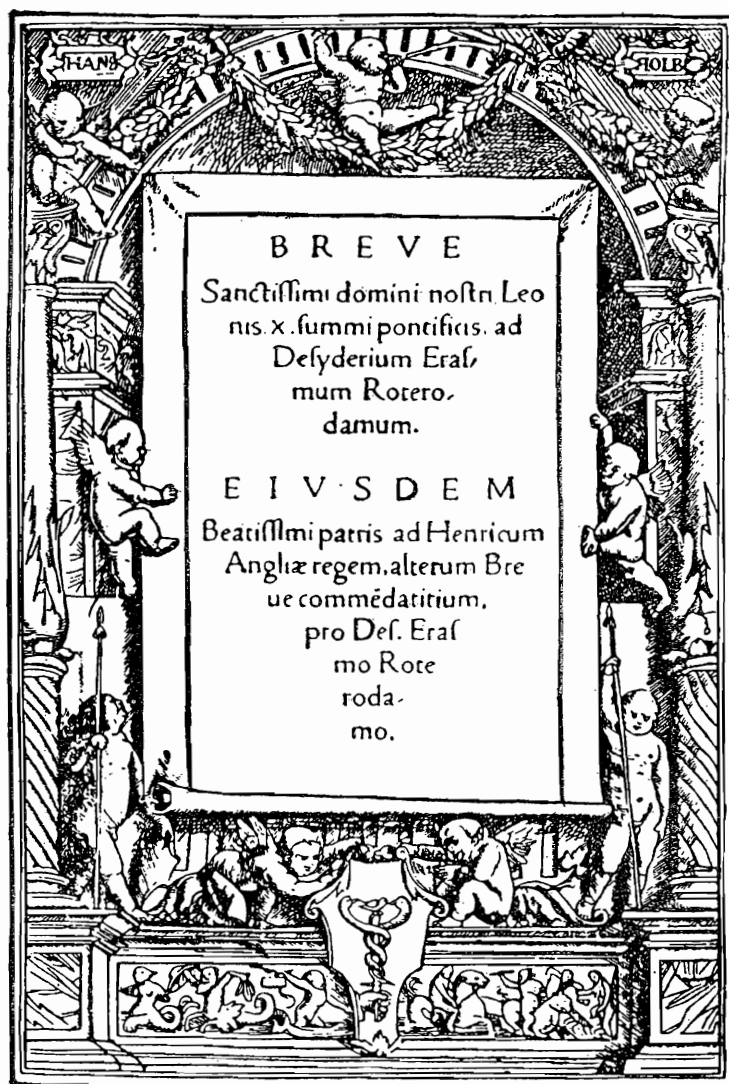
lógico, em que se estiolava a sua bela mocidade, como dum purgatório, e visto que — fato deveras surpreendente — tinha da higiene a idéia moderna, queixava-se de continuo, nas suas cartas, dos dormitórios malsãos, das paredes húmidas, mal caiadas e nuas, da vizinhança inoportuna das privadas; a seu ver, ninguém poderia permanecer muito tempo nesse colégio holorento, o “colégio-vinagre”, sem contrair uma doença mortal. O passado também não o satisfazia; a carne e os ovos eram deteriorados, o vinho azedo e a noite passava-se numa luta incessante com os insetos.

“Vens de Montaigne?” ironizava ele, mais tarde, nos seus “Colóquios”. “Trazes então, sem dúvida, a cabeça coroada de louros”. — “Não; de pulgas”.

Demais, a disciplina daquela época não recuava ante os castigos corporais, e o açoite ou a vara, que um asceta fanático da espécie de Loyola tencionava suportar vinte anos, resignadamente, para educar a vontade, indignavam uma natureza independente e sensível como a de Erasmo. O ensino o desgostava igualmente. Bem depressa se lhe revelou o espírito da escolástica em todo o seu formalismo decadente, o seu insípido talmudismo e as subtilezas tão opostas à índole desse estudioso. O artista revoltava-se nele — não com a serena jovialidade que caracterizaria mais tarde Rabelais, porem com o mesmo desprezo — contra a maneira de amarrar as inteligências a esse leito de Procusto. “Ninguém, dentre os que já privaram com as Musas ou as Graças, poderá apreender os mistérios dessa ciência. Aqui perderás o que adquiriste de “bonae literae” e lançarás fora



O tipógrafo e editor João Froben, Antiga cópia de Holbein,
1520. — Piracoteca de Basileia.



Frontispício de Hans Holbein para o "Breve Sanctissimi Domini Nostri Leonis X". Da edição "Frobenius", de Erasmo, Basileia, 1516.

Erasmo de Rotterdam

o que bebeste à fonte de Helicon. Abstenho-me de falar latim, de dizer o que quer que seja de espiritual e de elegante e faço nisto tais progressos, que talvez eles me reconheçam um dia como um dos seus."

Finalmente uma enfermidade forneceu a Erasmo o pretexto invocado para fugir a essa prisão do corpo e da alma, e renunciar ao título de doutor em teologia. Após breve intervalo, vemo-lo regressar a Paris; dessa vez, porém, esse caráter insubmisso preferiu ganhar a vida, lecionando alemão ou inglês, a encerrar-se no recinto soturno do "colégio-vinagre". Começava no sacerdote a independência do artista.

*

* *

Mas nesse mundo ainda medieval não podia haver, para os intelectuais, verdadeira independência. O conjunto social dividia-se numa escala de classes bem definidas, compreendendo os príncipes eclesiásticos e profanos, o clero, as corporações, os soldados, os funcionários, os artífices e os camponeses. Cada categoria formava, por sua vez, um grupo limitado, zelosamente preservado de toda intrusão. Aos letrados, aos espíritos criadores, aos sábios, aos artistas livres, aos músicos, não se reservara espaço nessa escala, porque ainda não se haviam imaginado os honorários que posteriormente lhes assegurariam a independência. Ao intelectual não restava, pois, senão gravitar em torno das classes dominantes, resignar-se a servir os príncipes ou a ser obscuro servo de Deus. Como

a arte não era ainda poder autônomo, o artista via-se na necessidade de requestar os poderosos, de se fazer valido dalgum senhor magnânimo, mendigando aqui uma prebenda, acolá um subsídio e — na própria época de Mozart e de Haydn — relegado à categoria da criadagem vulgar. Sob pena de viver em indigência, cumpria-lhe lisonjear a vaidade com dedicatórias, excitar a cólera com libelos, importunar a opulência com súplicas. Cada dia renovava para êle essa luta indigna pelo pão quotidiano, sempre incerta e incessante, junto de um ou de vários patronos. Viveram assim dez ou vinte gerações de artistas, de Walter de Vogelweide a Beethoven, o primeiro que exigiu e tomou altivamente dos poderosos os direitos da sua arte.

Esse amesquinhamento voluntário, essa abdição da dignidade, essa submissão servil não custavam a um espírito irônico e superior como Erasmo excessivo sacrifício. Ele penetrara precocemente a impostura social; não sendo uma índole rebelde, aceitara-lhe as leis, sem protestar, e punha apenas todo o empenho em iludí-la habilmente, em abrir caminho através dela.

Apesar disto, a sua ascensão foi lenta e penosa. Até aos cinquenta anos — idade em que, por seu turno, se viu requestado pelos príncipes, invocado por papas e reformadores, disputado pelos editores e obsequiado pelos ricos — Erasmo viveu do pão alheio, obtido como uma esmola. Já grisalho, era ainda obrigado a curvar-se, a mendigar. As suas dedicatórias lisonjeiras, as suas epístolas gratulatórias são incontáveis, preenchem grande parte da sua correspondência e constitui-

riam, reunidas, um epistolário clássico para uso dos suplicantes, tal a arte e a subtileza com que ele estilizava as suas rogativas. Todavia, sob essa frequente e lamentável falta de altivez, dissimulava-se uma vontade íntima e inquebrantável de independência. Erasmo adulava nas cartas, para ser mais sincero nas obras. Se consentia em que o presentearassem, não admitia que o comprassem e recusava tudo o que o podia ligar a uma determinada pessoa.

Sábio já universalmente famoso, solicitado por dezenas de universidades para várias cátedras, preferia ser obscuro revisor numa imprensa, junto de Aldo em Veneza, mordomo ou companheiro de viagem de jovens aristocratas ingleses ou simples comensal de amigos abastados; mas tudo isto só enquanto lhe aprazia e nunca por muito tempo, no mesmo lugar.

Esse desejo resolutivo e obstinado de liberdade, a repulsão a servir quem quer que fosse, fizeram de Erasmo, a vida inteira, um verdadeiro nômade. O mais errante dos letrados da sua época, nem pobre nem rico, vivendo sempre "no ar" como Beethoven, vagueava infatigavelmente dum a outro país, na Holanda ou na Inglaterra, ora na Itália, ora na Alemanha ou na Suíça. Esse nômade, esse vagabundo era mais fiel à sua natureza filosófica do que ao lar e à pátria. Preferia exercer, por pouco tempo, o cargo modesto de secretário dum bispo, a reger definitivamente um bispado; em troca dum punhado de moedas, consentia em ser conselheiro dum príncipe e recusava o posto de chanceler poderoso. Essa inteligência temia instintivamente toda influência estranha, recuava

ante toda carreira regular. Agir à sombra do poder, livre de toda responsabilidade, alojar-se num aposento sossegado, lendo bons livros, redigindo as suas obras, sem amos e sem obrigações, era aos olhos de Erasmo a existência ideal. Por amor dessa liberdade, ele trilhava caminhos tortuosos e equívocos, mas sem perder de vista o seu fim único: a independência espiritual na arte e na vida.

*
* *

Já aos trinta anos, descobria na Inglaterra a atmosfera dos seus sonhos. Vivera até então em celas soturnas, cercado de plebeus vulgares e mesquinhos. A disciplina espartana do seminário, as algemas espirituais da escolástica lhe tinham torturado os nervos vivos, delicados e sensíveis. Ávido de infinito, o seu pensamento não se podia desenvolver nesse âmbito acanhado. Mas êsse sal, essa amargura eram talvez necessários, para lhe despertar a sede insaciável de ciência mais ampla e de liberdade. Efetivamente, sob essa disciplina, nessa longa provação, ele aprendera, uma vez por todas, a abominar como deshumanos toda limitação intelectual, toda parcialidade doutrinária, toda violência e todo arbítrio. Exatamente porque sofrera com tanta intensidade no corpo e na alma a Idade Média, Erasmo de Rotterdam era o homem mais apto para ser o precursor da era nova.

Acompanhando à Inglaterra um jovem discípulo, lord Montjoy, respirou pela primeira vez e

com prazer indizível o ar vivificante duma civilização espiritual. Sucedia-lhe, com efeito, penetrar no mundo anglosaxônio num momento propício. Após a guerra interminável das Duas Rosas, que assolara o país durante anos, a Inglaterra tornava a desfrutar as bênçãos da paz. Depostas a armas, serenados os ânimos, por toda parte as letras e as artes floresciam livremente.

Pela primeira vez o obscuro seminarista, o modesto professor descobria a existência dum ambiente em que inteligência e saber eram poderes soberanos. Ninguém lhe explorava ali a origem ilegítima nem lhe fazia a conta das missas ou das súplicas. Esse círculo de escol o acolhia unicamente como artista, como intelectual, pelo seu latim elegante, pela sua conversação agradável. Nesse convívio o pensador aprendia a conhecer, jubiloso, a hospitalidade generosa, a nobre despreocupação dos ingleses,

“ces grands Mylords,
accords, beaux et courtois, magnanimes e forts”,
como os qualificou Ronsard.

Nesse país se lhe deparou um novo modo de pensar. Embora já ninguém se lembrasse de Wicliff, predominava em Oxford uma concepção mais ampla, mais livre e mais avançada da teologia. Ali encontrou Erasmo um professor de grego que lhe desvendou uma nova esfera de estudos clássicos; as inteligências mais profundas, os homens mais notáveis honraram-no com a sua amizade e proteção, e até o futuro Henrique VIII, então jovem príncipe, consentiu em que o obscuro sacerdote lhe fôsse apresentado. Recomenda perpetuamente

Erasmus e testemunha a favor da sua atitude digna o fato de que os caracteres mais nobres daquela geração, Tomaz More e João Fisher, eram seus amigos íntimos, e João Colet, como os arcebispos Warham e Craumer, lhe dispensavam a própria proteção.

O jovem humanista respirava com avidez essa cálida atmosfera espiritual, aproveitava essa hospitalidade, para dilatar em todos os sentidos os seus conhecimentos, polia em contacto com esses fidalgos, com as damas e os amigos a linguagem e as maneiras. A consciência da sua posição correu para operar a rápida metamorfose do monge indocil e acanhado numa espécie de abade que sabia usar a sotaina como um traje de gala. Erasmus passou a se ataviar, praticou a equitação e a caça. As suas maneiras aristocráticas, que mais tarde, na Alemanha, contrastariam tão nitidamente com os modos rudes e desastrados dos humanistas provincianos e lhe assegurariam em grande parte a supremacia intelectual, aprendera-as nas mansões hospitaleiras dos fidalgos ingleses. Introduzido no mundo político, privando com os espíritos mais excelsos da Igreja e da corte, adquirira a visão ampla e universal que posteriormente o tornariam tão admirado. Ao mesmo tempo a sua alma sublimava-se. "Perguntas-me", escreve ele jovialmente a um amigo, "se gosto da Inglaterra? Se me quiseses dar crédito, dir-te-ei que nunca me senti tão satisfeito. Encontrei um clima interessante e sadio, muita cultura e saber, não da espécie fragmentária e banal, mas, quer no latim quer no grego, conhecimentos tão clássicos, profundos e exatos que, excetuando as cousas que ali

Erasmus de Rotterdam

se veem, já não me atrai tanto a Itália. Quando escuto o meu amigo Colet, é como se ouvisse o próprio Platão; e creou jamais a natureza um carater mais nobre, mais perfeito do que o de Tomaz More?" Na Inglaterra, o filósofo convalescia da Idade Média.

Entretanto toda a sua admiração por esse país não logrou torná-lo inglês. Erasmo regressou cosmopolita, livre, cidadão do mundo, alma independente e universal. Daí em diante o seu coração pertenceria a toda terra onde reinassem a civilização e o saber, a cultura e o livro. O cosmos não lhe parecia cortado por países, mares e rios nem dividido em nações, raças e classes; constava, aos seus olhos, de dois únicos estratos: o superior, a aristocracia da cultura e do espírito, e o inferior, a plebe e os bárbaros. E, onde quer que imperassem o livro e a palavra, "eloquentia et eruditio", tinha Erasmo uma pátria.

*
* *

Essa obstinada adstrição ao círculo da aristocracia intelectual, ao ambiente então limitadíssimo da cultura, confere à personalidade e às criações de Erasmo um carater vago e instavel. Como verdadeiro cosmopolita, ele era em toda parte apenas o visitante, o hóspede; em lugar algum adoptava os usos e costumes dum povo ou uma língua viva. Nas suas numerosas viagens limitara-se propriamente a transitar pelos vários países. A Itália, a França, a Alemanha, a Inglaterra resumiam-se para ele numa dezena de homens com

quem podia entreter-se em linguagem elegante; as cidades eram as bibliotecas e raramente lhe sucedia notar onde havia estalagens mais asseadas, população mais afável ou vinhos mais doces. Tudo o que não fossem os livros era-lhe indiferente. O latinista não tinha olhos para a pintura, ouvidos para a música; não percebera em Roma o esforço creador de Rafael, de Leonardo, de Miguel Ângelo. Censurava o entusiasmo dos papas pela arte como prodigalidade condenável e ostentação antievangélica. Nunca lera as estrofes de Ariosto, desconhecia na Inglaterra Chaucer, na França a poesia francesa. O seu ouvido só acolhia de bom grado um idioma: o latino, e a arte de Gutemberg era a única musa a que se consagrava esse tipo ultrasubtil de literato ao qual a essência do mundo se revelava exclusivamente através das "litterae", das letras, que só podia ter contacto com a realidade por intermédio dos livros, cujo convívio lhe era mais familiar do que o das mulheres. Prezava-os como companheiros silenciosos e serenos, único privilégio dos letrados numa época de ilegalidade. Só essa paixão podia converter em prodígio esse parcimonioso. Quando, com as suas dedicatórias, procurava prover-se de dinheiro, visava apenas adquirir obras novas, aumentar o seu rol de clássicos gregos e latinos. E não admirava o livro só pelo seu conteúdo, mas, como os primeiros bibliófilos, pura e materialmente pela aparência, pela forma delicada, prática e ao mesmo tempo estética.

Estar junto de Aldo em Veneza ou de Froben em Basileia, nos ambientes acanhados das impressas, no meio dos impressores, manusear as

Erasmo de Rotterdam

folhas ainda úmidas do prelo, encaixar ornamentos e iniciais graciosas com os mestres dessa arte, empunhar a pena agil e ponteaguda do revisor, caçando infatigavelmente os erros de impressão, dar, nas laudas mal enxutas, a uma frase latina uma feição mais pura e mais clássica, eram para Erasmo os instantes mais venturosos da existência; colaborar nos livros, agir através deles parecia-lhe a sua missão natural.

Finalmente, ele nunca partilhou a vida dos povos ou das nações; pairou sempre acima deles, numa atmosfera fluida e luminosa, na torre de marfim dos artistas e dos acadêmicos. Assomava, porem, às ameias dessa torre, construída inteiramente de livros e de labor, para, com o olhar desassombrado e justo, perscrutar e entender a vida.

*

* *

De fato, a aspiração desse genio investigador era compreender, compreender cada vez melhor. Talvez não se possa, rigorosamente, qualificar Erasmo de espírito profundo, incluí-lo no número dos pensadores positivos, dos grandes reformadores que dotam o mundo dum novo sistema planetário espiritual. As verdades de Erasmo eram propriamente esclarecimentos. Cumpre, porem, dizer que, se não era um espírito profundo, possuía uma inteligência insolitamente ampla, justa e clara, a liberdade de pensamento dum Voltaire ou dum Lessing, as típicas faculdades compreensivas e creadoras de compreensão. Foi um intérprete, na acepção mais nobre do termo.

Preparar clareza e equidade era, para ele, uma função natural. O equívoco repugnava-lhe, uma repulsão instintiva o desviava de todo misticismo confuso, de toda metafísica transcendente; como a Goethe, nada se lhe afigurava mais detestável do que o nebuloso. A amplidão não o atraía, não o seduzia a profundidade. Nunca o vemos curvar-se sobre o "abismo" de Pascal, sofrer os abalos dum Lutero, dum Loyola, dum Dostoiewski, essas crises tremendas prenunciadoras de insânia ou de morte. Todo excesso era estranho à sua índole equilibrada e nenhum filho da Idade Média foi menos supersticioso do que ele. E' de crer que sorrisse, com o seu sorriso imperceptível, ante os êxtases e os espasmos dos seus contemporâneos, as visões infernais de Savonarola, a obsessão diabólica de Lutero, as fantasias astrais de Paracelso. Erasmo só podia conceber e explicar o positivo. Dum simples olhar seu manava a claridade e, em todo assunto, a luz da sua visão infalível criava imediatamente compreensão e ordem. Graças a essa lucidez transparente do pensamento e à penetração sentimental, foi o grande intérprete, o crítico, o educador e o mestre do seu século, mestre não só da sua geração como das sucessivas, dos iluminados, dos livres pensadores, dos enciclopedistas do século XVIII, e muitos pedagogos do século seguinte são ainda reflexos do seu espírito.

Mas, em todo equilíbrio, em toda doutrina, se esconde o perigo da degenerescência, da queda no trivial; se o iluminismo dos séculos XVII e XVIII nos confunde com os seus sofismas arrogantes, a culpa não cabe a Erasmo, de cujos métodos aquele era apenas um arremedo a que faltava ab-

solutamente o espírito do filósofo, o grão de sal ático, a superioridade soberana que anima as cartas e os diálogos do mestre e lhes dá tão delicado sabor literário.

Em Erasmo, a ironia contrabalançava sempre a gravidade doutrinária. Côncio da sua força, ele comprazia-se em brincar com o seu poder espiritual e, acima de tudo, possuía o humor cintilante, mas inofensivo, cáustico sem maldade, herdado por Swift e mais tarde por Lessing, Voltaire e Shaw.

Primeiro grande estilista da nova era, teve a arte de murmurar displicentemente, com um malicioso piscar de olhos, muitas verdades heréticas, o dom de tratar, sob o nariz da censura, dos assuntos mais melindrosos, com impudência genial e habilidade inigualável. Rebelde perigoso, nunca se expunha ao perigo, refugiando-se ora na sua sotaína, ora na irresponsabilidade duma pretensa loucura. Um décimo do que ousava dizer do seu tempo bastava para levar à fogueira outros que o não sabiam exprimir com a mesma subtileza. Entretanto papas e príncipes da Igreja, reis e duques aceitavam, lisonjeados, os seus livros e os retribuiam com dignidades e presentes. Sob esse envoltório humanístico-literário, Erasmo introduziu sorrateiramente nos claustros e nas cortes principescas o material explosivo da Reforma. Precursor em todos os campos, instaurou o uso da prosa política, na sua escala completa, do lirismo ao libelo, dessa arte alada das palavras incendiárias que se aperfeiçou magnificamente em Voltaire, Heine e Nietzsche, ridicularizando todo poder sacro ou profano e mais nociva às institui-

ções vigentes do que um ataque franco e rude. Graças a Erasmo, o literato passava a ocupar um lugar entre os outros poderes europeus e, para sua glória imortal, essa autoridade nunca o ajudou a desunir ou amotinar, mas a fortalecer a união e a comunidade.

*
* *

A princípio, ninguém viu em Erasmo um grande escritor; para impressionar o mundo, um homem da sua espécie tem de envelhecer. Um Pascal, um Spinoza, um Nietzsche podem morrer na juventude, porque o seu espírito sintético atinge a perfeição justamente nos moldes mais estritos e limitados, enquanto um Erasmo, espírito coletor, comentador, analítico e tolerante, que não encerra a própria essência em si mesmo, mas a aufere do mundo, não pode operar pela sua intensidade e sim pela sua extensão.

Erasmo foi mais erudito do que artista. Para a sua inteligência perpetuamente alerta, escrever era outra forma de conversação e não custava um esforço excepcional à sua mente mobilíssima. Compor um novo livro — ele próprio o declarou — se lhe afigurava mais fácil do que rever uma obra anterior. Não necessitava de estímulos exteriores; nele a percepção se antecipava sempre à palavra. “Quando leio os teus escritos”, dizia-lhe Zwingli, “é como se te estivesse ouvindo e visse agitar-se diante de mim o teu vulto baixo, mas elegante.” As suas obras eram tanto mais persuasivas quanto mais compreensíveis e, à medida

Erasmus de Rotterdam

que aumentava o número das suas criações, a sua influência se dilatava.

O primeiro sucesso literário de Erasmo foi obra do acaso ou, quiçá, efeito dum pressentimento instintivo da atmosfera da época. No decorrer dos anos, o jovem preceptor compilara, com intuitos didáticos, para os seus alunos, uma coletânea de máximas latinas, e oportunamente mandou-a imprimir em Paris sob o título de "Adágia". Sem o querer, satisfazia assim uma aspiração do esnobismo do seu tempo. Efetivamente o latim estava em grande moda e toda pessoa culta — opinião que prevaleceu até ao nosso século — julgava-se obrigada a entremear de citações clássicas as próprias cartas, dissertações ou discursos. A sábia seleção de Erasmo poupava, pois, aos "snobs" o trabalho de ler os autores antigos. Ao escrever uma carta, já não precisariam manusear in fólhos enormes; bastava-lhes colher habilmente uma bela flor de retórica nas páginas de "Adágia". E, como em todos os tempos o esnobismo contou e conta adeptos incontáveis, o livro andou rapidamente o seu caminho; após uma dezena de edições, impressas em todos os países, continha o dobro das máximas da obra original e fazia de Erasmo, o bastardo, o engeitado, um nome subitamente célebre no mundo europeu.

*

* *

Um êxito isolado nada prova para um autor. Repetido, porem, muitas vezes e em domínios diversos, revela uma vocação, evidencia no artista

Stefan Zweig

um instinto especial. Essa força não se adquire, essa arte não se aprende.

Erasmus jamais visou conscientemente ao sucesso, sempre o recebeu como uma surpresa. Publicando os seus "Colóquios", poucos diálogos redigidos para uso próprio e para facilitar aos discípulos a aprendizagem do latim, fornecia um livro de leitura a três gerações. Quando se propôs fazer do "Elogio da loucura" uma sátira chistosa, desencadeou uma revolução contra toda autoridade. Traduzindo e comentando a Bíblia, dos textos gregos em latim, criou uma nova teologia. E o "Livro de consolação", escrito em poucos dias, para uma devota atormentada pela indiferença religiosa do marido, dotou dum catecismo a nova religião evangélica. Sem intenção determinada, Erasmo dava infalivelmente no alvo. O que agita um espírito livre e insubmisso sempre será novidade para um mundo prisioneiro das tradições. E quem se atreve a pensar com independência concebe as idéias melhores e mais uteis à comunidade.

CAPÍTULO IV

Retrato

“O ROSTO de Erasmo é uma das fisionomias mais definidas e expressivas que conheço”, afirma Lavater cujo mérito de fisionomista ninguém pode contestar. Assim a encararam também os grandes pintores da época: máscara expressiva e definida dum novo tipo humano. Hans Holbein, o mais minucioso dos retratistas, pintou o grande “praeceptor mundi” não menos de seis vezes e em diferentes épocas da vida. Duas vezes o retratou Alberto Dürer e uma vez Quintino Matsys. Nenhum alemão possui tal e tão famosa iconografia.

Em verdade, retratar Erasmo, o “lumen mundi”, era ao mesmo tempo tributar pública homenagem ao homem universal que unira numa só irmandade cultural e humanística as corporações distintas das várias artes. Nele glorificavam os pintores o seu patrono, o campeão duma nova forma harmônica e moral de existência. Representavam-no, pois, com todas as insígnias do seu poder intelectual. Assim como se imortalizava o guerreiro com as máquinas bélicas, o capacete e a espada, o nobre com braços e divisas, o bispo com o anel e os paramentos, assim em todas as suas efígies Erasmo figura como o senhor da arma

recem-inventada, o homem do livro, representado, sem exceção, no meio duma legião de volumes, escrevendo ou compondo. No quadro de Dürer o vemos com o tinteiro na mão esquerda e a pena na direita, cercado de livros ante um baluarte de in-fólios. Um retrato de Holbein nô-lo apresenta apoiado num volume que traz simbolicamente, este título: "As fadigas de Hércules", modo subtil de glorificar o carater titânico das realizações do original. Noutra gravura, o artista o surpreende, pousando a mão na cabeça dum simulacro do deus romano Terminus, como a conceber, a elaborar uma idéia. E em todos êsses quadros, tão nítidos como a atitude corporal, percebem-se a "finura, a reflexão, a timidez-ousadia" (Lavater) da sua feição intelectual, o pensamento, a observação, a auto-análise que emprestam a essa fisionomia um tanto abstrata uma irradiação inesquecível e sem par.

Em si e nos seus traços materiais, encarado simplesmente como máscara, como superfície, prescindindo da luz interior concentrada nos olhos, o rosto de Erasmo não merece em verdade que o qualifiquemos de formoso. A natureza não prodigalizou dotes físicos a esse homem de inteligência tão rica; deu-lhe apenas o mínimo de vitalidade e robustez, um corpo enfezado e uma cabeça pequena, em vez dum organismo são, enérgico e resistente. Debil, descorado e frio, corria-lhe o sangue nas veias; cobria-lhe os nervos sensíveis a epiderme fina, doentia e baça dos sedentários, convertida pelos anos num pergaminho pardacento e quebradiço, sulcado de rugas e vincos numerosos. Em tudo se revelava a escassa

Erasmus de Rotterdam

força vital dessa constituição; cabelos dum louro desbotado, raros e sem pigmento enquadravam têmporas riscadas de veias azuladas; as mãos exângues brilhavam com uma transparência de alabastro. O nariz demasiado longo lembrava um bico de ave; os lábios eram delgados e sibilinos, a voz surda e sem timbre, os olhos, apesar de todo o seu fulgor, pequenos e opacos. Em nenhum traço dessa fisionomia austera de trabalhador e de asceta predominava um tom forte, uma forma arredondada.

Custa-nos imaginar esse erudito na mocidade, cavalgando, nadando ou esgrimindo, galanteador, ou apenas afável com as damas, arrostando as intempéries, rindo ou falando alto. Contemplando essa face fina e fanada de monge, evoca-se involuntariamente uma janela fechada, um quarto aquecido, calhamaços poeirentos, noites de insônia e dias laboriosos. Nenhum calor, nenhuma onda de energia mana dessas feições rígidas. Erasmo sempre foi, de fato, um friorento constantemente envolto em roupas de mangas largas, pesadas, guarnecidas de peles, e sempre resguardou das correntes de ar a cabeça precocemente fria, com um gorro de veludo. Essa fisionomia é, em suma, a dum homem que não vivia na vida, mas no pensamento, cuja força não residia no corpo e sim na caixa óssea limitada pela fronte pálida. Fraco ante a realidade, Erasmo manifestava o seu verdadeiro poder vital nos feitos da inteligência.

Só essa aura espiritual lhe dava expressão ao rosto. Inolvidável e inigualável é, por isto, o quadro de Holbein que o representa no instante mais sublime, no segundo creador do trabalho. Essa

obra prima das obras primas desse mestre constitui talvez simplesmente o retrato mais perfeito dum literato a que a palavra viva se revelava na evidência da escrita. Recordemos o quadro — quem dentre os que o viram o poderá esquecer? Erasmo escreve de pé a uma estante; uma intuição misteriosa nos diz que está sózinho num ambiente em que reina absoluta calma. Atrás do escritor, as portas devem estar fechadas; ninguém anda, nada se move na cela estreita; seja como fôr, esse homem absorto em si mesmo, enlevado no transe da criação, não perceberia o que quer que ocorresse em torno dele.

Na sua imobilidade, o diríeis petrificado; observando-o melhor, vereis, porém, que essa atitude não é inércia, mas abstração total, vida interior e secreta. Efetivamente, nessa profunda concentração, a luz das pupilas azuladas dardeja sobre as palavras traçadas na alvura da lauda em que a mão direita, pálida, delicada, quasi feminina, grafa os vocábulos, obedecendo à ordem que recebe do alto. Os lábios cerrados, a fronte serena e fria curvam-se para o papel inerte em que a pena vai deixando mecanicamente os seus sinais. Mas uma leve contração muscular entre as sobran celhas denota a intensidade do trabalho mental que se completa invisível, imperceptivelmente. Quasi imaterial, esse leve sulco espasmódico tão próximo da zona cerebral criadora, revela a luta penosa pela expressão, a busca afanosa do termo adequado. O pensamento transparece, francamente materializado, nessa expressão fisionômica; percebe-se que no homem fremente de paixão interior tudo é tensão, esforço vibrante.

Erasmus de Rotterdam

Essa tela eterniza magnificamente o instante fugaz da transformação química da matéria intelectual em forma e caracteres, em aspecto palpável. Poderieis contemplá-la durante horas, admirar-lhe a serenidade. No símbolo de Erasmo em plena atividade mental, Holbein perpetuou a sagrada seriedade do artifice intelectual, a paciência ignorada de todo verdadeiro artista.

*

* *

Só esse retrato nos revela a personalidade de Erasmo; só nele se adivinha a força oculta no corpo mesquinho que esse gênio arrastava, como o caracol leva após si a concha fragil e incômoda. Em toda a sua vida, Erasmo dependeu dos caprichos da sua saúde precária. Dera-lhe a natureza em nervos o que lhe negara em músculos e, desde a adolescência, a hipersensibilidade dos seus órgãos tornara-o neurastênico ou talvez hipocondríaco. Roto e insuficiente era o manto protetor que lhe devia cobrir os centros nervosos; sempre havia algum ponto exposto e sensível. Ora lhe fraquejava o estômago, ora o alanceavam os membros reumáticos; hoje o atormentava o "mal da pedra", amanhã a gota, com as suas torturas. A menor aragem causava ao hipersensitivo o efeito do frio num dente cariado. As suas cartas são uma queixa contínua, um rol interminável de doenças.

Nenhum clima se lhe mostrava inteiramente propício. Erasmo gemia no verão, enchia-se de tristeza sob o nevoeiro, abominava o vento, tiri-

tava à mais leve frialdade; mas, por outro lado, não tolerava a estufa, e o ar impuro dava-lhe náuseas e dores de cabeça. Debalde se envolvia em peliças e roupas quentes; para lhe manter fluido o sangue preguiçoso não bastava o calor normal do corpo e ele não podia prescindir duma dose diária de Borgonha; porem o menor laivo de acidez no vinho provoca-lhe distúrbios intestinais.

Perito apreciador de iguarias delicadas, verdadeiro discípulo de Epicuro, Erasmo sentia angústias indizíveis, ante uma mesa mal servida; a carne alterada revoltava-lhe o estômago e o cheiro de peixe punha-lhe um nó na garganta.

Essa sensibilidade exagerada impusera-lhe hábitos requintados; o bem-estar era-lhe indispensável. Erasmo só usava tecidos macios e quentes, não dormia senão em camas limpas e, na sua mesa de trabalho, ardiam custosas velas de cera, em vez do archote resinoso usual. Cada uma das suas viagens se lhe afigurava, por isto, uma aventura desagradável, e as notas desse eterno viandante, sobre as estalagens alemãs, então em estado ainda rudimentar, constituem um indicador histórico-instrutivo insubstituível e ao mesmo tempo divertido.

Em Basiléia, ele costumava desviar-se diariamente do seu caminho, para evitar uma viela particularmente malcheirosa. As emanações repelentes, o ruído, a imundície, a fumaça repercutiam-lhe dolorosamente no espírito; a algazarra, o tumulto infligiam-lhe à sensibilidade torturas intoleráveis. Certa vez, em Roma, os amigos o quiseram levar a uma tourada. Ele recusou, declarando com desgosto que "não encontrava nenhum pra-

zer nesse espetáculo cruento, nesses remanescentes da barbárie". Toda grosseria repugnava à sua delicadeza interior. Em plena era de desleixo corporal, no mundo bárbarico, esse higienista isolado suspirava ansiosamente pelo asseio que, como escritor e artista, mantinha no estilo e nas obras. No domínio do bem estar material, o seu organismo nervoso e moderno antecipava-se de séculos aos seus contemporâneos rudes, de epiderme pouco sensível e nervos de aço. Mas o maior dos seus temores era a peste que então se alastrava, mortífera, de país em país. Mal ouvia dizer que a epidemia nefasta grassava a centenas de milhas, Erasmo apressava-se a dar-lhe as costas, desarramava a tenda e fugia, temeroso, pouco se lhe dando se o imperador o convidara para o conselho, desdenhando as propostas mais lisonjeiras.

Ver o próprio corpo coberto de lepra, de úlceras ou de parasitos se lhe afigurava uma humilhação. Esse receio excessivo das moléstias nunca se desmentiu e, como verdadeiro mortal, Erasmo não se envergonhava de confessar que "tremia, ouvindo simplesmente mencionar a morte". Em verdade, como quem trabalha de bom grado e considera importante a própria tarefa, não queria cair vítima dum acaso estúpido e cego, dum contágio evitável. E, porque conhecia melhor do que ninguém a sua fraqueza inata, a sua particular fragilidade nervosa, protegia e poupava avaramente o seu corpo sensível. Recusava as hospitalidades demasiado generosas, certificava-se zelosamente da pureza e do preparo dos alimentos, furtava-se aos encantos de Venus e temia, acima de tudo, Marte, o deus da guerra.

À medida que a idade lhe exacerbava os achaques, ia vivendo cada vez mais retirado, defendendo a paz, a segurança e o isolamento de que necessitava para o seu único prazer: o trabalho. Só graças a esse cuidado higiênico, a essa renúncia dos sentidos, conseguiu o resultado inverossímil de arrastar sofrivelmente, pelo espaço de sete décadas, o seu debil invólucro material, através da época mais feroz e mais flagelada, conservando a única cousa que lhe parecia essencial na vida: a serenidade da sua visão, a intangibilidade da sua independência espiritual.

Um ser dotado de nervos tão tímidos, de tal hipersensibilidade dos órgãos, dificilmente seria um herói, e essa instabilidade física se lhe devia refletir inevitavelmente no caráter. Um simples olhar à feição moral de Erasmo nos mostrará que esse intelectual delicado e doentio era, entre as personalidades vigorosas da Renascença e da Reforma, pouco apto para desempenhar a função de chefe. “Nenhum traço francamente acentuado”, afirma Lavater da sua fisionomia. O mesmo poder-se-ia dizer da sua índole. Esse homem sem temperamento não nascera para a luta. Erasmo só podia defender-se à maneira de certos animaisinhos que, na hora do perigo, simulam a morte ou mudam de cor; mas preferia a tudo abstrair-se do tumulto, refugiando-se na sua concha, no seu gabinete de estudioso. Só se sentia seguro, atrás da muralha dos seus livros. Observá-lo nos momentos fatídicos é tarefa quasi penosa; mal a situação ameaçava agravar-se, ele esgueirava-se da zona perigosa, cobrindo a própria retirada a poder de “se” e de “mas”, oscilando entre o sim e o

Erasmus de Rotterdam

não, confundindo os amigos, exasperando os inimigos. E quem contasse com êle, como aliado, enganar-se-ia redondamente.

Solitário incorrigível, Erasmo não queria ser fiel senão a si mesmo. Detestava instintivamente todas as decisões que são outros tantos laços, e é lícito crer que Dante, o faccioso apaixonado, o incluiria pela sua tibieza nos neutrais, no “negregado côro” dos anjos que, na luta entre Deus e Lucifer, se negaram a tomar partido:

*“quel cattivo coro
Degli angeli che non furon rebelli
Nè fur fedeli a Dio, ma per se foro.”*

Onde quer que se exigisse abnegação e obediência, Erasmo recolhia-se ao frio envoltório da neutralidade, e por nenhum ideal do mundo, por nenhuma convicção se mostrava disposto a pou-sar, como penhor sangrento, a cabeça no cepo. Avaliava melhor do que ninguém a sua tão notória pusilanimidade e confessava espontaneamente que o seu corpo e a sua alma não eram da matéria que forma os mártires. Aplicava, porem, à própria atitude a escala de valores de Platão, segundo a qual a equidade e a tolerância são as virtudes capitais do ser humano, ocupando a intrepidez o segundo lugar.

A coragem de Erasmo evidenciava-se especialmente na sinceridade com que ele reconhecia a própria falta de caráter — aliás, uma forma de probidade assás rara em todos os tempos. E, como certa vez lhe exprobassem essa cobardia, replicou,

sorrindo subtilmente, com esta frase soberana: "O defeito que me censurais seria terrível, se eu fosse um soldado suíço. Como não passo dum pobre letrado, preciso do meu sossego para trabalhar."

Nesse instável havia propriamente um só elemento definido: um cérebro tão infatigável quanto ativo, por assim dizer um organismo distinto dentro do débil revestimento físico exterior. Aquele não temia ataques, não conhecia fadigas, hesitações ou dúvidas e, dos anos juvenis até à hora final, agiu sempre com o mesmo poder luminoso e iluminante. Fraco, hipocondríaco na carne e no sangue, Erasmo era um titã no trabalho. Para restaurar as forças do seu corpo enfezado — aproveitava-o tão pouco! — bastavam-lhe três ou quatro horas de sono. Nas vinte restantes, ele conservava-se constantemente em exercício, lendo, escrevendo, discutindo, cotejando ou corrigindo. Redigia os seus escritos em viagem, apesar dos solavancos; nas hospedarias, qualquer mesa lhe servia logo de estante. Para ele, estar acordado equivalia a trabalhar e a pena era de certo modo um sexto dedo da mão. Entrincheirado atrás dos seus livros e dos seus papéis, atento e curioso, observava como duma câmara escura todos os acontecimentos. Nenhum progresso da ciência, nenhuma invenção, nenhum libelo, nenhum sucesso político escapavam ao seu olhar vigilante. Graças aos livros e às cartas, inteirava-se da palavra escrita e impressa, e essa permuta de materiais com a realidade se processava, em Erasmo, unicamente no domínio cerebral, a sua obra tem um cunho acadêmico, uma frieza um tanto abstrata. Falta

Erásmo de Rotterdam

à produção, como ao autor, a seiva exuberante, a sensualidade. Esse homem só compreendia o mundo com os olhos do cérebro e não com os órgãos vivos e apreensores da visão; mas a sua curiosidade, a sua sede de saber abrangiam todas as esferas, dardejando, como um projetor, a própria luz sobre todos os problemas da vida, esclarecendo-os com penetração imparcial e inexorável — aparato mental absolutamente moderno, de exatidão inexcedível e de prodigioso alcance. Nenhuma forma de atividade dos seus contemporâneos se subtraiu à sua pesquisa e, em todo domínio do pensamento, esse espírito impulsor, mobilíssimo, abstrato e, contudo, sempre lúcido, foi precursor e pioneiro de empreendimentos mais tarde coroados de êxito.

Erasmus possuía, com efeito, um instinto divinatório; onde outrem passava despreocupado, ele pressentia os veios de ouro e prata dos problemas a resolver. Era o primeiro a adivinhá-los, a localizá-los, mas o prazer da descoberta esgotava-lhe a maior parte das vezes o interesse impaciente e erradio; e o descobridor deixava aos pósteros o encargo de trazer à luz o tesouro, de tamisá-lo e avaliá-lo. A sua penetração tinha limites: Erasmus, ou melhor, o seu olhar cerebral focalizava todas as questões, mas guardava-se de as resolver. Assim como o seu sangue e o seu corpo desconheciam as paixões arrebatadoras, assim às suas faculdades ativas faltava o extremo fanatismo, a obstinação inabalável, o furor faccioso; o seu mundo era a amplidão e não a profundidade.

Em consequência, todo juízo que se pronun-

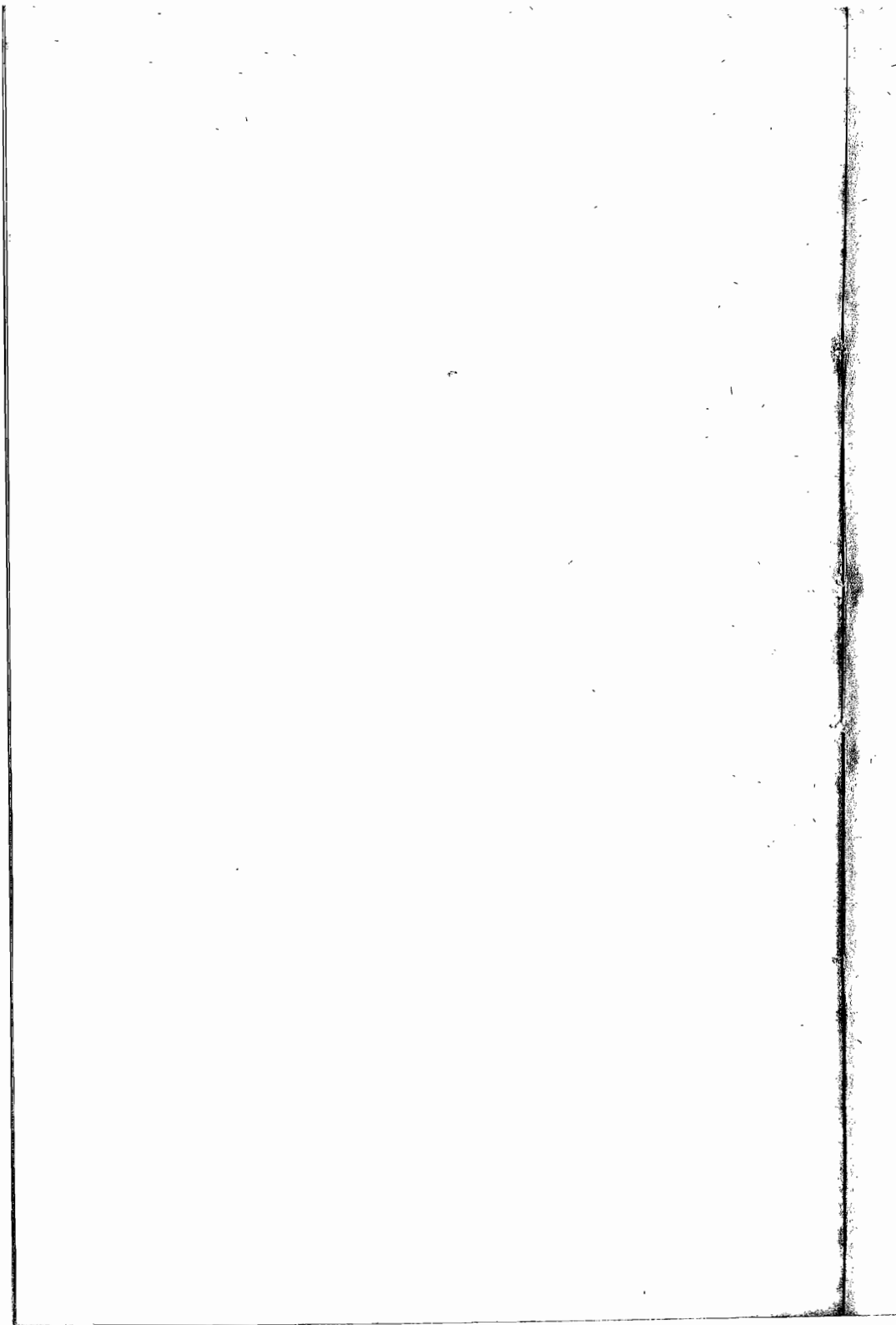
ciar sobre essa índole moderna e ao mesmo tempo superior a todas as épocas pecará por injusto, se a avaliar pela medida das suas obras e não pela extensão da sua influência. Erasmo era, em verdade, uma alma complexa, um conglomerado de dotes heterogêneos, uma soma e não uma unidade. Ousado e temeroso, ora avançando, ora hesitando ante o último passo, literato animoso e homem pusilânime, cético e idealista, continha em si, frouxamente combinados, todos os contrastes. Habitavam esse espírito, sem mútuo constrangimento ou hostilidade, um escritor fecundo e um teólogo livre-pensador, um censor severo da sua época e um pedagogo indulgente, um poeta um tanto frio e um terno apóstolo da humanidade. Efetivamente o seu talento capital: conciliar os litígios, resolver os antagonismos, exercia-se antes de tudo na sua vida interior. Mas de semelhante multiplicidade não era de esperar um efeito uniforme, e o que chamamos substância erásmica, idéia erásmica, estampou-se em alguns dos seus sucessores, graças a uma forma concentrada de expressão, mais profundamente do que no próprio Erasmo.

A Reforma alemã, o iluminismo, o conhecimento amplo da Bíblia, assim como as sátiras de Rabelais e de Swfit, a concepção européia e o humanismo da era moderna são reflexos do seu pensamento e não obra sua. Por toda parte ele imprimiu o impulso inicial e propôs o problema, e por toda parte o movimento o ultrapassou. São raras as realizações das índoles compreensivas, porque a extensão do olhar paralisa a impulsão; como diz Lutero, "raros empreendem delibera-

Erasmus de Rotterdam

damente uma boa obra de sabedoria e de prudência; tudo se elabora no inconciente”.

Erasmus foi a luz do seu século, de que outros foram a força; iluminou a estrada que outros trilhariam, ficando ele, como toda fonte de clareza, na penumbra. Mas quem aponta novos caminhos não é menos digno de apreço do que o que os percorre pela primeira vez. Quem opera invisível também exerce a própria ação.



Apogeu

FELICIDADE incomparavel na vida dum artista é a descoberta da forma temática de arte em que se possam conjugar, em plena harmonia, todos os seus dotes. Conseguiu-a Erasmo, graças à realização perfeita e deslumbrante da sua idéia, no "Elogio da loucura". Nenhuma das suas obras nos revela a sua maestria tanto como esse livro famoso —aliás a única produção do filósofo de Roterdam que logrou sobreviver ao passado. Jovial era o espírito e leve a mão que desfechavam esse golpe no coração da época. Composto em sete dias, ao correr da pena, esse "Satyricon" cintilante foi em verdade um desaforo; porem exatamente essa leveza deu-lhe azas e a displicência dum vôo despreocupado.

Erasmo completara então quarenta anos, e não só se excedera em ler e escrever, mas tivera tempo para mergulhar os olhos cétricos e frios no âmago da alma humana que não lhe parecera absolutamente conforme aos seus desejos. Avaliara o poder insignificante exercido pela razão na realidade, a insensatez dos esforços confusos e, como no soneto de Shakespeare, onde quer que fixasse o olhar, vira

Stefan Zweig

"... o mérito a mendigar,
"nulidades emolduradas de esplendor,
"a arte amordaçada pela autoridade,
"a inteligência privada de direitos,
"a pura integridade julgada estupidez."

Outrem que, como ele, pobre e obscuro, houvesse esmolado longamente à porta dos poderosos teria o coração impregnado de amargor, como uma esponja embebida de fel; encanecido pela injustiça e pelo absurdo das ações humanas, sentiria, sem dúvida, tremerem-lhe os lábios de cólera e de brados de protesto. Erasmo, porém, não era no íntimo um "sedicioso", um rebelde, uma índole radical. A queixa explícita e patética não condizia com o seu temperamento comedido e cauteloso. Faltava-lhe, demais, a ilusão ingênua e sublime de que um golpe, um impulso bastam para banir da terra todo o mal. De fato — pensava ele, resignado — de que vale desavir-se com o mundo, se ninguém o pode modificar com o próprio esforço isolado, se o engano e a auto-ilusão parecem inerentes ao humano eterno e invariável? O sensato não se lamenta, o prudente não se exalta; observa a luta insana, com olhos penetrantes e lábios desdenhosos, e prossegue, imperturbável, o seu caminho — o "guarda e passa" de Dante.

Contudo, às vezes, a mente severa e inexorável do sábio pode ter a sua hora de capricho; então aquele sorri e o seu sorriso irônico ilumina o mundo. Naqueles dias — corria o ano de 1509 — Erasmo vagueava através dos Alpes. Acabava de deixar a Itália onde encontrara a Igreja em plena decadência religiosa, o papa Júlio em função de "condottiero", cercado dos seus capitães, os bis-

pos ostentando um fausto pródigo, em vez da pobreza apostólica; presenciara, nesse país dilacerado, a criminosa fúria guerreira dos príncipes, ávidos de presa como lobos, em luta uns contra os outros; vira a miséria comovente do povo e penetrara mais uma vez, profundamente, no abismo do absurdo.

Agora, porém, essas sensações pertenciam ao passado, ficavam, como uma nuvem sombria, além do perfil luminoso dos Alpes. Erasmo, o sábio, o letrado empreendia nova jornada, sem levar após si — acaso raro — a sua bagagem filosófica, os seus códices e os seus pergaminhos a que, em outras ocasiões, uma curiosidade afeita aos comentários o mantinha apegado. Sentia o espírito sem peias, no espaço livre, propenso para o gracejo e a petulância; uma idéia esvoaçava-lhe no cérebro, feiticeira e irisada como uma borboleta, e não o abandonou nessa viagem feliz.

Chegando à Inglaterra, mal se viu no ambiente familiar e sereno da casa de campo de Tomaz More, Erasmo compôs uma curta sátira, destinada propriamente a alegrar o restrito círculo amigo, e em honra do seu anfitrião deu-lhe por título o trocadilho "Encomium Moriae" — em latim "Laus sultitiae" — que se pode traduzir simplesmente por "Elogio da loucura".

Comparado às obras principais do filósofo, aos seus outros livros austeros, importantes, ponderosos, sobrecarregados de sapiência, esse breve e insolente "Satyricon" se nos afigura, a primeira vista, eivado de arrogância juvenil, insignificante e frívolo. Não é, todavia, o volume nem o peso o que dá a uma obra de arte a estabilidade interior;

e assim como na esfera política uma simples frase, um dito espirituoso produzem frequentemente efeito mais decisivo do que uma oração demostênica, assim no reino das letras os pequenos formatos sobrevivem quasi sempre aos volumosos calhamaços. Dos cento e oitenta tomos de Voltaire edita-se hoje apenas "Candide", a novela curta e irônica; dos inúmeros infólios do literato Erasmo subsiste só o filho do acaso, o produto duma hora de bom humor, a brincadeira cintilante: "Laus stultitiae".

*
* *

O artifício único e inexprimível dessa obra reside num expediente genial: Erasmo não tomou pessoalmente a palavra, para divulgar as amargas verdades que pensava dos poderosos da terra, mas enviou em seu lugar, à cátedra, a "stultitia", a insânia que ali pronuncia o próprio panegírico. Daí se origina um cômico quiproquó. Nunca se sabe a quem se deve atribuir propriamente o discurso: fala a seriedade de Erasmo ou a loucura "in persona", à qual é lícito exprimir-se com impudência e grosseria? Com essa ambiguidade, o autor estabeleceu para todas as audácias uma posição intangível. Não manifestava a sua opinião pessoal e, se alguém, movido por uma vergastada mais cortante, por um sarcasmo mais mordaz, se lembrasse de o interpelar, ele poderia responder: "Não sou eu que o digo; é dona Stultitia; quem tomará a sério as divagações da demência?"

e,
le
e-
F-
os
L-
P-
O
O
L-



Martinho Lutero, em 1523, por Daniel Hopfer, Gravura da
Lutherrhalle, Wittenberg.



erit. i. inextinguibilis igitur motus et risus beatis dñs. Ut uideret Volca-
 mum per domus seruientem. Senex amator. Hic nymphas persequitur, &
 insidiatur apud Ouidium. πῶς κόβεται. Cordax genus ridicula saltatio
 nis ac rusticana, cuius meminit Lucianus in libro de saltatione, meminit &
 Pollux libro quarto, capite xii. περιελαύνει. πῶς εἰς αὐτοῦ. Vox
 ficta, qua representat saltatio Cyclopis Polyphemi unde & Horatius. Salta-
 ret un Cyclopa rogabat. Meminit Aristophanes in Pluro. ρυμνοδοίον. &
 hoc saltationis gen^a a nuditate pedū dictū, γυμνοὶ ἐμὶ νυδῷ. ποὺς pes. dicūt.
 Attellanas. Attellana saltationis est genus in quo oblectis gestulationi/
 bus libido representabat, ab Atella ciuitate uocatur. Pan.) Nam & is fistu-
 lam habet

Do "Elogio da Loucura", de Erasmo, Basileia, 1515, com ilustrações de Hans Holbein.
 Pinacoteca Pública de Basileia.

Contrabandear, no mundo da censura e da inquisição, a crítica dos costumes, através da ironia e do símbolo, era o único recurso dos espíritos independentes, na época do obscurantismo. Raros, porém, souberam valer-se dos sagrados direitos do louco à liberdade de palavra tão habilmente como Erasmo nessa sátira, a primeira, a mais corajosa e, ao mesmo tempo, a mais artística das congêneres dessa geração. Seriedade e motejo, sabedoria e zombaria serena, verdade e exagero se alternam num mosaico rutilante que se desdobra cada vez mais vivaz, aos olhos de quem o souber compreender e mondar devidamente.

Comparando-o às objurgatórias grosseiras, aos libelos estúpidos dos seus contemporâneos, compreende-se facilmente que semelhante fogo de artifício, num tempo de trevas intelectuais, redimisse e cativasse um século inteiro.

Abre a sátira uma cena cômica. Dona "Stultitia", em hábito talar, mas com um gorro de truão na cabeça — assim a representou Holbein — sobe à cátedra e dispõe-se a pronunciar sobre si mesma um discurso laudatório, gabando-se de conservar o mundo em marcha só com o seu esforço e o concurso dos seus auxiliares, Lisonja e Amor-próprio. "Sem mim, não se formaria nem poderia durar nenhuma aliança, nenhuma associação; sem mim, o povo não suportaria os soberanos, o senhor os servos, a criada de quarto a sua graciosa dama, o professor os discípulos, o amigo os amigos, a esposa o esposo, o hospedeiro o hóspede, o companheiro os camaradas; numa palavra: ninguém toleraria o seu próximo, sem a lisonja, a mistificação e a transigência recíprocas e, final-

mente, se a todas as cousas não se adicionasse o tempero da loucura". Só pelo amor insensato do dinheiro se cansa o mercador; só a "miragem da glória vã", a ilusão da imortalidade impele o poeta criar, inspira ousadia ao guerreiro. O homem prudente e sensato deveria evitar toda luta e esforçar-se apenas quanto bastasse para obter um lucro razoável. Se não medrasse nele uma erva descabelada e louca, a sede de imortalidade, nunca moveria as mãos nem cultivaria a inteligência. A partir daí, sucedem-se os paradoxos originais e cintilantes: só ela, dona "Stultitia", dispensadora de ilusão, pode dar a felicidade; o homem será tanto mais feliz, quanto mais cega fôr a sua dependência das paixões e mais absurdo o seu modo de viver. Em verdade, a reflexão, os cuidados oprimem a alma; o prazer nunca residirá na sensatez e na prudência, mas sempre e só será encontrado na embriaguez, nos desregramentos, no frenesi, na loucura. A verdadeira vida não se concebe, sem um traço de insânia; o justo, o perspicaz, que se não subordinam aos movimentos desenfreados da alma, não personificam o indivíduo normal e sim uma espécie de anomalia. "Só quem conheceu na vida a loucura merece deveras o nome de homem".

Em consequência, dona "Stultitia", ousada e presunçosa, proclamava-se mola real de toda ação humana, demonstrava, com eloquência persuasiva, que as virtudes mais celebradas no mundo, a perspicácia e a equidade, a sinceridade e a honradez, foram propriamente inventadas para amargurar a existência dos que as praticam e, como dama instruída, orgulhava-se de citar a seu favor o dito

de Sófocles: "Só na irreflexão se compreende a vida". Aliás, confirmando ponto por ponto e da maneira mais acadêmica a sua tese, exibiu um rol de provas, uma grande parada de insanos em que cada qual ostentava a sua mania particular. Desfilavam, evocados por ela, os retóricos loquazes, os juristas sofisticados, os filósofos convictos de que encerram no próprio saco o universo, os aristocratas soberbos, os traficantes gananciosos, os escolásticos e os escritores, os jogadores e os guerreiros, e finalmente os eternos alucinados do sentimento, os namorados, que no objeto do seu amor veem a soma de todas as delícias e de todas as perfeições.

Erasmus criou, com ciência incomparável, uma galeria grandiosa da insensatez humana, e aos grandes comediógrafos, como Molière e Ben Jonson, bastou, mais tarde, estudar-lhe os fantoches, para fazer seres vivos desses esboços caricaturais em que nenhum gênero de loucura foi omitido ou esquecido. Essa exposição completa era, para o autor, uma defesa; quem se poderia, com efeito, declarar particularmente visado, se nenhum caso aparecia menos acentuado do que o seu?

Por último, nessas páginas se evidenciava pela primeira vez a universalidade de Erasmus, a totalidade das suas forças intelectuais, o seu espírito e a sua sabedoria, a sua perspicácia e o seu humor. O ceticismo e a superioridade da sua visão do mundo fragmentavam-se em miríades de centelhas e de matizes, como um foguete em explosão. Uma mente superior se revelava inteiramente numa brincadeira.

Todavia, no fundo, esse livro representava

para Erasmo alguma coisa mais do que um gracejo. Nessa obra insignificante na aparência, o filósofo podia manifestar-se mais francamente do que em qualquer outra. "Laus stultitiae", o seu trabalho favorito, era por assim dizer um exame de consciência, um ajuste de contas com o seu próprio *eu*. Erasmo, que não se deixava iludir pelos homens nem pelas cousas, conhecia o fundo mais secreto da incapacidade que, no seu labor, o inibia de criar, na verdadeira acepção do termo. Não ignorava que o raciocínio, a ausência de paixões, a neutralidade e a abstração o tornavam uma exceção entre os homens. Força reguladora, a razão nunca será um poder creador; todo gênio realmente produtivo pressupõe sempre certa dose de ilusão. Em razão do seu extraordinário ceticismo, Erasmo foi a vida inteira isento de sentimentos fortes, um justo frio e sublime; jamais conheceu a ventura suprema da vida, a plena abnegação, o dom sagrado de si mesmo. Pela primeira e única vez, graças a esse opúsculo, percebeu-se que o filósofo deplorava secretamente a sua sensatez, a sua equidade, a sua adstrição ao dever, a sua moderação. E, como o artista crea com instinto mais infalível, quando dá corpo às suas deficiências, às faculdades que mais almeja possuir, o razoável por excelência foi, neste caso, escolhido para entoar o hino jovial à irreflexão e zombar subtilmente dos idólatras da prudência pura.

Não nos deixemos, porém, iludir pelo artifício soberano do livro, quanto à sua verdadeira significação. Aparentemente inofensivo, o "Elogio da Loucura" merece que o incluamos nas obras lite-

rárias mais perigosas do seu tempo, e o que hoje nos deslumbra como fogo de artifício de ditos espirituosos foi na realidade uma explosão que abriu caminho à Reforma germânica. O "Elogio da Loucura" sobressai entre os panfletos mais decisivos que jamais se escreveram.

Naqueles anos, os peregrinos alemães regressavam, cheios de azedume e de surpresa, de Roma onde o papa e os cardeais viviam com o fausto e a licenciosidade dos príncipes da Renascença italiana; os espíritos sinceramente religiosos reclamavam, com impaciência crescente, uma reforma da Igreja, "na cabeça e nos membros".

Mas a Roma dos pontífices magníficos não tolerava objeções nem sequer as mais bem intencionadas, e quem se atrevesse a falar muito alto ou com desusada veemência expiaria, amordaçado, o seu crime na fogueira. A indignação causada pelos abusos do comércio de relíquias e de indulgências só se podia desafogar em grosseiras canções populares ou em anedotas obscenas. Folhas volantes, ilustradas com a efígie dos papas em forma de vampiros monstruosos, circulavam secretamente de mão em mão. Erasmo procedia de maneira absolutamente oposta: afixava a lista dos pecados curiais nas paredes da época. Valendo-se da sua perícia no manejo da ambiguidade, punha nos lábios de dona "Stultitia" o protesto arriscado e necessário contra os abusos religiosos. Embora tivesse a palavra a insânia, quem não perceberia a intenção crítica de frases como estas: "Se os supremos sacerdotes, os papas, os vigários de Cristo quisessem deveras imitá-lo, suportando-lhe as dores, aceitando-lhe a pobreza,

carregando-lhe a cruz, partilhando o seu desprezo dos bens terrestres, quem seria no mundo mais digno de lástima do que eles? Quantos tesouros não perderiam os pontífices, se a sabedoria se apoderasse um dia do seu espírito? Em vez duma opulência fabulosa, das honras divinas, de diversões e prazeres, da distribuição de dignidades, cargos e dispensas, da recepção dos mais variados tributos, noites de insônia, dias de jejum, de preces e de lágrimas, consagrados a exercícios devotos, e inúmeras outras mortificações”.

Em certo ponto, abandonando o seu papel, dona “Stultitia” enuncia, com clareza insofismável, o postulado da futura reforma: “Desde que a doutrina de Cristo se apoia exclusivamente na brandura, na paciência e na renúncia aos gozos mundanos, não pode haver dúvida sobre a intenção do seu creador. Jesus quis, em verdade, preparar os seus representantes, segundo o seu ideal; exigiu, pois, que abandonassem não só o calçado e a bolsa, como as próprias vestes, para exercerem nus e sem recursos o seu apostolado. Nada trariam consigo, exceto a espada; não a arma funesta em que se escuda a pilhagem e a morte, mas o gládio espiritual que penetra no mais íntimo das almas e extingue de um golpe todas as paixões, para que, daí em diante, só a piedade reine, soberana, no coração dos homens.”

A farça transformava-se imperceptivelmente, assumia um tom de seriedade impressionante. Sob o gorro do truão, brilhava o olhar severo e infalível do maior censor da época; a loucura exprimia em voz alta o que ardia os lábios a milhares e centenas de milhares de fiéis. E essas

Erasmus de Rotterdam

páginas sugeriam à consciência do mundo, com mais energia, persuasão e clareza do que qualquer escrito do tempo, a necessidade duma rigorosa reforma da Igreja.

Sempre que se empreende uma construção nova, faz-se mister demolir as existentes. Em toda revolução espiritual, o crítico, o iluminado precedem o homem de ação, o reformador. Antes de semear, cumpre arrotear o terreno.

*

* *

Mas a simples negação, a crítica esteril não correspondiam à constituição mental de Erasmo. Apontando falhas, ele visava apenas reclamar o remédio; nunca censurava pelo prazer egoísta e soberbo de maldizer. Nada era mais alheio a essa índole tolerante do que o ataque iconoclástico e grosseiro à Igreja católica. Como humanista, Erasmo não almejava a revolta contra as autoridades eclesiásticas e sim a "reflorescentia", o renascimento da religião, a renovação da idéia cristã, pelo regresso à sua primitiva pureza nazarena. Assim como na Renascença as letras e as artes se rejuvenesciam magnificamente, pela volta aos modelos clássicos, assim Erasmo esperava a purificação da Igreja, exteriormente desfigurada, da exumação das suas fontes originais, da reintegração da doutrina no Evangelho e, em consequência, da verdadeira palavra de Cristo, "da descoberta de Jesus, oculto sob os dogmas". Essa aspiração cada vez mais intensa coloca o pensa-

dor de Rotterdam — precursor neste como nos demais domínios — à frente da Reforma.

Dado, porem, o seu carater, o humanismo nunca seria revolucionário; e, embora a sua sugestão da reforma eclesiástica o incluía na primeira fila dos que desbravaram o caminho, Erasmo, em razão da sua índole conciliadora e sumamente pacífica, recuava ante o cisma declarado. Jamais definiu, com a oposição violenta e radical de Lutero, de Zwingli ou de Calvino, o que lhe parecia justo ou injusto na Igreja católica, os sacramentos admissíveis ou inaceitáveis, e se a comunhão se devia entender como substancial ou insubstancial. Limitava-se a acentuar que a verdadeira essência da piedade cristã não consiste nas formas exteriores e que só o fervor íntimo pode fornecer a medida exata da fé dum indivíduo. A seu ver, não era o culto dos santos, as peregrinações, as salmodias, a escolástica teológica com o seu infrutífero “judaísmo”, o que fazia o cristão, mas a sinceridade espiritual e as normas humanas e cristãs da sua existência. Na opinião do filósofo, serve melhor os santos não quem lhes reúne e venera as relíquias, quem vai em romaria aos seus túmulos ou quem consome em sua honra muitas velas, e sim o que se empenha sinceramente em lhes imitar o exemplo; e mais vale orientar o procedimento pessoal, segundo o espírito de Cristo, do que ouvir missas e observar com o máximo rigor todos os ritos, preces e jejuns. “A quintessência da nossa religião é paz e concórdia”. Nisso, como em tudo, Erasmo propunha-se elevar o nível da existência, em vez de a comprimir em fórmulas; procurava

separar o cristianismo do puro clericalismo, fundindo-o com o espírito humano universal, incluindo na idéia cristã todo patrimônio moral e religioso dos vários povos, como elemento positivo, e pronunciando, em plena era de obscurantismo e de fanatismo dogmático, a palavra prodigiosa, capaz de dilatar o mundo: "Onde quer que se vos depare a verdade, considerai-a cristã".

O grande humanista lançava assim uma ponte a todos os tempos e a todas as esferas. Quem como Erasmo julga, sem preconceitos, a sabedoria, a caridade e a moral formas excelsas de humanidade e, em consequência, elementos cristãos, não pode ser exilado no inferno por zelotes monásticos tal como ocorreu com os filósofos da antiguidade — "O' santo Socrates!" exclamou um dia o pensador holandês, cheio de entusiasmo — mas transfunde na religião toda a nobreza e toda a sublimidade do passado, "assim como os hebreus, deixando o Egito, levavam consigo os seus objetos de ouro e de prata, para adornarem com eles o templo do país natal". Segundo a concepção religiosa de Erasmo, não é lícito excluir do cristianismo, com um limite inexorável, nenhuma das realizações significativas da ética humana ou do espírito moral, porque na humanidade não há verdade cristã e pagã, mas verdade divina em todas as suas manifestações. Eis porque ele nunca diz "theologia Christi", uma doutrina religiosa, mas "philosophia Christi", isto é, a doutrina do procedimento justo. No seu pensar, cristianismo era simplesmente outra denominação duma moral sublime e humana.

Comparado à solidez arquitetônica da exegese

católica e ao fervoroso apelo de amor dos místicos, o conceito básico de Erasmo parecerá talvez um tanto ingênuo e comum. Era, contudo, uma idéia humana; nesse, como em todos os campos do saber, a ação do filósofo exercia-se menos em profundidade do que em extensão. O seu "Enchiridion Militis Christiani", o manual do soldado cristão, escrito casualmente, a pedido duma nobre e piedosa dama, preocupada pelo estado de alma do marido, converteu-se num compêndio de teologia popular, graças ao qual a Reforma, com os seus postulados combativamente radicais, encontrou o terreno preparado.

Mas a missão desse solitário a clamar no deserto não era desencadear e sim conjurar, até ao derradeiro instante, com alvitres conciliadores, o conflito já iminente; tal foi a vocação desse sonhador, enlevado, num tempo em que minúcias dogmáticas alimentavam nos concílios debates azedos, em afagar a miragem duma suprema síntese de todas as formas honestas de crença, duma renascença do cristianismo que banisse do mundo, para todo o sempre, a inimizade e os contrastes, erigindo a fé em Deus em verdadeira religião da humanidade.

*
* *

A faculdade de exprimir a mesma idéia, sob diferentes formas, era inerente à versatilidade de Erasmo. No "Elogio da loucura", o censor incorrutível verberava os abusos interiores da Igreja católica; no "Manual do Soldado Cristão", deixava

Erasmo de Rotterdam

transparecer o sonho dum ideal acessível a todos, duma religiosidade mais íntima e mais humana. Simultaneamente, porem, assentava a sua teoria da “necessidade de exumar as fontes do cristianismo”, traduzindo para o latim, no triplice papel de filólogo, de crítico e de exegeta, o texto grego dos Evangelhos, ação preparatória da versão alemã da Bíblia por Lutero e, dada a época, de significação quasi idêntica.

Remontar à origem da verdadeira crença, analisá-la onde ainda brotava divinamente pura, não inquinada de nenhum dogma — tal foi a norma de Erasmo na nova teologia humanística. Já quinze anos antes de Lutero, uma instintiva divinação das necessidades desse tempo, o fazia atribuir à tradução da Escritura em língua nacional uma importância decisiva. Em 1504, escrevia Erasmo: “Não tenho palavras para exprimir o interesse com que percorro os textos sagrados e o desgosto que me inspira tudo o que deles me afasta ou interrompe simplesmente o meu labor”. A vida de Cristo, como é narrada nos Evangelhos, deixaria de ser privilégio dos monges, dos sacerdotes e dos latinistas; as classes populares também podiam e deviam conhecê-la amplamente: “o camponês a leria junto do arado, o tecelão ao pé do tear” e as mulheres, essa alma do cristianismo, a transmitiriam aos filhos.

Mas, antes de se atrever a advogar a grande idéia da translação da Bíblia para o idioma vernáculo, Erasmo, o letrado, percebera que a “Vulgata”, a única tradução latina do livro sagrado, autorizada e tolerada pela Igreja, encerrava muitas obscuridades e, do ponto de vista filológico,

não poucas incorreções. E, como nenhuma jaça devia empanar a verdade, o grande humanista empreendeu o trabalho colossal de trasladar de novo a Bíblia para o latim, acrescentando-lhe um comentário crítico das suas divergências e dos trechos interpretados livremente.

Essa nova versão, contemporaneamente latina e grega, foi publicada em 1516 por Froben de Basileia e equivaleu a mais um progresso revolucionário; o espírito de investigação penetrava, pois, vitorioso num domínio até então intangível: a teologia. Porém, segundo a sua feição típica, ainda nos casos em que agia com caráter subversivo, Erasmo salvaguardava de tal modo as aparências, que o impulso mais enérgico não provocava reação. Efetivamente, com o fim de prevenir os ataques dos teólogos, tivera a habilidade de dedicar essa primeira tradução livre da Bíblia ao chefe da Igreja, ao papa Leão X, fautor do humanismo. O pontífice respondeu-lhe em tom afável, exprimindo-lhe num breve a sua satisfação e louvando o zelo com que o filósofo se consagrara ao seu santo labor.

Graças à sua índole conciliadora, Erasmo sempre soubera evitar, individualmente, o choque entre a idéia eclesiástica e a pesquisa livre que em outros casos desencadeava tremendos antagonismos. O seu gênio da mediação, a sua arte de persuadir com brandura triunfavam plenamente nessa esfera perigosa.

*

* *

Erasmus de Rotterdam

Pronunciando, nesses três livros, a palavra decisiva para os problemas capitais da sua geração, Erasmo conquistou a admiração dos seus contemporâneos, e a maneira serena, compreensível e humana com que tratava as questões mais palpitantes do seu tempo grangeou-lhe inúmeras simpatias. A humanidade sempre se mostrou profundamente grata aos que julgam possível o progresso, por mercê da razão; em consequência, é fácil de entender a satisfação com que, após os monges irrequietos, os fanáticos litigiosos, os escolásticos sibilinos, o século recém-iniciado descobriu finalmente na Europa um homem que analisava os assuntos morais e religiosos à luz da humanidade, uma alma que, apesar de todos os obstáculos, acreditava no mundo e queria elevá-lo a paragens menos sombrias.

Aconteceu, pois, o que sempre ocorre, quando um indivíduo isolado investe resolutamente contra os problemas do seu tempo: forma-se em torno dele uma comunidade que, com a própria expectativa serena, lhe multiplica o poder creador. Todas as energias, todas as esperanças, todos os anseios de moralização e de melhoramento do gênero humano, graças à ação duma nova sabedoria, tomam por alvo esse homem; ele ou ninguém — é a opinião geral — poderá resolver a tensão enorme que oprime a época.

Em princípios do século XVI, o nome de Erasmo converteu-se de simples glória literária numa autoridade sem par. Um espírito audaz valer-se-ia dessa situação excepcional, para impor ditatorialmente uma reforma histórica. Tal não

Stefan Zweig

era, porém, a feição do humanista insigne. Ele esclarecia e não creava; preparava, mas guardava-se de realizar. O seu nome não figuraria no frontispício da Reforma. Outro colheria o que Erasmo semeara.

Grandeza e limitações do humanismo

ENTRE os quarenta e os cinquenta anos de idade, Erasmo de Rotterdam atingiu o zênite da sua fama. Havia um século que a Europa não assistia a semelhante glorificação. Nenhum outro nome contemporâneo, sem excetuar os de Dürer, de Rafael, de Leonardo, de Paracelso e de Miguel Ângelo, se pronunciava naqueles dias, no mundo intelectual, com tanta veneração; nenhum autor contava edições mais numerosas; nenhuma autoridade moral ou artística era comparável à sua.

Nas primeiras décadas do século XVI, Erasmo foi o protótipo do sábio, “optimum et maximum”, “o melhor e o mais sublime que se pode imaginar” — como diz Melanchton, no seu panegírico — o árbitro incontestado nos assuntos literários, poéticos, mundanos e espirituais. Ora o proclamavam “doctor universalis”, “príncipe da sapiência”, ora o cognominavam “pai do saber” e “defensor da teologia honesta”; era ainda “luz do mundo” e “Pitias do Ocidente”, “vir incomparabilis” e “doctorum phoenix”. Aplicado ao grande humanista, nenhum elogio parecia exagerado. “Erasmo — escreve Mutian — é um ente sobrehumano, divino, e deve ser venerado pia-

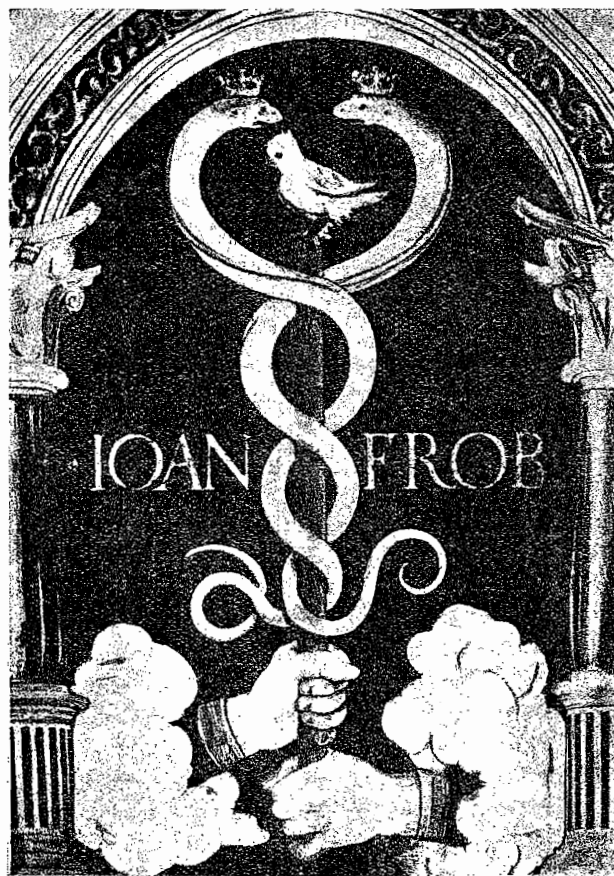
mente como criatura celeste". Camerarius, outro humanista, refere: "Quem quer que não se considere estranho ao reino das musas admira-o, exalta-o, canta-lhe louvores. Quem recebe dele alguma carta, grangeia renome e celebra um autêntico triunfo; mas o que lhe puder falar, será bemaventurado na terra."

Esboçava-se realmente uma espécie de rivalidade para obter as boas graças do letrado havia pouco obscuro, que, até então, lograra viver miseravelmente a poder de lições, dedicatórias e súplicas e que, a custo de lisonjas humilhantes, conseguia dos poderosos magros subsídios. Eis que, de súbito, os mesmos potentados o requestavam por seu turno, e o zelo com que os poderes mundanos e o dinheiro disputavam a honra de servir a inteligência era, na verdade, um espetáculo digno de atenção. Reis e imperadores, príncipes e duques, ministros e sábios, papas e prelados timbravam em merecer a benevolência de Erasmo. Carlos V, o senhor dos dois mundos, oferecia-lhe um posto no seu conselho; Henrique VIII queria-o em Londres, Fernando da Áustria, em Viena; Francisco I chamava-o a Paris. Da Holanda, do Brabante, da Hungria, da Polônia, de Portugal, chegavam-lhe as propostas mais sedutoras; cinco universidades porfiavam em lhe oferecer as suas cátedras; três pontífices lhe escreviam cartas respeitosas; ao seu aposento afluíam os tributos espontâneos dos seus opulentos admiradores: taças de ouro e baixelas de prata, vinhos caros e livros preciosos. Todos o lisonjeavam, todos o invocavam, para com a sua fama aumentar a própria.

Mas Erasmo, prudente e cético, aceitava cor-



Erasmus em medalhão. Retrato de Hans Holbein, 1532
Pinacoteca Pública de Basileia.



"Ex-libris" de Froben, pintado presumivelmente por Hol-
bein para tabuleta. — Pinacoteca Pública, Basileia.

Erasmus de Rotterdam

tesmente todos esses dons, todas essas homenagens, sem se julgar comprometido. Deixava-se presentear, louvar e invocar de bom grado e até com visível satisfação, porém não se vendia. Permitia que o servissem, mas recusava entrar ao serviço de quem quer que fosse — paladino inabalável da independência espiritual e da incorrutibilidade de artista, que reputava premissa necessária de todo efeito moral. Côncio de que, isolado, seria mais forte, considerava rematada loucura arrastar a sua glória de corte em corte, em vez de a fixar, como um astro sereno e cintilante, sobre a sua casa.

Erasmus já não precisava peregrinar; todos empreendiam viagens só para vê-lo. Graças à sua presença, Basiléia tornara-se o domicílio da inteligência, o centro intelectual do mundo; todo príncipe, todo sábio, todo homem cioso da própria fama timbravam em lhe exprimir, de passagem, a sua veneração; ter falado a Erasmus constituiu, a pouco e pouco, uma espécie de cavalaria cultural, e uma visita ao humanista holandês, como no século décimo-oitavo a Voltaire e no décimonono a Goethe, equivalia a um claro testemunho de respeito ao esteio simbólico do invisível poder espiritual. Para obter um seu autógrafo, jornameavam dias e dias grandes fidalgos e sábios famosos; um cardeal, sobrinho dum papa, tendo-o convidado três vezes em vão à sua mesa, não vacilou em visitá-lo na sórdida tipografia de Froben. As cartas de Erasmus eram guardadas pelos destinatários em estojos de brocado e exibidas como relíquias, aos amigos reverentes. Uma recomendação do mestre valia por um “abre-te Se-

samo" diante de todas as portas. Jamais um simples mortal, sem excetuar Goethe e o próprio Voltaire, gozou na Europa de semelhante poder internacional, só em virtude das suas faculdades intelectuais.

Vista do nosso tempo, a influência de Erasmo não nos parece, à primeira vista, explicável nem pela sua obra nem pelo seu caráter. Para nós, filhos deste século, o célebre filósofo é uma personalidade razoável e humana, versátil e multiforme, impressionante e persuasiva, mas de modo algum empolgante e reformadora do mundo. Porém, para a sua época, o grande humanista, mais do que uma glória literária, era e seria a expressão simbólica do mais secreto anseio espiritual da sua geração. Todo período histórico, desejoso de se renovar, começa por ver num indivíduo a encarnação do seu ideal. Para entender claramente a própria feição, o espírito do tempo escolhe como tipo um homem; e, quando essa personagem única, não raro escolhida por acaso, satisfaz amplamente a expectativa dos seus fautores, estes se inflamam cada vez mais com o próprio entusiasmo. Em geral, as idéias e os sentimentos novos são inteligíveis apenas a um círculo de escol; a massa nunca se apegava a conceitos abstratos, requer exclusivamente formas concretas, antropomorfas. Em consequência, põe de bom grado, no lugar da idéia, um homem, um símbolo, um modelo que procura imitar fielmente.

Por breve espaço, essa aspiração do tempo se encarnou completamente em Erasmo, porque "l'uomo universale", o neutral, o polímato, o profeta representava o tipo ideal da nova geração.

Erasmus de Rotterdam

No humanismo a época celebrava a própria coragem de pensar, a nova esperança que a animava. Pela primeira vez, a autoridade do espírito se antepunha ao poder hereditário e tradicional, e a prova da solidez e da presteza com que se estabelecia essa conversão é a espontaneidade com que os antigos potentados se subordinavam ao novo. Veja-se um símbolo no ato de Carlos V, curvando-se, em presença dos cortesãos estupefatos, para apanhar o pincel a Ticiano, o filho dum humilde pastor, na docilidade com que o papa, a uma ordem imperiosa de Miguel Ângelo, abandonava a Capela Sixtina, afim de não perturbar o mestre, no súbito interesse dos príncipes e prelados em coligar, em vez de armas, livros, quadros e manuscritos.

Os senhores do mundo capitulavam inconscientemente ante o fato de que o poder do espírito creador passava a exercer a soberania no Ocidente, movidos pelo pressentimento de que as criações artísticas estavam destinadas a sobreviver aos feitos políticos e marciais. Pela primeira vez, a Europa via a própria missão na preponderância do espírito, na formação duma civilização unitária ocidental, numa cultura internacional, modelar e creadora.

Animada por esse novo sentimento, a época elegeu em Erasmo o seu porta-estandarte, antepondo-o a todos, na sua qualidade de "antibarbarus", de adversário de todo retrocesso e de todo tradicionalismo, de precursor duma humanidade mais sublime, mais livre e mais humana, de guia na senda da futura cidadania universal.

Nós, os de hoje, veríamos sem dúvida o anseio

de liberdade, as aspirações e as energias daquele século, noutro tipo de "uomo universale", num carater mais profundo e de proporções mais grandiosas, em Leonardo ou em Paracelso.

Porem, justamente o que, em suma, prejudicava a grandeza de Erasmo: a sua intuição clara e em muitos casos duma penetração pouco vulgar, a sua feição de se contentar com o cognoscível, as suas maneiras cortesias, constituia nesse momento a sua felicidade. Instintivamente a época escolhia com acerto. Em toda experiência de reforma ou de reeducação do mundo, recorre-se em primeiro lugar aos reformadores moderados e não aos revolucionários violentos. Em Erasmo, via o seu tempo o símbolo da razão que opera serena, mas irresistivelmente. Pelo espaço dum minuto maravilhoso, a Europa fraternizou no sonho duma civilização unitária que, graças a um idioma, a uma religião e a uma cultura internacionais, pusesse termo às suas fatais discórdias seculares.

A essa tentativa inolvidavel prende-se indissolavelmente a figura e nome de Erasmo de Rotterdam. Os seus ideais, os seus desejos e os seus sonhos dominaram de fato, durante uma hora universal, o continente europeu; mas, por seu e nosso mal, essa sublime vontade de unificação e de pacificação definitivas do Ocidente não passou dum curto entreato, na tragédia escrita com sangue que é a história da nossa pátria comum.

*

* *

Erasmus de Rotterdam

Esse império de Erasmo, que, pela primeira vez — momento memorável! — abrangia todos os países, todos os povos os idiomas da Europa, era uma soberania clemente. Como se constituiu sem violência, unicamente pela força sedutora e persuasiva da realização intelectual, o humanismo repudiava toda arbitrariedade. Eleito por aclamação, Erasmo não praticava de modo algum uma ditadura despótica. Adesão espontânea e liberdade interior eram as leis fundamentais do seu reino invisível. A erásmica não procurava subordinar os homens aos seus ideais humanísticos e humanitários, com a intransigência dos soberanos e das religiões; chamava-os para si, como um clarão que, brilhando nas trevas, atrai ao seu círculo luminoso todos os animais circunstantes, persuadindo com brandura os inconcientes, os recalitrantes a se chegarem à sua luz.

O humanismo não nutria propósitos imperialistas, não conhecia inimigos, não queria servos. Quem não quisesse pertencer ao grêmio seletivo poderia conservar-se alheio, não sofreria constrangimento nem seria compelido violentamente a adotar o novo ideal. A intolerância — que sempre deriva duma íntima incompreensão — era estranha a essa doutrina de concórdia universal. Ao mesmo tempo, a ninguém se vedava o acesso nessa nova corporação da inteligência. Humanistas podiam ser todos os que aspirassem à educação e à cultura; todo indivíduo de qualquer categoria, homem ou mulher, fidalgo ou sacerdote, rei ou mercador, leigo ou monge, era bem aceito nessa comunidade livre; a ninguém se perguntava a origem, a nação, raça ou classe a que pertencia, o

idioma que falava. Introduzia-se assim, na mentalidade européia, uma noção nova: a idéia supranacional. A diversidade de línguas, barreira intransponível entre os homens, não continuaria a separar os povos; uni-los-ia, daí em diante, a ponte do idioma geral, o latim humanístico. Simultaneamente, a idéia nacional, ideal insuficiente pela sua limitação, seria sobrepujada pela concepção européia e supranacional. "O mundo inteiro é uma pátria comum", proclama Erasmo, na sua "Querela pacis".

Vista dessa eminência do panorama europeu a mortífera discórdia das nações, o rancor entre ingleses, franceses e alemães se lhe afiguravam absurdos. "Porque nos dividem essas denominações extravagantes, se nos une o nome de Cristo?" As contendas que lavravam no coração da Europa não eram, para os humanistas convictos, senão equívocos imputáveis a uma compreensão insuficiente, a uma união demasiado frouxa. Em vez de sustentar as pretensões vãs dos soberanos em duodécimo, do sectarismo fanático, do egoísmo nacional, os futuros europeus teriam a missão de fortalecer as alianças, o conceito europeu e humano, de preferência à idéia nacional e patriótica, e de transformar a noção do cristianismo de simples comunidade religiosa em fé universal, em sistema filantrópico de humildade e desprendimento.

A erasmica visava, pois, a um fim mais sublime do que a constituição duma comunidade cosmopolitana; nela transparecia já o propósito firme da unificação espiritual do Ocidente. Antes dela outras personalidades isoladas, os Césa-

Erasmus de Rotterdam

res romanos, Carlos Magno, como posteriormente Napoleão, tentaram fundir a Europa num todo homogêneo; mas, para unir povos e estados, esses autócratas empregavam ferro e fogo; o punho dos conquistadores destroçava, com o martelo da violência, os reinos mais fracos, afim de consolidar os elos dos mais fortes.

Em Erasmo a Europa via, pelo contrário — diferença decisiva! — uma idéia moral, um princípio absolutamente espiritual e altruista; dele derivou o postulado, até hoje irrealizável, dos Estados Unidos da Europa, sob os auspícios duma cultura e duma civilização comuns.

*

* *

Aos olhos do humanista holandês, paladino desse e de todos os programas de acordo, a premissa natural era a exclusão de toda violência e, portanto, a abolição da guerra, “o naufrágio de todas as cousas boas”.

Considera-se Erasmo o primeiro teórico literário do pacifismo. Efetivamente, num tempo de lutas contínuas, o filósofo de Rotterdam publicou nada menos de cinco obras contra a guerra: em 1504, a exortação a Filipe o Belo, em 1514 a súplica ao bispo de Cambrai: “como príncipe cristão, por amor de Cristo, intercedei pela paz”. Em 1515, incluía em “Adagia”, a famosa seleção de máximas, a frase eternamente verdadeira: “Dulce bellum inexpertis” — só aos que não a experimentaram a guerra parece bela. Em 1516, na “Instrução dum príncipe piedoso e cristão”, ad-

moestava a esse respeito o jovem Carlos V, e finalmente, em 1517, publicava em todas as línguas a "Querela pacis", divulgada, se bem que não ouvida, em todas as nações, a "queixa da paz repelida, expulsa e assassinada por todos os povos da Europa".

Já então, quasi cinco séculos antes da nossa era, o apóstolo da tolerância sabia, porem, que o fautor eloquente da paz pouco pode contar com a gratidão e o assentimento coletivos: "sucede que, se alguém abrir a boca, para maldizer da guerra, não será tratado cristãmente, mas com brutalidade e insensatez". Isto não o impedia de, no tempo do direito do mais forte e da violência rude, verberar intrepidamente a rivalidade dos soberanos. A seu ver, Cícero tinha razão, asseverando que "uma paz injusta é preferível a uma guerra justa", e o lutador solitário opôs a esse flagelo um arsenal de argumentos, aproveitáveis ainda hoje. "Quando os animais se entredevoram, compreendo e desculpo-lhes a inconsciência; entretanto os homens deveriam entender que, já em si, a guerra é necessariamente uma injustiça, porque em geral não sacrifica os que a provocam e dirigem, mas incide quasi sempre, com todo o seu peso, nos inocentes, no pobre povo que nada tem a ganhar nem com a vitória nem com a derrota. Na guerra, a maior parte dos males recai sobre os que nada tem com ela, e, ainda quando tudo corre da melhor maneira, a felicidade de uns é o dano e a ruína de outros".

Em consequência, a idéia da guerra nunca está unida à da justiça. "Logo — torna a perguntar Erasmo — como pode a guerra ser justa?"

Para ele não havia no domínio teológico nem no filosófico, uma verdade absoluta e uniforme. Na sua opinião, a verdade é sempre complexa e multiforme. O mesmo se pode dizer do direito. Portanto, “em nenhuma circunstância o soberano deve ser mais prudente do que ao declarar guerra; e não se prevaleça, sem considerações, do seu direito, pois a quem não parece justa a causa própria?”

Todo direito tem duas faces, todas as cousas se deformam e viciam por obra do partidarismo. Mas, ainda o que se julgar em pleno direito, não o deve defender nem impor com a violência, porque “da guerra nasce a guerra e de uma se originam duas”.

Para o intelectual, a decisão pelas armas nunca será a solução moral dum conflito. Erasmo declara expressamente que, em caso de guerra, os espíritos superiores, os sábios de todas as nações não infringiriam o seu pacto de amizade. A sua atitude nunca fortaleceria o contraste das opiniões, dos povos, das raças e das classes, com um aceso faccionismo; muito pelo contrário, permaneceriam imperturbáveis na pura esfera da humanidade e da justiça e a sua tarefa consistiria em opor perpetuamente ao absurdo feroz, brutal, maléfico e anticristão da guerra, a idéia da fraternidade e do cristianismo universal.

Erasmo nada exprojava com mais veemência à Igreja, aos seus olhos o grêmio moral mais excelso, do que haver sacrificado o grande ideal agostiniano da “paz universal em Cristo” à consecução do poder temporal. “Não coram os teólogos e os doutrinadores da vida cristã de serem

Stefan Zweig

movel provocador e incendiário da causa mais abominada por nosso Senhor Jesus Cristo!" clama ele, irado. E acrescenta: "Como é possível aliar o háculo à espada, a mitra ao capacete, o Evangelho ao escudo? De que modo se aveem para pregar Cristo e a guerra, para anunciar com o mesmo clarim Deus e o diabo? O espírito guerreiro não é senão a antítese da palavra divina, porque desmente a mensagem sublime que lhes transmitiu o seu Senhor e Mestre, ao dizer: "A paz seja convosco!"

*
* *

Sempre que elevava a voz contra a guerra, o ódio ou a intransigência partidária, Erasmo lançava um protesto exaltado, mas essa cólera sublime não lhe toldava a clareza da visão. Idealista pelo coração e cético pela inteligência, avaliava todos os obstáculos que se opunham à paz cristã universal e ao império absoluto da razão humana, no domínio concreto da realização. O sábio, que no "Elogio da loucura" descrevera todas as variedades irredutíveis da aberração e da insânia do seu próximo, não pertencia aos teóricos sonhadores, convictos de que se possa, com a palavra escrita, os livros, os sermões e os tratados, sopitar senão extinguir a violência instintiva da natureza humana. Ele não ignorava absolutamente que o apetite de prepotência e de luta alvoroça o sangue dos homens, desde os dias do canibalismo, há séculos e milênios, como turvo resíduo da sanha dos homens primitivos contra

os seus semelhantes. Sabia que ainda eram necessários séculos e talvez milênios de educação e de elevação cultural, para desbestializar e humanizar completamente o gênero humano; demais, cõscio de que os instintos elementares não se deixam exorcismar por frases brandas e moralizadoras, aceitava os bárbaros no mundo como um fato e como um mal inevitável.

A sua ação combativa desenvolvia-se, pois, noutra esfera; como intelectual, só se podia dirigir à inteligência, não aos gregários e aos vassalos, mas aos chefes e aos soberanos, aos sacerdotes, aos sábios e aos artistas, aos que julgava e declarava responsáveis pela discórdia da Europa. Como pensador de ampla visão, reconheceu havia muito que o instinto da violência, em si, não é nocivo ao mundo. Abandonado a si mesmo, tem curta vida; acomete com fúria cega e insana; porém, hesitante na vontade, limitado na percepção, após o ímpeto inicial retrai-se e esmorece. Ainda quando opera de modo mórbido e contagioso, sublevando grupos consideráveis, não passam estes de bandos indisciplinados que se dispersam, mal esfria o primeiro entusiasmo. No decurso da História, as insurreições, as explosões subversivas, desprovidas de direção espiritual, de organizações eficientes, nunca se tornaram temíveis; mas, toda vez que o instinto da violência se avassala a uma idéia ou dela se serve, nascem os verdadeiros tumultos, as revoluções sangrentas e devastadoras, porque um lema faz dum bando um partido, dum grupo um exército, e um dogma promove uma vasta agitação. Todos os choques cruentos das massas são menos imputáveis à sede de violência,

inata no gênero humano, do que a uma ideologia que desencadeia esse apetite funesto e o arremessa contra uma determinada parte da humanidade. Desde que o fanatismo, o bastardo da inteligência e da arbitrariedade, pretendeu impor ao universo a ditadura da segunda e as próprias idéias, como únicas formas lícitas de vida e de crença, a sociedade dividiu-se em amigos e inimigos, em adeptos e adversários, em heróis e criminosos, em fiéis e hereges; de fato, reconhecendo apenas o próprio sistema e considerando verdadeira só a sua verdade, esse déspota maléfico recorre à força para submeter ao seu jugo as múltiplas formas de manifestação da vontade divina.

Todas as repressões arbitrárias da independência espiritual, da liberdade de pensamento: a Inquisição, a censura, a fogueira e o cadafalso, não foram instauradas na terra pela violência cega, mas pelo fanatismo intransigente, por esse gênio do facciosismo, inimigo hereditário da universidade, prisioneiro duma só idéia e desejoso de encarcerar o mundo inteiro na sua prisão.

Em consequência, para o humanista Erasmo, que sempre reivindicou a fraternidade humana, como seu bem supremo e mais sagrado, não podiam os intelectuais carregar culpa mais grave do que fornecer, com uma ideologia unilateral, o pretexto decisivo à vontade das massas, perpetuamente inclinada para a violência, sublevando assim forças elementares que ultrapassam a idéia original e falseiam os intuitos mais puros. Um só individuo pode excitar as paixões humanas; porém quasi sempre é impotente para refreá-las no momento oportuno. Quem, com a palavra, atíça

um fogo amortecido deve ter consciência de que se expõe a provocar um incêndio devastador; quem açula o fanatismo, proclamando lícito um único sistema de vida, de pensamento e de crença, ha de ter a noção da responsabilidade que lhe acarreta o estabelecer a discórdia na humanidade, o concitar à luta contra as demais formas de opinião e de existência.

A tirania duma idéia é uma declaração de guerra à liberdade espiritual dos homens, e quem, como Erasmo, procura para todas as expressões do pensamento uma síntese suprema, uma harmonia universal, considera necessariamente um ataque à própria autonomia mental todo conceito unilateral, toda forma de incompreensão cega ou deliberada. Ao espírito educado humanisticamente, ao homem de senso humano, na acepção erásmica, não é permitido adotar nenhuma ideologia, porque todas aspiram mais ou menos à preponderância, nem aderir a nenhum partido, porque o dever de todo partidário é ver, sentir e pensar partidariamente. Em todas as circunstâncias, cumpre-lhe antes de tudo assegurar a si mesmo plena independência de pensamento e de ação, pois, sem liberdade, não pode haver justiça, a única idéia digna de ser o supremo ideal comum à sociedade humana. Pensar erásmicamente significava pensar com desassombro; agir erásmicamente equivalia a trabalhar em prol da concórdia. A erásmica, doutrina da humanidade, apostolado da união, não admitia no seu seio elementos dissolventes, não fortalecia os partidários no seu partidarismo, os adversários no seu rancor, mas facilitava a compreensão e ampliava o

âmbito da paz; e quanto mais obstinadamente a época se encerrasse no seu facciosismo, tanto maior deveria ser a firmeza dos seus prosélitos em perseverar na neutralidade que assiste a todos os erros e convulsões sociais como advogado incorrutível da liberdade espiritual e da justiça, na terra.

Toda idéia possui, segundo Erasmo, o seu direito e a nenhuma cabe o de se proclamar a única verdadeira. Ele, que celebrou e procurou entender a própria loucura, não se opunha hostilmente a nenhuma tese ou teoria; porém contrariava-as, resolutamente, desde que tentassem sobrepujar as outras com a violência. O humanista, como o homem versado em muitas ciências, amava o mundo justamente pela sua variedade e não o assustavam os seus contrastes; aboliu-os à maneira dos fanáticos e dos sistemáticos, que pretendem reduzir todos os valores ao mesmo denominador e todas as flores a uma só forma e colorido, era o que podia haver de mais estranho à sua estrutura mental. O traço distintivo do espírito humanístico era exatamente apreciar os contrastes, sem hostilidade, e buscar para tudo o que parece irredutível a unidade apropriada, a humana. Como sabia conciliar em si mesmo elementos aparentemente inconciliáveis: cristianismo e antiguidade, teologia e liberdade de pensamento, Renascença e Reforma, Erasmo acreditava que a humanidade chegaria um dia a fundir a diversidade dos seus aspectos num acorde feliz, as suas dissonâncias numa harmonia sublime. A suprema unanimidade do mundo, o acordo europeu e espiritual representavam propriamente o único elemento místico do

Erasmus de Rotterdam

humanismo, à primeira vista frio e racional. E, com o mesmo fervor com que, nesse período sombrio, os seus contemporâneos proclamavam a própria crença em Deus, o humanista pregava a sua fé na humanidade: o significado, a meta, o futuro do mundo seria a fraternidade e não o partidarismo e, portanto, uma vida mais humana e mais humanitária.

*

* *

Para disciplinar nesse sentido a grei universal, o humanismo via apenas um caminho: educar. Erasmo e os erásmicos nutriam a convicção de que o humano só se pode desenvolver no indivíduo, mediante a instrução e os livros, porque somente o inculto, o ignorante se entrega às suas paixões. O homem instruído, o civilizado — nisto consistiu o erro trágico dessa doutrina! — é incapaz de violência e, quando os instruídos, os civilizados constituírem a maioria, o caótico, o bestial se extinguirão automaticamente, a guerra e a constrição intelectual se converterão em anacronismos. Todavia, nessa supervalorização dos efeitos da cultura, o humanista não avaliava devidamente a força do instinto, a sua violência indomável, e com o seu otimismo espiritual banalizava o problema tremendo e por assim dizer insolúvel do ódio das massas, das grandes psicoses passionais da humanidade. O seu cálculo era demasiado simples: havia para ele duas camadas sociais: a superior e a inferior. Nesta vegetavam as multidões incultas, bárbaras, impulsivas; a outra formava o domínio resplandescente dos

instruídos, dos compreensivos, dos humanos, dos civilizados; e o adepto da erasmica reputava realizada a tarefa essencial, elevando um número cada vez maior de não-civilizados, dos abismos sombrios da ignorância às paragens excelsas do saber.

Assim como na Europa crescera gradualmente a extensão das zonas habitadas, em que antes perambulavam animais ferozes e perigosos, assim cumpria expurgar a pouco e pouco o ambiente europeu da incompreensão e da barbárie, criar uma região livre luminosa e fecunda, substituindo às idéias religiosas o ideal duma contínua elevação do gênero humano. Muito antes de ser, graças a Darwin, um método científico, a evolução foi por obra dos humanistas uma aspiração moral. Nela confiaram os séculos décimo-oitavo e décimonono e sob muitos aspectos a erasmica constitui o princípio básico da ordem social dos nossos dias. Nada mais falso, porém, do que ver no humanista, sobretudo em Erasmo, um democrata, um precursor do liberalismo. Nem um instante o filósofo holandês e os seus sequazes pensaram em outorgar o menor direito ao povo, à massa inculta e irresponsável — que para eles o era todo ignorante — e, se bem que em abstrato amassem a humanidade inteira, guardavam-se zelosamente de fazer causa comum com o “vulgus profanum”. Bem considerado, esse procedimento equivalia a substituir à soberba nobiliárquica um novo orgulho que depois, durante três séculos de crescente vaidade acadêmica, atribuiria exclusivamente ao latinista, ao universitário a faculdade de legislar sobre o justo e o injusto, sobre o moral e o imoral.

Os humanistas estavam tão determinados a

s
-
1
-
.
>
;
1
;
reger o mundo em nome da razão, quanto os soberanos em nome da força e a Igreja em nome de Cristo; o seu sonho era a oligarquia, o governo da aristocracia cultural; a exemplo da Grécia, só ao escol dos mais instruídos, *oí ághioi* caberia a direção da "polis", do Estado. Côncios da sua cultura superior, da sua visão mais esclarecida e humana, julgavam-se predestinados para intervir, como intermediários e guias, na discórdia das nações, a seu ver insensata e retrógrada; mas de modo algum contavam apoiar-se no povo; esperavam, pelo contrário, alcançar os seus fins, elevando-se acima da massa. Numa palavra, os humanistas não aboliam a cavalaria; pretendiam antes restaurá-la sob uma forma espiritual. Queriam conquistar o mundo com a pena, como aquela com a espada, e inconscientemente a imitavam, criando convenções sociais próprias que os distinguiam dos bárbaros, uma espécie de cerimonial cortesão. Nobilitavam os seus nomes, traduzindo-os em latim ou em grego, para disfarçarem a própria origem plebéia. Schwarzerd passou a chamar-se Melanchthon, Myknius substituiu Geitzhüsler, Olearius, Chytraeus e Cochlaeus encobriram respectivamente Oelschläger, Kochhaffe e Dobnick. Os adeptos do humanismo timbravam em usar amplas roupagens pretas com que, já na aparência, se distanciavam dos demais concidadãos. Reputariam humilhante escrever um livro ou uma carta no idioma pátrio, como um fidalgo se indignaria, se o obrigassem a marchar em grupo, com vulgares peões, em vez de precedê-los altivamente no seu corcel.

Todo membro dessa irmandade, em razão do

ideal comum de cultura, sentia-se adstrito a requintes especiais na atitude e no trato; evitava os termos grosseiros e, nessa era de rudeza e de barbárie, praticava como obrigação essencial a urbanidade mais apurada. Na palavra e nos escritos, na conversação e nas maneiras, porfiavam esses aristocratas da inteligência em aprimorar o significado e a expressão. Um derradeiro lampejo da extinta cavalaria, que descera ao túmulo com o imperador Maximiliano, iluminou o mundo, graças a essa ordem espiritual que, em vez da cruz, tomara por lábaro o livro. Mas, assim como a ordem fidalga sucumbira à rude e férrea violência dos canhões, assim o humanismo, a nobre associação de idealistas pereceria, nimbado de beleza, impotente para resistir ao ímpeto revolucionário e plebeu dum Lutero ou dum Zwingli.

Na verdade, foi justamente essa ignorância voluntária do que se referia ao povo, essa indiferença pela realidade o que privou o império de Erasmo de toda possibilidade de duração, e as suas idéias do poder de efeito imediato; a falta orgânica fundamental do humanismo consistiu em querer doutrinar a massa do alto, em vez de a estudar e entender. Esses sonhadores acadêmicos supunham dominar, porque a sua influência se exercia num campo ilimitado e em todos os países, nas cortes, nas universidades, nos claustros e nas igrejas, os seus súditos, os seus embaixadores e os seus legados divulgavam, altaneiros, nesses domínios até então bárbaros, os progressos da "eruditio" e da "eloquentia". Mas, no fundo, esse reino abrangia apenas uma tênue camada superior; laços frageis o uniam ao mundo real. À vista

das cartas da Polônia, da Boêmia, da Hungria e de Portugal que lhe traziam diariamente adesões entusiásticas, se os senhores da terra, o imperador, os reis e os papas porfiavam em obter a sua aprovação, admira que o filósofo, isolado no seu gabinete, se iludisse e julgasse o império da razão estabelecido em bases seguras?

Porem, acima dessas epístolas latinas, pairava o silêncio das multidões, ou melhor, o rosnar que se elevava, cada vez mais ameaçador, do abismo insondável das camadas populares. Como não cogitara da existência do povo e reputava vulgar e indigno dum civilizado cortejar as massas, privar com os incultos, com os bárbaros, o humanismo foi a doutrina de poucos eleitos, "of the happy few", não influenciou a maioria e o seu platônico reino humanitário não passou, afinal, dum império assentado das nuvens, donde pelo breve espaço duma hora deslumbrou os mortais, visão maravilhosa, produto puro do espírito creador, adejando beatificamente sobre as voragens dum mundo sombrio.

Essa criação artística e fria não lograria entretanto resistir à tormenta que já se formava nas trevas e, sem combater, se despenharia no passado.

*

* *

Tal foi com efeito a tragédia íntima do humanismo, a causa da sua queda fulmínea. Se os seus conceitos eram grandes, não o eram os homens que os professavam. Como em todas as reformas universais puramente acadêmicas, um

laivo de ridículo apegava-se a esses idealistas de gabinete, almas áridas, ainda que bem intencionadas, honestas, mas pedantes, ocultas sob os seus nomes latinos como num disfarce espiritual. O pedantismo escolástico mirrava nelas as idéias mais florescentes. Na sua ingenuidade professoral, os companheiros menores de Erasmo eram na verdade tocantes, pouco diversos da boa gente que ainda hoje se congrega em torno de concepções filantrópicas e universais, idealistas teóricos, crentes no progresso como numa religião, sonhadores inofensivos, continuamente ocupados em edificar à sua mesa de trabalho um mundo moral, em redigir teses de paz perpétua, enquanto na vida real uma guerra sucedia à outra e os papas, os imperadores, os soberanos, que tributavam aplausos entusiásticos aos seus postulados de concórdia, pactuavam simultaneamente entre si e uns contra os outros, pondo o continente em chamas. À descoberta dum manuscrito ignorado de Cícero — na opinião da tribu humanística — a terra inteira deveria estremecer de júbilo; o menor panfleto tinha o dom de alvoroçar e inflamar esse escol de eruditos que ignorava, porém, e não queria saber, o que comove o homem da rua, as leis que regem o fundo primitivo das massas. A palavra desses sábios, encerrados nos seus gabinetes, não provocava na realidade nenhuma ressonância; em razão desse alheamento fatal, dessa falta de popularidade e de entusiasmo, o humanismo nunca logrou comunicar fecundidade às suas idéias fecundas. O magnífico otimismo, base da sua doutrina, não pôde medrar, desenvolver-se de maneira produtiva, porque, entre esses pedago-

gos teóricos, nenhum possuía o dom poderoso da palavra para conquistar o povo. E o conceito magnífico e sagrado estiolou-se, pelo espaço dalguns séculos, numa descendência bastarda.

Todavia, a hora histórica em que a santa miragem da fé na humanidade, com o seu aspecto brando e incruento, iluminou a Europa, foi um instante sublime e, ainda que a ilusão de libertar e unir os povos, sob a égide da inteligência, fosse pueril e quimérica, devemos-lhe gratidão e respeito.

Sempre houve no mundo necessidade de homens convictos de que a história não é apenas uma chata e monótona repetição dos mesmos fatos, um jogo vão, reproduzido sob diversas variantes, mas significa progresso moral; sempre foram necessários entusiastas capazes de crer que a escala invisível da nossa estirpe ascende da animalidade à divindade, da violência bruta a um espírito sabiamente organizado, e que o último, o supremo grau da perfeição humana se aproxima, está prestes a ser atingido. A Renascença e o humanismo criaram períodos de otimismo desse gênero; por isto nos são caros e lhes honramos a ilusão fecunda. Em verdade, nascia então, pela primeira vez, na estirpe européia a fé em si própria, a convicção de superar as eras anteriores, de formar uma sociedade mais nobre, mais sábia e mais ilustrada do que as da Grécia e de Roma.

E os fatos pareciam confirmar as presunções desses pregoeiros do otimismo europeu. Efetivamente não florescia, naqueles dias, esplendores nunca igualados? Não personificavam Dürer

e Leonardo um novo Zeuxis e um novo Apeles, e não era Miguel Ângelo um Phídias redivivo? Não descobria a ciência as leis misteriosas que regem os astros e o globo terrestre? Não creava o ouro das terras recém-descobertas riquezas imensas, não fomentavam essas riquezas novas formas de arte? E não espargia o invento prodigioso de Gutenberg de mil modos a palavra creadora e instrutiva?

Sim — pensavam, jubilosos, Erasmo e os seus sequazes — cessou enfim o reino das trevas e a humanidade, em plena consciência e gozo das suas forças, reconhecerá como futura missão moral viver em união fraterna, agir com justiça e extirpar de vez todos os resíduos da nossa natureza bestial. Qual um som estridente de clarins, ecoaram no mundo as palavras de Ulrico de Hutten: “A vida é um prazer!”

Confiantes e insofridos, os cidadãos da nova Europa, assomando às ameias da cidadela erasmica, viam raiar no horizonte do porvir uma faixa de luz que, após a longa noite espiritual, se lhes afigurou a aurora da redenção.

Não era, porem, esse alvorecer sagrado o que tingia de rubro a terra sombria; era o incêndio que lhes destruiria o mundo ideal. Como os germanos na Roma clássica, Lutero, o fanático homem de ação, irrompia com o ímpeto irresistível dum movimento popular e nacional no sonho idealístico e supranacional do humanismo; e, ainda antes que este iniciasse a sua obra de união internacional, a Reforma cindia, a golpes possantes, a derradeira unidade espiritual da Europa, a “Ecclesia Universalis”.

CAPÍTULO VII

O grande antagonista

RARAMENTE as duas forças decisivas, destino e morte, se apresentam aos homens, sem prévia advertência. Enviam geralmente, para anunciá-las, um mensageiro visível, mas de semblante encoberto, e quasi sempre o destinatário dessa mensagem não entende o apelo misterioso.

Entre as numerosas epístolas de assentimento e de homenagem que juncaram, naqueles anos, a mesa de Erasmo, figurava uma carta de Spalatinus, o secretário do Eleitor da Saxônia, datada de 11 de Dezembro de 1516 e em que, no meio de fórmulas laudatórias e comentários eruditos, o humanista alemão se referia a um monge agostinho da sua cidade, o qual, sendo embora grande admirador de Erasmo, discordava dele na questão do pecado original. O citado religioso não adotava o preceito de Aristóteles de que é justo quem procede de acordo com a justiça, mas considerava justo só quem se coloca em condição de agir com equidade. “Cumpre transformar primeiro a personalidade; as obras virão depois.”

Essa carta constitue um documento histórico. Efetivamente, por seu intermédio, o doutor Martin Lutero — outro não era o monge anônimo e

ainda obscuro — comparecia pela primeira vez perante o mestre preclaro da palavra, e a sua objecção agitava já o problema capital em que, mais tarde, esses dois grandes paladinos da Reforma se defrontariam hostilmente.

Nesse momento, Erasmo não deu muita atenção a esse papel. Como havia o intelectual requestado pela Europa inteira de achar tempo, no seu assíduo labor, para travar sérios debates teológicos com um monge desconhecido dum recanto ignorado da Saxônia? Leu, pois, a carta, sem presenciar que nessa hora se iniciava, na sua existência e no mundo, um ciclo novo. Até a esse dia dominara sozinho, como árbitro da intelectualidade europeia e mestre da nova doutrina evangélica; a datar daí surgia, porem, o grande antagonista. Com um dedo discreto e, apesar disto, ousado, batia-lhe à porta Martim Lutero que ainda não grangeara fama para o seu nome, mas que em breve se denominaria herdeiro e vencedor de Erasmo.

*
* *

A esse primeiro contacto espiritual de Lutero e de Erasmo nunca se seguiu, durante a vida de ambos, um encontro pessoal no âmbito terrestre. Da primeira à última hora, esses dois homens, cujos nomes e efigies figuravam, juntos, em inúmeras estampas e publicações, que eram celebrados em comum, com os títulos de libertadores dos fiéis oprimidos pelo jugo romano e de primeiros entre os evangelistas germânicos mais sinceros,

evitaram-se instintivamente, privando assim a história de nos proporcionar uma grande cena dramática. Em verdade, que lástima perder a ocasião de contemplar os dois grandes rivais um em face do outro, encarando-se mutuamente!

Raras vezes o destino gerou dois seres tão completamente diversos no físico e no moral. Na carne e no sangue, nas normas e no caráter, na feição intelectual e no modo de vida, do invólucro exterior à essência íntima, pertenciam eles a ramos raciais simultaneamente opostos e hostis, personificavam a conciliação contra o fanatismo, a razão contra o arrebatamento, a cultura da inteligência contra o vigor físico, o internacionalismo contra o patriotismo, a evolução contra a revolução.

Esse contraste já lhes transparecia significativamente no aspecto; Lutero, montanhês, descendente de rústicos, natureza exuberante, são e pletórico, fremente e atormentado sem dúvida pela sua força transbordante, cheio de vida e com todos os apetites grosseiros da vitalidade: "Eu como tal qual um boêmio e bebo como um alemão", com as veias a estalar pela pressão do sangue impetuoso, compendiava a energia, o ímpeto, a brutalidade dum povo inteiro. Quando falava, vibrava um órgão no seu discurso; as suas frases eram saborosas e picantes como o pão negro recém-desenfornado dos campônios; fundiam-se nesse homem os elementos da natureza, a terra com os seus cheiros, as suas águas, as suas podridões e os seus adubos; e esse verbo de fogo varreu, como um tufão devastador e selvagem, a pátria germânica. O gênio de Lutero residia mil

vezes mais nessa veemência sensual do que nas suas faculdades intelectuais, e como falava o idioma vulgar, embora com um suplemento incalculável de fantasia, ele pensava também do mesmo modo que a massa e representava-lhe a vontade, num "crescendo" que atingia o grau mais elevado da escala passional. A sua personalidade sintetizava, aos olhos do mundo, a revolta de todos os alemães, de todos os instintos teutônicos descontentes e rebelados; e, enquanto a sua nação lhe adotava as idéias, ele entrava na história da sua nação. Restituía a sua força elementar ao elemento.

Desvie-se agora o olhar, desse indivíduo robusto, corpulento e plétórico para o homem em cuja fronte baixa sobressai a bossa da vontade, como no Moisés de Miguel Ângelo, da constituição sanguínea de Lutero para o vulto ascético de Erasmo, para esse pensador de tez pergaminhacea e transparente, esguio, fragil e cauteloso; comparem-se ambos fisicamente, e isso bastará para entender que, entre semelhantes antagonistas, jamais poderia existir amizade ou acordo duradouros.

Sempre doentio e friorento, na penumbra do seu quarto, sempre envolto em peles, perpetuamente achacado, tão falto de saúde quanto Lutero transbordava de vitalidade quasi dolorosa, Erasmo carecia de tudo o que sobrava àquele. Natureza enfermiza, via-se obrigado a aquecer constantemente o próprio sangue frio e descorado com generoso borgonha, ao passo que o outro — os contrastes mínimos são os mais evidentes — não podia prescindir nem um dia da sua forte cerveja

Erasmus de Rotterdam

de Wittenberg, para refrescar as veias entumecidas e latejantes que, sem esse refrigério, lhe tirariam o sono.

À voz de Lutero, vibravam as salas, estremeciam os templos, oscilava o mundo; todavia, à mesa, entre amigos, ele sabia rir com um riso jovial e ruidoso e, como, depois da teologia, prezava em alto grau a música, não se esquivava a entoar canções sonoras. Erasmo exprimia-se, pelo contrário, com uma voz debil e surda de hético, polia e torneava as frases com arte, aguçava-as subtilmente, enquanto dos lábios do seu rival a palavra fluía, impetuosa, e nas suas mãos a pena corria, desenfreada "qual um cavalo cego".

A personalidade de Lutero irradiava autoridade; o seu carater viril e imperioso mantinha todos os seus partidários, de Melanchthon e Spalatinus até aos soberanos, numa espécie de servidão. O poder de Erasmo exercia-se com intensidade maior, justamente quando ele se conservava invisível: nos livros, nas cartas, na palavra escrita. O grande humanista nada devia ao seu corpo enfezado, anêmico e mesquinho; tudo lhe vinha do seu espírito excelso, amplo e universal.

*

* *

Aliás, a espiritualidade desses dois homens também nascia de mentalidades absolutamente antitéticas. Erasmo era indubitavelmente o pensador de visão ilimitada, versado em múltiplos ramos de saber; nenhum segredo da vida lhe era

estranho. Clara e incolor como a luz do dia, a sua inteligência abstrata penetrava em todas as fendas e interstícios do mistério, iluminava toda situação. Lutero tinha, pelo contrário, um horizonte infinitamente mais restrito, porem mais profundo; agia num mundo estreito, incomensuravelmente mais limitado do que o universo erasmico, mas comunicava a todas as suas idéias, a todas as suas convicções a vibração da sua individualidade. Tirava-as do íntimo, aquecia-as no seu sangue rubro, impregnava-as da sua força vital e do seu fanatismo e jamais renegava o que chegava uma vez a reconhecer e admitir. Toda asserção fundia-se com a sua natureza e recebia dele uma enorme força dinâmica.

Dezenas de vezes Lutero e Erasmo enunciaram a mesma idéia; porem o que neste só exerceria um fino encanto espiritual nas mentes cultivadas era naquele, graças à sua índole impetuosa, um lema, um brado de guerra, um postulado plástico e fogoso, ardente como as sarças bíblicas, que lhe servia para inflamar a consciência dos homens.

A erasmica visava à paz suprema, à pacificação das almas; o luteranismo, à tensão e ao abalo do sentimento. Eis porque Erasmo, o "scepticus", era tanto mais poderoso quanto mais clara, mais fria e mais compreensível fosse a sua expressão, ao passo que Lutero, o "pater extaticus", impressionava mais profundamente, quando a cólera e o ódio lhe jorravam mais impetuosos dos lábios.

*
* *

Semelhante contraste devia gerar animosidade, ainda que ambos tivessem um fim idêntico. A princípio, Lutero e Erasmo desejavam a mesma coisa, mas o temperamento de ambos lhes fazia querê-la de maneira tão oposta quanto eram antagônicas as suas naturezas. Foi o primeiro quem abriu as hostilidades. De todos os homens geniais que a terra produziu, era ele talvez o mais fanático, o mais obstinado, o mais intratável e o mais rixoso. Tolerava o consentimento, só para servir-se dele, e precisava da censura, afim de inflamar com ela a sua ira e pulverizá-la depois com os seus argumentos. Erasmo fizera, pelo contrário, do antifanatismo a sua religião e o rude tom ditatorial de Lutero — fosse qual fosse o sentido das suas palavras — feria-lhe a alma como um punhal acerado. Essa eloquência violenta e arrasadora era fisicamente intolerável ao humanista, que reputava meta suprema a concórdia de todos os intelectuais; a presunção do monge irritadiço — que este denominava certeza divina — se lhe afigurava soberba provocadora e quasi blasfema, num mundo sujeito como o nosso ao erro e à ilusão.

E' óbvio que, por seu turno, Lutero devia abominar a tibieza, a hesitação de Erasmo nos assuntos de crença, a sua repugnância em tomar decisões, a cordura, a condescendência, a dutilidade, a convicção que nunca se pronunciara resolutamente, e a perfeição estética do "discurso artificial", em vez duma clara profissão de fé, excitava-lhe de certo a indignação. No fundo desses dois caracteres havia elementos que se repeliavam mutuamente. Absurda é, portanto, a opinião

de que só as exterioridades e o acaso se opuseram a que os dois primeiros apóstolos da nova doutrina evangélica, Lutero e Erasmo, cooperassem numa obra comum. As próprias afinidades seriam desnaturadas pela composição antitética do seu sangue e do seu espírito; separava-os uma diferença orgânica que, descendo da esfera superior da inteligência, se insinuava até ao abismo dos instintos e, através das veias, penetrava na zona profunda onde termina o domínio da vontade conciente. Em consequência, ainda que por política e por amor da causa comum se poupassem longamente e flutuassem por muito tempo, par a par, como dois madeiros arrastados pela mesma correnteza, a primeira curva, o primeiro desvio acarretaria o choque fatal. Esse conflito histórico era inevitável.

*
* *

Como tudo fazia prever, a vitória coube a Lutero, que, sendo o gênio mais vigoroso, era também o campeão mais experiente e mais jovial. Natureza combativa, revelou-se sempre um duelista nato com Deus, com os homens e com o diabo. A luta não era para ele apenas prazer e desafogo das suas energias, mas, por assim dizer, a salvação do seu temperamento pletórico. As escaramuças, as rixas, as injúrias, as polémicas equivaliam para esse homem violento a uma espécie de sangria, constituíam o seu verdadeiro elemento. O egresso lançava-se em plena contenda, com alegria triunfante, sem se importar se

defendia uma causa justa ou injusta. "Um calefrio mortal me percorre o corpo", escreve o seu amigo Bucer, "quando penso na fúria que se apossa deste homem, logo que se lhe depara um adversário." E, em verdade, incontestável que, pelejando, Lutero se empenhava de corpo e alma na luta, como um possesso, inflamado de cólera, com os olhos injetados de sangue e os lábios espumantes; dir-se-ia que com esse "furor teutonicus" expurgava o organismo dum veneno febril. De fato, sempre que se batia tão cegamente, dando livre curso à sua ira, sentia-se aliviado. "Isto refresca-me o sangue, esclarece-me o "ingenium", acalma-me o temperamento." No campo de batalha o preclaro "doctor theologiae" convertia-se instantaneamente num lansquenete. "Mal chego, ponho em movimento o bordão." Dominado por um frenesí grosseiro, por uma verdadeira obsessão, empunhava indistintamente qualquer arma de que dispusesse, desde a espada subtil e cintilante da dialética até ao forçado da injúria e da torpeza; utilizava, sem vacilar, todo expediente e, em caso de necessidade, não recuava ante a falsidade, a calúnia, para aniquilar um adversário. "Por amor do melhor e da Igreja, é lícito empregar uma boa mentira."

O cavalheirismo era totalmente estranho a esse campônio agressivo. O inimigo derrotado não lhe inspirava piedade, nenhum sentimento nobre o inibia de continuar a desferir nos vencidos os golpes cegos da sua fúria. Quando Tomaz Münzer e dez mil rústicos foram ignominiosamente batidos, Lutero não disfarçou o seu regozijjo e vangloriou-se abertamente de que "esse sangue lhe devia recair

na cabeça". Folgava de que o "imundo" Zwingli, Karlstadt e todos os que se lhe opunham tombassem miseramente. No seu rancor exaltado, jamais tolerou que se fizesse justiça a um seu inimigo, nem depois de morto.

Voz viril e arrebatadora no púlpito, pai de família amoroso no lar, expressão da cultura mais requintada como artista e literato, mal se envolvia num conflito, Lutero tornava-se subitamente um lobishomem, um possesso de cólera frenética, um exaltado que nenhuma consideração e nenhuma lei conseguiam deter. Essa necessidade feroz da sua índole o incitava constantemente a buscar a luta, porque esta não lhe parecia apenas a forma de vida mais prazenteira senão que moralmente a mais justa. "Um homem, sobretudo um cristão, deve ser um guerreiro", dizia ele, mirando-se com altivez no próprio exemplo. E numa carta posterior, datada de 1541, estendia essa concepção aos céus, com a obscura afirmação de que "certamente Deus também combate".

Entretanto, como cristão e humanista, Erasmo desconhecia a existência dum Cristo combatente, dum Deus lutador. Aos olhos desse aristocrata da cultura, o ódio e a vingança eram uma queda no plebeísmo, na barbárie. O tumulto, o motim, a discussão violenta repugnavam-lhe fundamente; conciliador nato, ele abominava a luta quanto Lutero a adorava. Caracterizam-no neste particular estas palavras suas: "Se, para obter uma grande propriedade, tivesse de sustentar um processo, renunciaria à propriedade."

Naturalmente, como intelectual, Erasmo prezava os debates com os seus pares, mas, assim

como os cavaleiros, no jogo fidalgo dum torneio em que os espíritos delicados, prudentes e maleáveis terçassem as armas temperadas ao fogo clássico, perante um "forum" humanisticamente culto. Provocar algumas centelhas, esgrimir com sucesso, fazer perder as estribeiras a um mau latinista eram diversões cavalheirescas e inteligentes a que o mestre preclaro não se furtava. Todavia ele nunca chegou a entender o prazer de Lutero em derribar e espesinhar o adversário e, nos seus duelos incontáveis, a golpes de pena, jamais infringiu as leis da cortesia nem manifestou o ódio "mortífero" com que o seu rival acometia os antagonistas.

O apóstolo da tolerância não nascera para lutar, talvez porque, em última análise, não nutria nenhuma convicção firme que lhe importasse defender. As naturezas objetivas possuem pouca certeza; duvidam facilmente do próprio parecer e estão prontas a acolher os argumentos contrários. Conceder a palavra ao adversário já significa, porém, ceder-lhe terreno. Só combate bem o frenético, o que enterra o gorro da obstinação até às orelhas, para não ouvir nada, e se envolve na sua idéia fixa como numa couraça. Para Martin Lutero, o monge extático, todo contraditor era um enviado do inferno, um inimigo de Cristo que lhe cumpria externar, enquanto Erasmo, o humanitário, sabia compadecer meigamente até os excessos mais ferozes do adversário.

Zwingli já sintetizara o contraste desses dois caracteres antagônicos comparando Lutero a Ajax e Erasmo a Ulisses; Ajax — Lutero, o homem animoso, o guerreiro talhado exclusivamente para a

luta; Ulisses-Erasmo, que só o acaso arrastara ao campo de batalha, mas que regressara felizmente à sua calma Itaca, à sua ilha serena da vida contemplativa, deixando o mundo da ação pela esfera excelsa do pensamento, onde as vitórias e as derrotas temporárias parecem vãs, ante a estabilidade imutável da idéia platônica.

Erasmo não nascera para a guerra e não o ignorava. Se, transgredindo as leis da sua natureza, se envolvesse em combates, estaria fadado a sucumbir. De fato, sempre que o sábio ou o artista ultrapassam as próprias fronteiras e trilham a senda do homem ativo, do enérgico, do que vive para o seu tempo, renunciam um e outro a uma parte do seu prestígio. O intelectual não deve ter partido; o seu reino é a justiça, que paira invariavelmente sobre quaisquer dissidências.

Erasmo não percebera o primeiro aviso do destino, em relação a Lutero; contudo ouviria em breve falar dele e esse novo nome se lhe gravaria no coração. O golpe retumbante, com que o obscuro monge agostinho afixara as suas noventa e cinco teses à porta da capela de Wittenberg, ecoara na Alemanha inteira. A proclamação recém-impressa corria de mão em mão, "como se os próprios anjos lhe servissem de arautos"; da noite para o dia, a totalidade da nação alemã costumara-se a juntar o nome de Lutero ao de Erasmo, a considerá-los ambos os mais intrépidos campeões da livre teologia cristã.

Com intuição genial, o reformador plebeu descobrira justamente o ponto sensível em que doía mais aos alemães a pressão da Cúria romana: as indulgências. Nada é mais intolerável

a um povo do que o tributo imposto por uma potência estrangeira; neste caso, ao ver a Igreja confiar a agentes interessados a venda pública das indulgências, convertendo o terror das criaturas em dinheiro que, extorquido aos camponeses e burgueses alemães em troca de talões impressos, emigrava do país para as arcas de Roma, uma revolta surda, porém ainda secreta, sublevava todas as camadas sociais da Alemanha. Em verdade, Lutero, com a sua ação resoluta, forneceu-lhe apenas o rastilho que a faria explodir. Nada poderá evidenciar melhor que o fator histórico decisivo não é a censura dum abuso e sim a forma de que se reveste essa censura.

Erasmus e outros humanistas também zombavam espirituosamente das indulgências, dessas cédulas de resgate das penas do purgatório. Mas o gracejo e o sarcasmo não passam de forças negativas, incapazes de gerar um impulso criador. Muito pelo contrário, Lutero, temperamento dramático — talvez a única índole genuinamente dramática da história alemã — comunicava instintivamente a cada cousa um efeito drástico e tornava-as todas compreensivas; desde a primeira hora, soubera valer-se habilmente do seu dom genial de dominar as multidões: o gesto plástico e a palavra programática. Quando, em estilo claro e conciso, dizia nas suas teses: “O papa não pode perdoar nenhum pecado” ou: “O papa não tem a faculdade de mitigar nenhuma expiação, salvo as que ele próprio impõe”, era como se um relâmpago brilhasse nas trevas ou um trovão reboasse na consciência dum povo inteiro, fazendo oscilar a cúpula de S. Pedro. Enquanto o humanista ho-

landês e os seus sequazes atraíam, com críticas e sarcasmos, a atenção dos intelectuais, sem atingir contudo o âmago passional da massa, o monge rebelado penetrava, com o seu ímpeto, nas camadas profundas do sentimento popular. No espaço de dois anos conseguia tornar-se o símbolo da Alemanha, o tribuno dos desejos e das reivindicações nacionais, a síntese da oposição.

Um contemporâneo atilado e curioso como Erasmo não tardou, sem dúvida, a ter conhecimento dos atos de Lutero e, naturalmente, se alegrou de conquistar semelhante aliado, na sua luta pela teologia livre. A princípio não o ouvimos articular a menor objeção. "Todos os homens de bem admiram a coragem de Lutero", "Lutero será certamente útil ao mundo" — eis o tom benévolo com que se manifesta aos seus amigos humanistas, acerca da aparição do reformador saxônio. Em breve, porém, o primeiro receio o perturbaria; e, ao dizer: "Lutero censurou animosamente muitas cousas", o filósofo providente acrescenta com um suspiro: "Prouvesse aos céus que fosse mais comedido!" Já então, essa índole delicada presentia um perigo no temperamento exuberante do seu futuro rival e, com insistência, o exortava à moderação. "Afigura-se-me que a brandura obtem mais do que a turbulência. Foi com ela que Cristo subjuguou o mundo."

O que alvoroçava de tal modo Erasmo não eram as palavras nem as teses do reformador, mas o tom do discurso, o acento demagógico e fanático de tudo o que ele fazia e escrevia. Na opinião do humanista, problemas tão melindrosos de teologia discutir-se-iam melhor com voz

serena e num círculo escolhido de que se baniria o "vulgus profanum", mediante o uso do latim acadêmico; não convinha vociferá-los nos telhados, permitir que sapateiros e merceeiros fizessem objeto de grosseiros comentários questões tão subtis; toda discussão, ante e para a galeria, rebaixava o nível do debate e trazia inevitavelmente após si o perigo do "tumultus", da desordem, da agitação popular.

Crente de que a verdade sabe impor-se por si mesma, Erasmo verberava toda propaganda, todo movimento para a instaurar. A seu ver, todo conceito lançado no mundo através da palavra devia percorrer apenas os caminhos puramente espirituais; nem a aprovação das massas, nem a organização de partidos lhe tornariam a essência mais verdadeira e mais eficaz. Missão única do intelectual seria formular verdades, estabelecer clareza e não combater por elas.

Não era inveja, como supunham os seus adversários, e sim um sincero sentimento de angústia, um senso aristocrático de responsabilidade moral a reprovação com que o grande humanista via erguer-se, além da tempestuosa fraseologia de Lutero, qual imensa nuvem de pó, a revolta popular. "Prouvesse aos céus que fosse mais moderado!" repetia ele de contínuo, ante esse exagero, e no íntimo o alanceava o pressentimento de que o seu excelso mundo espiritual de "bonae litterae", das letras e das humanidades, não resistiria a semelhante tormenta.

Entretanto nenhuma palavra se trocara ainda entre Erasmo e Lutero, entre as duas personalidades mais famosas da reforma germânica e, aos

poucos, esse silêncio se ia tornando estranho. Erasmo, o cauteloso, não tinha nenhuma razão para travar conhecimento com o saxônio exaltado. Por seu turno, este encarava o cético holandês com um ceticismo que aumentava, à medida que as suas convicções o impeliam mais e mais para a luta. "As cousas humanas o interessam mais do que as divinas", diz Lutero, a respeito de Erasmo, definindo com esta frase as suas respectivas posições. Efetivamente a coisa mais importante do mundo era, para o primeiro, o religioso, e para o segundo, o humano.

*
* *

Porem, já nesses anos, Lutero não se podia julgar sozinho. Sem o desejar, talvez sem o perceber claramente, apesar do caráter exclusivamente espiritual das suas reivindicações, tornara-se o expoente de vários interesses profanos, o ariete da causa nacional teutônica, uma peça importante no tabuleiro político, entre o papa, o imperador e os príncipes germânicos. Usufrutuários do seu êxito, absolutamente estranhos e não-evangélicos começavam a requestá-lo, a explorá-lo em proveito dos próprios fins.

Pouco a pouco, em torno do indivíduo se ia formando o núcleo dum futuro partido, dum verdadeiro sistema religioso do porvir. Muito antes que se reunisse o poderoso exército popular do protestantismo, congregara-se já, em redor de Lutero, graças ao talento organizador alemão, um estado-maior político, teológico e jurídico: Melan-

chthon, Spalatinus, príncipes, fidalgos e letrados. Os embaixadores estrangeiros na Saxônia electiva espreitavam, curiosos, a eventualidade de forjar com esse homem rude a cunha capaz de rachar a estrutura possante do império. Uma subtil diplomacia política tecia a sua teia, à roda das teses puramente morais do monge saxônio.

Naturalmente o seu círculo mais íntimo procurava aliados e Melanchthon, prevendo a celeuma que suscitaria a publicação do escrito de Lutero: "À nobreza da nação alemã", tentava por todos os meios grangear à causa evangélica a autoridade importantíssima do neutral Erasmo. Afinal, a 28 de Março de 1519, o próprio Lutero se lhe dirigiu pela primeira vez.

Caracterizava a correspondência humanística uma cortezia extrema, um aviltamento exagerado, quasi chinês, da própria personalidade. Não nos pode surpreender, portanto, que Lutero começasse a sua carta nestes termos: "Haverá alguém cuja mente não esteja cheia da imagem de Erasmo? Quem não se renderá ao seu saber, ao seu prestígio?" e se representasse como estudante bissonho, de mãos mal lavadas, que ainda não aprendeu como se há de dirigir por escrito a um literato notoriamente ilustre. Mas, desde que, em virtude das suas "insignificantes" observações sobre as indulgências, o seu nome não era totalmente desconhecido ao Mestre, um silêncio ulterior entre ambos podia ser mal interpretado. "Dize, pois, homem generoso, se aceitas este modesto irmão em Cristo que, em verdade, pela sua ignorância mereceria ser sepultado num recanto

esconso e não é digno de viver contigo, sob o mesmo sol, debaixo do mesmo céu...”

Esta frase era a razão da carta toda, encerrava tudo o que Lutero esperava de Erasmo para a sua doutrina: uma epístola de assentimento, uma palavra de aprovação — de publicidade rendosa, diríamos nós. A hora decorria incerta e grave para o que acabava de declarar guerra ao maior poder da Europa; já fôra elaborada em Roma a bula de excomunhão. Ter, em semelhante emergência, Erasmo como esteio moral seria fator significativo senão decisivo para o triunfo da causa luterana, porque esse nome famoso era sinônimo de incorrutibilidade. Para os facciosos, o neutro é sempre o lábaro melhor e mais almejado.

Erasmo, porem, jamais assumiria a responsabilidade nem ao menos se tornaria fiador duma dívida ainda incalculável.

Apoiar publicamente Lutero, nesse momento, equivalia a sancionar com antecedência os seus futuros livros, libelos ou ataques, a prometer a própria adesão a um homem descomedido e intemperante, cujo estilo “violento e subversivo” calava penosamente no ânimo do conciliador. Demais, que se devia entender pela causa de Lutero? Que era então, em 1519, e que seria mais tarde? Tomar partido, responsabilizar-se por um homem significava alienar uma parte da própria liberdade moral, avassalar-se a princípios cujo alcance ainda não se podia prever; ele jamais permitiria que lhe limitassem a independência. Talvez que o olfato subtil do antigo eclesiástico percebesse também um leve cheiro de heresia nos escritos

do rebelde. Aliás, comprometer-se superfluamente nunca fora força e virtude do prudente Erasmo.

Em consequência, este guardou-se cuidadosamente de responder um sim ou um não explícitos, construindo desde logo um reparo, ao abrigo do qual não lhe custaria esgueirar-se à direita ou à esquerda; isto é, notificou ao seu correspondente que ainda não lhe pudera ler os livros com a necessária atenção. De fato, na sua qualidade de sacerdote católico, era-lhe literalmente interdito tomar conhecimento de obras contrárias à Igreja, sem licença expressa dos superiores.

Opondo, com extrema prudência, esta proibição ao saxônio irritável, eximia-se de se pronunciar de modo decisivo. Agradecia ao "irmão em Cristo", referia-lhe o enorme alvoroço provocado em Louvain pelos seus livros e a violenta hostilidade com que os acolhiam os adversários, exprimindo-lhe assim, implicitamente, certa simpatia. Mas com que perícia evitava o independente exaltado qualquer palavra que o ligasse, pela qual o pudessem responsabilizar!

Em outro período acentuava expressamente que só folheara (degustavi) os "Comentários dos Salmos", outro escrito de Lutero; não os lera, mas esperava que fossem muito proveitosos ao mundo — nova evasiva, em vez dum juízo definido. Ao mesmo tempo distanciava-se do fogaoso saxônio, taxando, com ironia, de insensato e de ridículo o pretenso boato da sua colaboração nas obras daquele. Todavia, no final da resposta, tornava-se explícito, declarando concisamente, sem perífrases, que não lhe agradaria ver-se envolvido nessa contenda funesta: "Conservar-me-ei neu-

tral (integrum) tanto quanto puder, para me consagrar melhor ao progresso das letras renascentes; creio, aliás, que com uma reserva habilmente manejada se obtem mais do que com uma intervenção violenta." Em seguida tornava a exortar o outro à moderação e concluia a epístola, desejando-lhe — desta vez sem a costumada urbanidade — que Cristo lhe insuflasse diariamente na alma um pouco mais do seu espirito.

*
* *

Com essa atitude, Erasmo demarcava a própria posição, a mesma que já ocupara no caso Reuchlin, quando dizia: "Não sou reuchliniano nem tenho nada que ver com esse partido. Sou cristão e conheço cristãos somente, não reuchlinianos nem erásmicos."

O filósofo estava decidido a não dar um passo mais do que lhe parecia conveniente. Era um pusilânime, porem o temor não é isento de certa força profética e muitas vezes, graças a uma fulmínea iluminação do sentimento, vislumbra numa alucinação grande parte do porvir. Mais previdente do que os outros humanistas, que saudavam em Lutero um salvador, Erasmo distinguia no carater agressivo e despótico do saxônio o preságio dum "tumultus", via em lugar da reforma a revolução e recusava-se terminantemente a seguir esse caminho perigoso. "Que posso fazer por Lutero, senão partilhar os riscos que o ameaçam e, em tal caso, expor à queda dois homens em vez de um?... Ele disse cousas excelentes, formulou

advertências sensatas; contudo eu quisera que não as deformasse com os seus erros intoleráveis. Entretanto, ainda que ele fosse irrepreensível, eu não arriscaria a cabeça por amor da verdade. Nem todos possuem a firmeza dos mártires; receio muito que, na iminência dum tumulto, me sucedesse imitar o exemplo de Pedro. Obedeço às ordens dos papas e dos soberanos, quando são justas, e suporto-as, quando injustas, por ser menos arriscado. A meu ver, semelhante atitude é a de todo homem de bem que não vê esperanças de êxito na oposição.”

A pusilanimidade espiritual, o desejo insaciável de independência determinavam Erasmo a não fazer causa comum com quem quer que fosse, sem exceutar o próprio Lutero. Continuasse este o seu caminho, que ele permanecia no que traçara; se tanto, estabelecia-se entre ambos o compromisso de não se hostilizarem mutuamente. Rejeitada a oferta de aliança, concluía-se um pacto de neutralidade. Lutero estava destinado a encenar o drama e Erasmo esperava — baldada esperança! — conservar-se no papel de mero espectador (*spectator*). “Se Deus permite o progresso crescente da causa de Lutero e um cirurgião impiedoso como ele se lhe afigura mais apto para extirpar a corrupção da época, não me cabe opor-me aos seus desígnios.”

Conservar-se independente e neutro em períodos políticos de tal magnitude é, porem, mais difícil do que tomar partido; com seu grande desprazer, o humanista viu-se solicitado pelas duas facções que, por todos os meios, procuravam incluí-lo nas próprias fileiras. Ele lançara as ba-

ses da crítica reformadora da Igreja e Lutero chocava-o. Quer o quisesse quer não, até certo ponto era, como precursor, o responsável dos atos do rebelde. "Ubi Erasmus innuit, illic Luther irruit"; onde o primeiro abria a porta com cautela o segundo irrompia impetuosamente e aquele vira-se obrigado a confessar a Zwingli: "Tudo o que Lutero reivindica eu próprio o ensinei, embora sem essa violência e esses excessos de linguagem."

Separava-os apenas o método. Ambos tinham formulado o mesmo diagnóstico: apesar das magníficas exterioridades, a Igreja corria grave perigo; mas, enquanto um propunha uma cura longa e progressiva, um processo gradual de depuração do sangue, mediante injeções alcalinizadas com a razão e a ironia, o outro alvitrava a amputação sangrenta. Erasmo opunha-se a tão grave intervenção; o medo do sangue fazia-lhe abominar toda violência: "A minha resolução permanece firme: prefiro deixar-me esquartejar a favorecer a dissidência, especialmente em matéria de fé. Muitos prosélitos de Lutero se apoiam, em verdade, na sentença evangélica: "Não vim trazer a paz e sim a espada." Todavia, embora admita que, para o bem da religião, muito há que mudar na Igreja, não concordo absolutamente com o que possa redundar num movimento desse gênero."

E, como uma firmeza digna dum Tolstoi, repelia todo apelo da violência, declarando-se antes disposto a tolerar por mais tempo as tristes condições vigentes do que a pactuar com o "tumultus" e a efusão de sangue. Enquanto os seus

sequazes, pouco previdentes e optimistas, aclamavam o feito de Lutero como a libertação da Igreja e a redenção da pátria germânica, ele via nas suas consequências a ruptura da "Ecclesia universalis", a fragmentação da igreja internacional em seitas nacionais, o desmembramento da Alemanha da unidade do Ocidente; sentia mais com o coração do que podia perceber pela inteligência que a separação do povo alemão e das demais nações teutônicas do domínio papal não se operaria, sem conflitos cruentos e mortíferos e, como, aos seus olhos, a guerra significava retrocesso, recuo bárbaro a épocas havia muito ultrapassadas, concentrava toda a sua energia em conjurar essa catástrofe extrema no seio do cristianismo. Em consequência, impunha a si mesmo uma tarefa histórica, superior — cumpre confessá-lo — às suas faculdades: personificar sozinho a razão, em meio dos ânimos exaltados e, tendo por única arma a pena, defender da decadência e da ruína a unidade da Europa, da Igreja e da humanidade.

*

* *

Erasmus iniciou a sua missão conciliadora, procurando acalmar Lutero. Por intermédio de amigos comuns, não cessava de exortar o fanático irredutível a escrever num estilo menos subversivo, a não dar um caráter tão antievangélico ao Evangelho. "Desejaria que, por certo tempo, Lutero se abstinhasse de toda luta e defendesse a causa evangélica, pura e sem mesclas. Obteria mais resultado."

Em primeiro lugar, nem todas as cousas se podiam discutir publicamente e, em caso algum, os postulados da reforma eclesiástica se deviam gritar ao ouvido da massa inquieta e pronta para a ação. Com que eloquência Erasmo, o diplomata, exaltava, ante a força demagógica da palavra, essoutra virtude do intelectual, a arte do silêncio oportuno! "Nem sempre se deve dizer a verdade toda. Muito depende do modo como ela é divulgada."

A idéia de que, por uma conveniência momentânea, se pudesse calar a verdade, ainda que um só instante, devia parecer incompreensível ao monge fogoso; para ele, o apóstolo, o mais sagrado dever de consciência era confessar e propagar, indiferente ao tumulto, à guerra, aos cataclismos, que daí pudessem advir, todo átomo, toda sílaba de verdade que, como tal, se lhe houvesse revelado ao coração e à alma.

Lutero não podia nem queria aprender a arte do silêncio. Nesses quatro anos, uma linguagem nova e poderosa brotara-lhe dos lábios, os ressentimentos secretos dum povo inteiro lhe tinham comunicado aos gestos uma força imensa. Erguia-se, rebelada contra a influência estranha e imperial, a consciência nacional da Alemanha; o ódio ao padre, a antipatia pelo estrangeiro, o sombrio fogo social e religioso que, desde os dias da Bundschuh, lavrava nos ambientes rurais, tudo isso despertava às marteladas de Lutero, na porta da igreja de Wittenberg. Todas as classes, príncipes, camponeses, cidadãos, sentiam a própria causa privada e social santificada pelo Evangelho.

Reconhecendo no agostinho um homem de coragem e de ação, a totalidade da nação alemã concentrava nele o seu ardor, até então fragmentário. Toda vez que, no fervor do êxtase religioso, o nacional se une ao social, originam-se estremecimentos que abalam o mundo e, quando, como no caso de Lutero, inúmeros indivíduos julgam ver concretizada num só homem a sua vontade inconsciente, surgem nessa individualidade isolada poderes prodigiosos. Quem, ao primeiro apelo dum povo, molda as forças deste às próprias energias cede facilmente à tentação de se considerar mensageiro do Eterno.

Depois de séculos, um filho da Alemanha tornava a falar a linguagem dos profetas: "Deus ordenou-me que pregasse e julgasse, como seu apóstolo e evangelista, na pátria alemã." O extático asseverava que recebera do Senhor a missão de purificar a Igreja, de libertar o povo teutônico das mãos do Anticristo, do papa, o demônio disfarçado e encarnado, de o remir com a palavra e, se esta não bastasse, com a espada, o fogo e o sangue.

Vão esforço, recomendar prudência e discrição a quem só tinha ouvidos para o clamor do júbilo popular e das ordens divinas! Em breve Lutero nem se dignaria dar atenção ao que Erasmo escrevia ou pensava; já não lhe era preciso. A passos de gigante, o egresso percorria, inexorável, o seu caminho histórico.

Usando da mesma energia com que admoestava Lutero, o humanista voltava-se contemporaneamente à parte contrária, ao papa, aos prelados, aos soberanos e aos príncipes, para dissua-

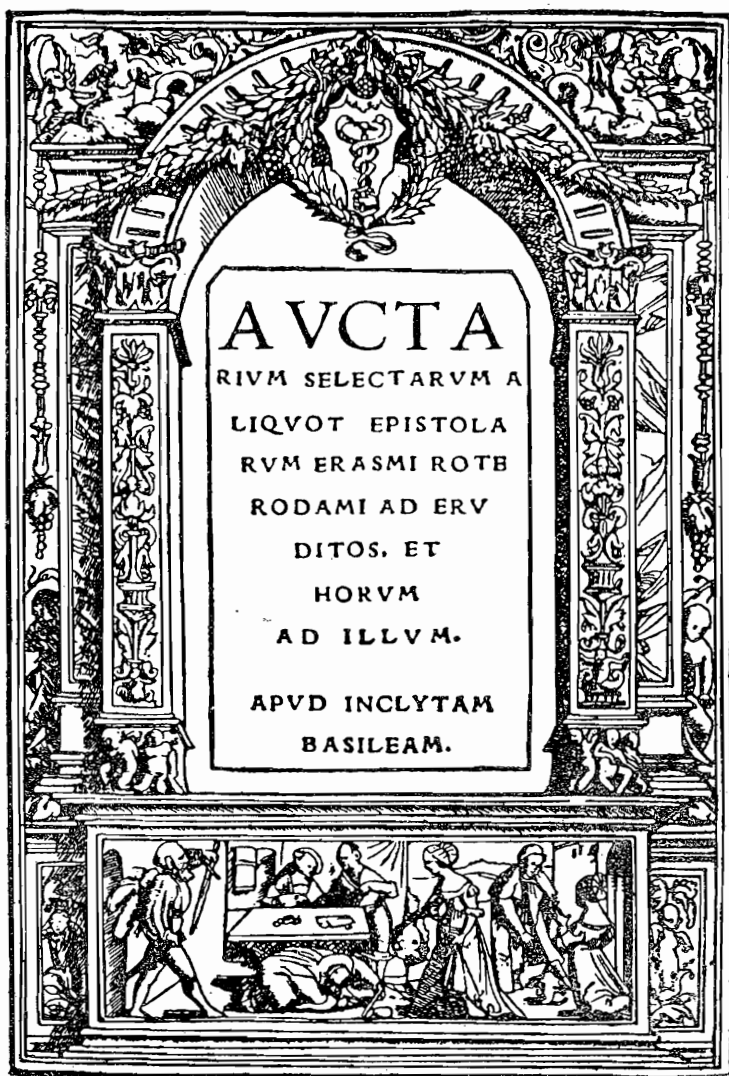
di-los duma severidade precipitada em relação ao rebelde. Ali também se lhe deparava, em plena atividade, o seu velho inimigo, o fanatismo, obstinado em negar os próprios erros. E o pensador tolerante esforçava-se por demonstrar que a excomunhão fora talvez irrefletida, tratando-se dum homem probo cujo modo de vida era geralmente louvado. Inegavelmente Lutero exprimia dúvidas sobre as indulgências; porem, antes dele, outros já tinham ousado manifestar-se nesse sentido. "Nem todo erro constitue heresia", advertia o eterno conciliador; e, empenhado em justificar o seu acérrimo inimigo, atribuia-lhe as faltas mais a arrebatamento do que a intuios malévolos. Em questões dessa ordem, cumpria não clamar logo: "À fogueira!" nem taxar de heresia, sem prévio exame, tudo o que parecesse suspeito. Não era preferível repreender e esclarecer Lutero a injuriá-lo e excitar-lhe a irritação? "A melhor maneira de pacificar os ânimos", escrevia Erasmo ao cardeal Campeggio, "seria obter que o Papa exigisse dos partidos uma profissão pública de fé. Cessaria assim o abuso das falsas interpretações e modificar-se-ia o teor insano dos discursos e dos escritos."

Com insistência crescente, o pacificador sugeria a necessidade de convocar um concílio, alvi-trava a discussão confidencial de todas as teses ante um cenáculo erudito e intelectual, um debate que gerasse acordos dignos do espírito cristão!

Roma, porem, negava audiência à voz conciliante como aos ataques de Wittenberg. Outros cuidados preocupavam, nessa hora, o pontífice. O seu bem-amado Rafael Sanzio acabava de mor-



Frontispício de Hans Holbein para a "Enchiridion Militis Christiani". Da edição Frobenius de Erasmo. Basileia, 1518.



Frontispício de Hans Holbein para o "Auctarium Selectarum"
Da edição Frobenius de Erasmo, Basileia, 1518.

rer subitamente. Quem concluiria de modo digno a decoração do Vaticano? Quem seria capaz de levar a termo a construção da basílica de S. Pedro? A arte, eterna e soberana, importava ao papa Medicis cem vezes mais do que a contenda fradesca travada alem, numa cidadezinha provinciana da Saxônia; justamente pela sua visão grandiosa esse príncipe da Igreja encarava com indiferença a atividade do monge insignificante e obscuro. Por seu turno, os seus cardeais, altivos e presunçosos — não se atara ao poste da fogueira o próprio Savonarola e não se expurgara de hereges a terra da Espanha? — reclamavam a excomunhão, como única resposta ao descomedimento de Lutero. De que servia ouvi-lo? Para que discutir ainda com esse teólogo de aldeia? As cartas do humanista holandês eram postas desdenhosamente de parte, apressava-se na chancelaria romana a redação da bula vingadora e ordenava-se aos legados que reprimissem, com a máxima energia e severidade, a rebeldia dos alemães. A intransigência à direita, a obstinação à esquerda anulavam, pois, a primeira e, portanto, a melhor possibilidade de acordo.

Contudo, naqueles dias decisivos — muito pouca atenção se tem dispensado a este episódio secundário — o destino da reforma alemã esteve, por breve espaço, nas mãos de Erasmo.

O imperador Carlos V acabava de convocar a Dieta em Worms. Ali se pronunciaria a sentença da causa de Lutero, a não ser que à última hora ele resolvesse desdizer-se. O seu soberano, Frederico da Saxônia, que ainda não era abertamente seu partidário, mas apenas seu protetor,

também fora convidado a participar da assembleia. Homem notável, muito devoto, o maior colecionador de relíquias sagradas na Alemanha, isto é, de cousas que o monge rebelde qualificava sarcasticamente de futilidades e de ardis do demônio, o Grande Eleitor manifestava certa simpatia por ele, orgulhava-se do teólogo que tornava mundialmente famosa a universidade de Wittenberg. Não se atrevia, porém, a sustentá-lo publicamente e, por prudência ou porque no íntimo ainda não houvesse tomado uma decisão firme, evitava todo contacto pessoal com o agostinho. Não o recebia — exatamente como Erasmo — para, em caso de necessidade, ter o direito de afirmar que, “ad personam”, jamais houvera entre eles a mínima relação. Entretanto, razões políticas, a previsão de que o vigoroso camponês lhe poderia servir contra o imperador e certa susceptibilidade natural do seu orgulho de soberano o faziam manter ainda a mão protetora sobre Lutero; apesar dos anátemas pontifícios, o rebelde continuava a ocupar o púlpito e a sua cátedra na universidade.

Dáí em diante, porém, até essa proteção discreta se tornaria arriscada. Efetivamente se, como era de prever, a Dieta se pronunciasse contra Lutero, continuar a apoiá-lo equivaleria à rebelião franca dum príncipe contra o seu imperador. Ora, hesitando em adotar o novo credo, os soberanos alemães não estavam bem decididos a uma revolta declarada. Conheciam, em verdade, a impotência militar do imperador que empenhava a totalidade das suas forças na guerra com a França e a Itália; a hora se lhes afigurava pro-

pícia, para aumentarem o próprio poder a expensas daquele, e para tal passo poderia haver, perante a História, pretexto mais sublime e mais glorioso do que a causa do Evangelho?

Todavia, como índole justa e piedosa, Frederico ainda nutria dúvidas; não conseguia discernir se o sacerdote-professor seria deveras o mensageiro da verdadeira doutrina evangélica ou apenas um dos inúmeros agitadores e sectários, e vacilava em decidir se podia responsabilizar-se, perante Deus e a razão humana, por esse espírito excelso, mas perigoso.

Nesta disposição de ânimo, informado ao chegar a Colônia, de que Erasmo também se hospedara na cidade, o Eleitor incumbiu imediatamente Spalatinus, o seu secretário, de trazê-lo à sua presença. O grande humanista continuava a ser a suprema autoridade moral em assuntos teológicos e profanos; ainda lhe aureolava a fronte a reputação, lealmente conseguida, da absoluta imparcialidade. Dele esperava o soberano a solução mais segura para a sua incerteza. Em consequência, propôs-lhe, sem rodeios, este quesito: "Tem razão Lutero ou carece de fundamento o que afirma?"

Perguntas que exigissem um sim ou um não categóricos desagradavam a Erasmo; sobretudo dessa vez era incalculável a responsabilidade que se ligava ao seu voto. De fato, se ele aprovasse as ações e as palavras do agostinho, Frederico, fortalecido por um parecer tão valioso, conservaria a própria proteção a Lutero, salvando-o e assegurando o triunfo da causa da reforma germânica. Em caso contrário, só restaria ao rebelde

fugir do seu país, para escapar da fogueira. Se, como afirmavam os seus adversários, Erasmo nutrisse deveras inveja ou rancor pelo seu grande parceiro, nunca se lhe ofereceria ocasião mais oportuna para o aniquilar definitivamente. Uma sua palavra de reprovação decidiria talvez o Grande Eleitor a retirar a Lutero o seu apoio. Nesse dia 5 de Novembro de 1520, o destino da reforma alemã e a história do mundo dependeram verossimilmente dum gesto da mão fina e hesitante de Erasmo.

Este observou, nessa circunstância, uma atitude leal, não corajosa nem magnífica, não decisiva nem heroica, mas — o que já era muito — honesta. Fiel ao seu propósito de não tomar partido, procurou esquivar-se, a princípio, com gracejos; à pergunta do soberano se podia apontar nas opiniões de Lutero falsidade ou heresia, respondeu que o erro capital do monge agostinho consistia em ter tocado ao papa a coroa e o ventre aos frades. Porém, depois, como o soberano persistisse em obter uma resposta séria, formulou o seu parecer pessoal sobre a doutrina de Lutero em vinte e duas sentenças concisas que intitulou "Axiomata". Em algumas deixava transparecer certa reprovação. Por exemplo: "Lutero interpreta mal a indulgência do Papa"; entretanto, nas teses decisivas, manifestava-se corajosamente a favor do acusado: "Dentre todas as universidades, só duas condenam Lutero e estas não lhe refutam os argumentos. Requerendo uma discussão pública e árbitros insuspeitos, ele não exige senão o que lhe é devido. A meu ver, o Papa procederá com acerto, entregando a causa a juizes

íntegros. O mundo suspira pelo verdadeiro "Evangelium" e esse anseio é o característico da época. Não se lhe deve corresponder tão hostilmente." Erasmo concluía, sugerindo a convocação dum concílio que, por meios brandos, regularizasse essa pendência melindrosa, antes que a dissidência degenerasse em tumulto e perturbasse, durante séculos, a paz do mundo.

Estas palavras, que Lutero não soube agradecer, operaram uma conversão auspiciosa para a Reforma. De fato, embora contrariado por certas ambiguidades e pela excessiva prudência da resposta, o Eleitor conformou o próprio procedimento com as proposições que o seu interlocutor lhe submetera, nesse colóquio noturno. No dia seguinte, 6 de Novembro, reclamava do embaixador pontifício, para Lutero, um julgamento público, juizes independentes e exigia que não se lhe queimassem os livros, antes da sentença. Insurgia-se, pois, contra o ponto de vista inflexível de Roma e do imperador e, nas suas reclamações, soava pela primeira vez a voz do protestantismo dos príncipes alemães.

Com a sua ação discreta, Erasmo prestava à Reforma um auxílio resolvente, num instante decisivo, e, em vez de merecer as pedras que lhe arremessavam, fazia juz a um monumento.

*
* *

Soou, enfim, a hora histórica de Worms. A cidade regorgitava de espectadores que, até dos telhados, assistiam ao ingresso do jovem impera-

dor e do seu séquito de legados, de embaixadores, de eleitores e de secretários, cercados dos uniformes vistosos dos cavaleiros e dos lansquenetes.

Dias depois, um modesto monge, ameaçado de excomunhão, protegido contra a fogueira destinada aos hereges apenas pelo salvo-conduto que trazia no bolso, trilhava, solitário, o mesmo caminho; nas ruas ecoavam, porem, as mesmas aclamações jubilosas. E' que um desses homens, o imperador, devia o trono à escolha dos príncipes germânicos, enquanto o outro fora eleito guia da Alemanha pela nação alemã.

A primeira sessão da Dieta adiou a decisão fatídica. Ainda subsistia a idéia erásmica e os ânimos continuavam a afagar a esperança duma possibilidade de acordo.

Mas, no segundo dia, Lutero pronunciou a frase histórica: "Aqui estou e não posso mudar."

O mundo fendeu-se, então, em duas partes; pela primeira vez depois de João Huss, um homem se atrevia, em presença do imperador e da corte reunida, a negar obediência a Roma. Um leve arrepio agitou o círculo cortesão que contemplava, pasmado, o monge insolente; na rua, porem, os lansquenetes aclamavam com entusiasmo o nome do rebelde. Pressentiriam eles que essa declaração temerária faria soprar um vento favorável às suas ambições? Farejariam esses pe-reis a tormenta próxima, a guerra iminente?

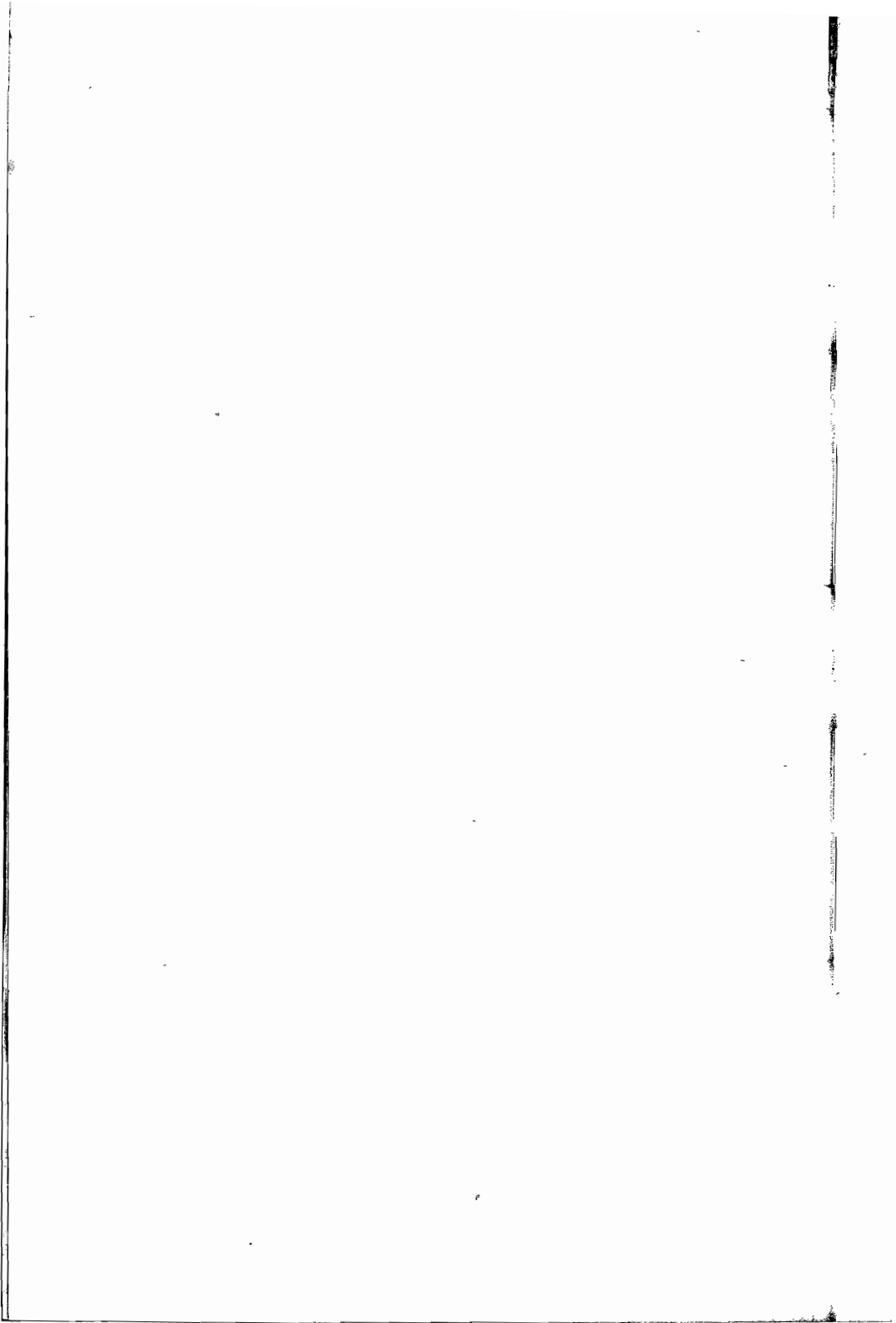
E onde se ocultava Erasmo nesse momento? O minuto histórico o encontrou — eis o seu erro trágico! — incerto e temeroso, no seu gabinete. Como amigo pessoal do legado Aleandro, com

Erasmo de Rotterdam

quem partilhara, em Veneza, a mesa e a cama, com o seu prestígio de sábio altamente conceituado pelo imperador e de personalidade eminente do credo evangélico, era a única autoridade capaz de retardar a decisão irrevogável. Eterno pusilânime, não ousara aparecer publicamente; todavia, ao receber a notícia tremenda, compreendeu o dano irreparável desse ensejo perdido. "Se estivesse ali, faria o possível para evitar, com a moderação, essa tragédia."

A hora histórica passara, porém, irremediavelmente e os ausentes nunca têm razão.

Nesse minuto fatídico, Erasmo não dera às suas convicções o apoio integral do seu caráter, da sua energia, da sua presença, e perdia, em consequência, a causa erásmica. Lutero se empenhara na luta, com extrema intrepidez, escudado na força inquebrantável da sua vontade de vencer; por isto, essa vontade se convertia em ação.



A luta pela independência

ERASMO supunha — e muitos nutriam a mesma convicção — que a sentença da Dieta de Worms, a excomunhão da Igreja e a proscrição imperial houvessem sufocado definitivamente a tentativa revolucionária de Lutero. Depois disso, restava apenas a rebelião aberta contra o Estado e a autoridade eclesiástica, um novo movimento albigense, valdense ou hussista que, segundo todas as probabilidades, teria uma repressão igualmente cruenta, uma solução pelas armas, exatamente o que Erasmo quisera evitar.

O seu sonho fora introduzir a reforma da doutrina evangélica no próprio seio da Igreja e a um fim dessa ordem não regatearia o seu apoio; vencendo a timidez, o humanista declarara publicamente: “Se Lutero se conservar no grêmio da Igreja católica, não hesitarei em me colocar ao seu lado.” Mas de um só golpe, com uma laceração violenta, o rebelde se desligara para sempre de Roma. Acabara-se. “A tragédia de Lutero chegou ao epílogo. Prouvesse aos céus que nunca tivesse subido à cena!” lamentava-se o desiludido pacifista. Extinguia-se a centelha da doutrina evangélica, descambava para o ocaso o astro da

luz espiritual. "Actum est de stellula lucis evangelicae." Os esbirros e a artilharia decidiriam, a partir daí, a "causa Cristi".

Quanto a si, Erasmo estava resolvido a se conservar à margem, nas lutas futuras. Sentia-se demasiado fraco, ante a grandeza da provação e confessava humildemente que, em determinação de tal magnitude e responsabilidade, não o amparava a certeza divina, a fé em si mesmo que outrem se jactava de possuir. "Se Zwingli e Bucer são iluminados pelo Espírito, Erasmo não passa dum pobre mortal e não entende essa linguagem."

O quinquagenário, que tão longamente se esforçara por sondar a impenetrabilidade do problema divino, não se sentia chamado a ser um chefe nessa contenda; limitar-se-ia a servir, com serenidade e modéstia, nos campos onde imperava a verdade imperecível, nas letras e nas artes. Fugindo à teologia, à política, às discussões, à algazarra, refugiar-se-ia no seu gabinete, no silêncio sublime dos livros. Ali ainda podia ser útil ao mundo. Regressa, pois, à cela, ó velho, e cerra a janela ao teu tempo. Deixa as lutas aos que ouvem no coração o apelo divino e consagra-te às tarefas pacíficas, a defender a verdade, nas esferas excelsas do saber. "Ainda que a corrupção moral do clero romano exigisse um remédio excepcional, eu e os meus pares não nos podemos arrogar a missão de curá-la. Prefiro tolerar o estado atual de cousas a provocar novas perturbações que, frequentemente, se orientam para metas opostas ao fim que se lhes dá. Nunca fui

nem serei, concientemente, guia ou membro duma insurreição."

Erasmus isolara-se da luta religiosa, dedicando-se à arte, às letras e ao próprio labor. Repugnavam-lhe os tumultos, as disputas dos partidos. "Consulo quieti meae". Só almejava a paz, o "otium" sagrado do artista. Mas o mundo jurara não lhe conceder sossego. Há períodos em que uma atitude neutral se denomina crime; nos momentos de perturbação política, a sociedade exige um "a favor" ou um "contra" explícitos, quer papistas ou luteranos.

A cidade de Louvain, onde residia o filósofo, dificultou-lhe a neutralidade. Enquanto a Alemanha reformista o censurava acremente pela sua tibieza, a faculdade católica de Louvain o hostilizava, chamando-lhe "agente da peste luterana". Os estudantes, perpétua vanguarda de todo radicalismo, encenavam contra ele demonstrações ruidosas, depredando-lhe a aula; de todos os púlpitos da cidade estigmatizava-se Erasmo, e o legado Aleandro devia usar de toda a sua autoridade, para poupar ao antigo camarada ao menos os desacatos públicos.

A intrepidez nunca fora a virtude do grande pensador; ainda dessa vez, ele preferiu esgueirar-se a combater. Como fugia outrora ao contágio das epidemias, furtou-se nessa circunstância ao ódio da cidade em que vivera anos. Arrumando às pressas a bagagem resumida, o velho nômade reencetou a peregrinação. "Cumpre-me evitar que os alemães, agora possessos, me esquartejem, antes que me seja possível deixar a Alemanha."

Stefan Zweig

Tal é a sorte do neutro, nas lutas encarniçadas.

*
* *

Erasmus desistira de habitar em cidades católicas e protestantes; só num território neutral podia encontrar um abrigo sossegado. Dirigiu, pois, os passos para a pátria eterna da liberdade, a Suíça. Basileia seria, daí em diante e por muitos anos, o seu domicílio de eleição.

Situada no centro da Europa, tranquila e senhoril, com as suas ruas asseadas e os seus habitantes desapaixonados e pacíficos, não tributária de príncipes belicosos, mas democraticamente livre, essa cidade prometia ao sábio cioso da própria independência a serenidade almejada. Ali encontrou Erasmo uma universidade, amigos eruditos que o conheciam e estimavam, "famuli", auxiliares solícitos para o seu trabalho, artistas como Holbein e, acima de tudo, Froben, o impressor, o grande mestre do seu ofício a quem, havia anos, o unia o laço do labor comum. Graças ao zelo dos seus admiradores, viu-se alojado numa cômoda habitação e, pela primeira vez, essa cidade livre e hospitaleira sugeriu ao eterno errante a idéia de pátria. Ali conheceria ele a vida do espírito, o seu verdadeiro mundo real.

Erasmus só se podia sentir bem onde conseguisse escrever em paz os seus livros e imprimi-los, sem preocupações. Basileia foi o grande oasis da sua peregrinação terrena. Nela viveu o viandante infatigável mais tempo do que alhures, oito lon-

gos anos, e no decurso dos séculos seguintes o seu nome e o da cidade se ligaram indissolavelmente; desde então, não se pode pensar em Erasmo fora de Basiléia nem em Basiléia sem Erasmo.

Ainda hoje se conserva ali a sua residência, assim como alguns dos retratos em que Holbein lhe imortalizou as feições; ali redigiu o pensador preclaro muitas das suas obras mais belas, particularmente "Colloquia", esses diálogos cintilantes que Froben destinou originariamente a fins didáticos e que iniciaram na arte da prosa latina várias gerações. Ali completou a grande edição dos Padres da Igreja, dali enviou ao mundo inúmeras epístolas e, entrincheirado na sua cidadela do trabalho, alheio ao tumulto, criou obra após obra. Quando a esfera intelectual da Europa buscava um chefe, os olhares se voltavam para a cidade real das margens do Reno. Graças à presença de Erasmo, Basiléia tornou-se, naqueles anos, o domicílio da inteligência européia. Em torno do ilustre sábio, reunia-se um escol de discípulos humanistas, entre eles Occolampadius, Rhenanus e Amerbach; nenhuma personalidade eminente, príncipe, letrado ou fautor das belas artes, se descuidava de visitá-lo na sua moradia, a "Zum Lufft", ou na oficina de Froben. Os humanistas da França, da Alemanha e da Itália empreendiam viagens, para ver o mestre venerado em plena atividade. E, mais uma vez, enquanto em Wittenberg, em Zurich e nas demais universidades recrudescia a luta teológica, as letras e as artes pareciam ter encontrado nesse recanto tranquilo um derradeiro refúgio.

*
* *

Não te iludas, porem, ó velho. Passou a tua era, devastaram-te o campo. A guerra triunfa no mundo, uma guerra de vida ou de morte em que os intelectuais, tornados sectários, se alistam em facções inimigas; o livre, o independente, o imparcial já não é tolerado. Travou-se uma luta histórica pró e contra a reforma evangélica; de nada te vale já cerrar as janelas e entrincheirar-te num baluarte de livros. Desde que Lutero cindiu, dum a outro extremo da Europa, o mundo cristão, não é possível enterrar a cabeça na areia e esquivar-se com faceis subterfúgios, alegando não lhe ter lido as obras. À direita e à esquerda, ecoa o brado eternamente funesto da violência: "Quem não é por nós está contra nós!"

Quando o cosmos se fende em duas partes, a ruptura atinge os indivíduos. Não, Erasmo; de balde fugiste! As labaredas do incêndio em breve te desalojarão do teu reduto. A tua época exige uma profissão de fé, o teu mundo deseja conhecer a atitude do seu guia espiritual, quer saber se és pró ou contra Lutero, adversário ou defensor do papa.

*
* *

Representava-se, então, um drama empolgante. A exaltação coletiva obstinava-se em arrastar à luta um homem fatigado de contendidas. "E' uma desgraça", clamava tristemente o filósofo

quinquagenário, “ver-me surpreendido por esta tormenta universal, exatamente quando podia esperar o merecido repouso da minha longa tarefa. Porque não se me permite permanecer mero espectador da tragédia, se sou tão pouco apto para o papel de ator e quando tantos aspiram a um lugar no palco?”

Mas, em tempos tão críticos, a fama cria obrigações e nem sempre é uma benção. Um Erasmo está muito exposto à curiosidade dos seus contemporâneos, a sua palavra é demasiado importante, para que à direita e à esquerda os facciosos se resignem a prescindir da sua autoridade.

E os chefes dos dois partidos porfiavam em atraí-lo por todos os meios, cada qual à própria causa. Uns tentavam deslumbrá-lo com ouro e lisonjas, taxavam-no outros de cobardia, esperando induzi-lo a romper o seu silêncio prudente. Assustavam-no com falsos alarmes de que os seus livros eram interditos e queimados em Roma, falsificavam-lhe as cartas, desvirtuavam-lhe as palavras.

Em semelhantes emergências, evidencia-se plenamente o verdadeiro valor do homem independente. Dum lado o imperador, vários reis e três papas, do outro Lutero, Melanchthon e Zwingli solicitavam agora a palavra decisiva de Erasmo. Este conseguiria tudo o que a terra lhe podia dar, se quisesse abraçar um ou outro partido; sabia que poderia figurar “na primeira fila da Reforma”, se a reconhecesse publicamente, e não ignorava que “não vacilariam em me conceder um bispado, se eu consentisse em escrever contra Lutero”.

Mas a probidade de Erasmo recuava perante o absolutismo e a unilateralidade duma profissão de fé. Ele não podia defender sinceramente a Igreja romana, já que fora o primeiro a lhe verberar os abusos, a exigir a sua reforma. Ao mesmo tempo negava-se a aderir, sem restrições, ao partido luterano, porque este, em lugar de defender no mundo o seu conceito da paz em Cristo, instaurava o império da violência. "Eles bradam infatigavelmente: "Evangelium! Evangelium! Evangelium!" Mas pretendem ser os seus únicos interpretes. Outrora o Evangelho abrandava os ferozes, convertia os ladrões, pacificava os vingativos, punha loas e benções nos lábios blasfemos. Mas os seus novos pregoeiros espalham, como possessos, a revolta e maldizem dos que mais merecem. Vejo entre eles novos hipócritas, novos tiranos e não se me depara a menor centelha de espírito evangélico."

Não; Erasmo não se confessaria fautor do papa nem de Lutero. Aspirava só paz, almejava apenas sossego, neutralidade e silêncio, queria dedicar-se exclusivamente ao bem da humanidade. "Consulo quieti meae."

*
* *

Mas a sua fama dilatara-se demais; demasiado ansiosa era a expectativa da sua resolução. De todas as partes do mundo multiplicavam-se as exortações, para que ele se manifestasse, pronunciando para si e para todos a palavra decisiva. O apelo sentido e impressionante dum grande carater ale-

mão nos revela quão profundamente se arraigara nas esferas intelectuais a fé na sua nobreza espiritual, na sua incorrutibilidade. Alberto Dürer conhecera Erasmo numa viagem à Holanda; meses depois, quando se divulgou o boato da morte de Lutero, o guia do movimento religioso germânico, Erasmo se afigurou ao pintor a única personagem digna de comandar a causa sagrada e todo o fervor do artista transparece nestas palavras do seu diário, endereçadas ao filósofo holandês: "O' Erasmo de Rotterdam, onde tencionas ficar? Ouve, cavaleiro de Cristo: o teu lugar é ao lado de Nosso Senhor, para defenderes a verdade e conquistares a coroa dos mártires. Embora sejas idoso, ouvi de ti mesmo que contas com dois anos mais de vida e te anima o propósito de aplicá-los numa tarefa útil. Consagra-os, pois, ao Evangelho, à verdadeira fé em Deus. Faze ouvir a tua voz e, como disse Cristo, as portas do inferno, a cátedra de Roma não prevalecerão contra ti... Desperta, Erasmo, para que eu glorifique o teu Deus, como está escrito de David; depois agirás e, em verdade, poderás derribar Golias."

*
* *

Assim pensava Dürer e, como ele, todo o povo germânico. Não era menor a esperança que a Igreja católica depositava em Erasmo, nessa hora angustiosa. O vigário de Cristo na terra, o papa, lhe dirigia, numa carta autógrafa, uma exortação quasi idêntica: "Surge, surge, em defesa da causa de Deus! Usa dos teus grandes dons em honra do

Senhor! Lembra-te de que, com o seu auxílio, a ti cabe repor no caminho da salvação os que Lutero perverteu, fortalecer os que ainda não se transviaram, reter os que correm para o abismo.” O chefe da cristandade e os seus prelados, os soberanos da Europa, Henrique VIII da Inglaterra, Carlos V, Francisco I, Fernando da Austria, o duque de Borgonha, e no campo oposto os príncipes reformistas, todos invocavam Erasmo, insistindo e suplicando, como outrora os reis homéricos, diante da tenda do irado Aquiles, para que, saindo da sua inércia, interviesse na contenda.

A cena era grandiosa. Raras vezes na História os poderosos da terra disputaram assim a palavra dum intelectual; raramente a supremacia do espírito se afirmou, tão vitoriosa, sobre as forças materiais. Mas essa circunstância poria à mostra a falha secreta do caráter do filósofo. A todos esses solicitadores do seu favor ele não opunha um claro, um heroico “Não quero”! Faltava-lhe ânimo, para formular uma negação explícita e significativa. Decidido a não aderir a nenhuma facção — o que lhe honrava a independência íntima — o neutral também não se queria desavir com nenhum partido e despia, assim, de dignidade a própria atitude absolutamente correta. Não se atrevendo a uma oposição declarada perante esses potentados, seus patronos, admiradores e esteios, iludia-os todos, com palavras vãs, divagando, tergiversando, temporizando, volteando — aqui faz-se mister escolher os termos mais artificiosos para evidenciar melhor o artifício do seu procedimento — prometendo e excusando-se. Escrevia frases de adesão que, no fundo, não o

comprometiam, lisonjeava e fingia, desculpava-se ora com os achaques, ora com incapacidade ou cansaço.

Respondeu ao papa, mostrando-se surpreso de que um espírito mesquinho como ele, de cultura inferior à medíocre, fosse indicado para empreender a tarefa titânica de extirpar a heresia. Moderava a impaciência do soberano inglês, protraindo a própria decisão de mês em mês, de ano em ano, e calmava, ao mesmo tempo, no campo contrário Melanchthon e Zwingli, com epístolas elogiosas. Achava e inventava com evasivas diversas, subterfúgios sempre novos. Porém, sob essa astúcia censurável, dissimulava-se uma vontade resoluta: "Se alguém menosprezar Erasmo, por julgá-lo um mau cristão, deixai-o fazer de mim a idéia que lhe aprouver. Não posso ser senão o que sou. Se outrem recebeu de Deus dons espirituais mais valiosos e tem mais do que eu confiança em si próprio, valha-se dessas vantagens, para maior glória de Cristo. À minha feição espiritual quadra melhor trilhar um caminho sossegado e isento de perigos. O fundo tenebroso das cousas humanas ensinou-me a detestar as dissidências, a prezar a paz e a concórdia. Sei bem que é mais fácil provocar do que extinguir a desordem e, como não confio cegamente no meu raciocínio, abstenho-me de emitir um juízo categórico sobre as opiniões alheias. Seria meu desejo que todos combatessem, unidos, pela vitória da causa cristã e do Evangelho pacífico, evitando a violência, escudando-se apenas na verdade e na razão, e que chegássemos a um acordo, quer no que se refere à dignidade do clero, quer em relação à liberdade do povo que

Nosso Senhor Jesus não queria ver escravizado. Quem cooperar para este fim, na medida das suas forças, pode contar com o meu apoio; porem os que tencionarem envolver-me no tumulto, não me terão nem como chefe nem como companheiro."

A resolução de Erasmo era irrevogavel. Imperador e reis, papas e reformadores, Lutero, Melanchthon, Dürer e o mundo todo aguardariam anos e anos a sua decisão. Ninguém lograva arrancá-lo ao seu silêncio. Os seus lábios sorriam afavelmente a todos, mas negavam-se, obstinados, a proferir a palavra decisiva.

*

* *

Houve, porem, um homem que não se resignou a esperar, um lutador impaciente e ardoroso que resolveu cortar desde logo esse nó górdio. Ulrico de Hutten, "cavaleiro contra a morte e o diabo", arcanjo Miguel da reforma germânica, venerava e amava Erasmo como um pai. Adepto apaixonado do humanismo, aspirava a ser "o Alcebiades do novo Sócrates" e entregaria confiadamente a vida às mãos do seu ídolo: "*In summa*, guardem-me os deuses e sejam tu conservado para a glória da Alemanha, que eu renunciaria a tudo, afim de estar ao teu lado."

Por seu turno, Erasmo, sempre sensível à admiração, distinguia o "amigo particular das Musas", prezava o mancebo entusiasta que erguia aos céus, como um clangor de clarins, o seu brado de imenso júbilo: "O saeculum, o litterae! Juvat vivere!", a exclamação feliz e confiante: "A vida é

um prazer!" e nutria a esperança íntima e sincera de criar, nesse jovem discípulo, um novo mestre da sabedoria universal. Em breve, porém, a política fascinava Hutten, arrebatando-o ao convívio dos livros humanísticos, à atmosfera das bibliotecas que se lhe tornara muito rarefeita e limitada. O jovem paladino e descendente de cavaleiros calçou, por sua vez, as manoplas. Fatigara-se da pena; a espada se lhe afigurava mais eficiente, contra o papa e o clero.

Embora o coroassem os laureis dos poetas latinos, Ulrico renegou o idioma douto e estrangeiro, para, daí em diante, arengar em alemão os seus contemporâneos em armas pelo Evangelho germânico:

"Dantes escrevia em latim;

"nem todos o conhecem.

"Agora convoco a minha pátria."

Mas a Alemanha repudiava-o e em Roma falava-se de o queimar como herege. Banido de casa e da corte, privado dos seus haveres, envelhecido prematuramente, roído até aos ossos pelo temível "mal francês", coberto de úlceras, o cavaleiro, uma espécie de selvagem pustulento e lastimoso, reuniu as derradeiras forças dos seus trinta e cinco anos incompletos e encaminhou-se para Basileia. Ali habitava o seu preclaro amigo, a "luz da Alemanha", o seu preceptor, patrono e mestre, Erasmo, cuja fama ele divulgara, cuja amizade o acompanhara, cujas recomendações o tinham auxiliado, o homem a quem devia a parte melhor da sua veia poética, obliterada agora e

em plena decadência. Emergindo do seu opróbrio, esse diabólico possesso arrastava-se, claudicando, para o domicílio do filósofo, com a sofreguidão do náufrago que, prestes a ser tragado pelas ondas tenebrosas, se apegava à derradeira prancha.

Mas Erasmo — cuja pusilanimidade lamentável jamais se patenteou como nessa prova impressionante — não admitiu o proscrito em casa. Havia muito que o aborrecia e importunava esse perpétuo altercador e, já em Louvain, quando Hutten insistia em que convinha declarar guerra ao clero, respondera-lhe secamente: “A minha tarefa é defender a causa da cultura.”

Nada o decidiria a ligar-se ao fanático que sacrificara a poesia à política, ao “Pilades de Lutero”, sobretudo abertamente e nessa cidade onde o espreitavam centenas de espíões. Erasmo tinha medo desse romeiro lastimoso, escorraçado, semi-morto; receava-o por três motivos. Antes de tudo — visto que nada o aterrava mais do que os males físicos — temia que esse empestado lhe pedisse hospitalidade; secundariamente, se esse “egens et omnibus rebus destitutus”, esse mendigo privado de recursos se lhe aboletasse em casa, pesar-lhe-ia na despesa; finalmente, o homem que ousava ultrajar o papa e concitava a nação alemã à guerra contra o clero lhe comprometeria a neutralidade.

Em consequência, Erasmo evitou a visita de Hutten e, segundo o seu sistema, não o despediu com um explícito e resoluto “Não quero!” Esquivou-se com pretextos mesquinhos, mandando-lhe dizer que as cólicas e o “mal da pedra” o priva-

vam de receber o amigo num quarto aquecido — necessidade essencial do mísero peregrino — porque as estufas lhe causavam um mal-estar insuportável, subterfúgio evidente e que em verdade inspira compaixão.

Naqueles dias, Basileia foi teatro dum espetáculo tristíssimo. A cidadezinha, então pouco importante, contava talvez umas cem ruas, duas ou três praças, e todos os seus habitantes se conheciam. Nesse ambiente de povoado viveu semanas o enfermo lastimoso, Ulrico de Hutten, o grande poeta, o trágico paladino de Lutero e da Reforma, arrastando-se da hospedaria para a rua, sem perder nunca de vista a casa onde residia o seu antigo mestre, primeiro campeão e agitador da causa a que ele se consagrara. O cavaleiro postava-se frequentemente na praça do mercado, a olhar, colérico, a porta aferrolhada, as janelas fechadas do que outrora o apontara ao mundo como o “novo Luciano”, como o máximo poeta satírico do seu tempo.

Atrás dos postigos implacavelmente cerrados, ocultava-se, como o caracol na concha, Erasmo, o homúnculo doentio e enfezado, aguardando que o perturbador, o vagabundo importuno se resolvesse a deixar a cidade. O filósofo expedia às escondidas as suas mensagens e Hutten continuava a esperar que a porta se abrisse e que a velha mão amiga se lhe estendesse, para lhe aliviar a miséria. Mas Erasmo não quebrava o silêncio e, embora com remorso, fechava-se prudentemente em casa.

Hutten partiu enfim, e o seu sangue intoxicado fluia agora dum coração transbordante de

amargor. Em Zurich, Zwingli o recebeu desassombradamente. Ali viveu o infeliz mais alguns meses, quasi sempre de cama, e descansou afinal num túmulo solitário, na ilha de Ufenau. Porem, antes de morrer, o sombrio cavaleiro sem temor e sem mácula desembainhou ainda uma vez a espada partida e com o coto feriu mortalmente o mestre ultracauteloso que recusava declarar-se.

Numa tremenda objurgatória, "Expostulatio cum Erasmo", investiu contra o ex-guia e amigo, taxando-o de insaciavelmente ambicioso de fama, de invejoso da reputação alheia — um golpe a favor de Lutero — acusando-o de pusilanimidade, ridicularizando-lhe as opiniões e proclamando, perante a Alemanha, que Erasmo traira e desertara vergonhosamente a causa nacional e luterana, embora no íntimo não a pudesse condenar. Do leito de morte, concitava o humanista, com palavras de fogo, a atacar abertamente a doutrina evangélica, já que não tinha ânimo para a defender. Não continuariam a temê-lo nas fileiras protestantes. "Arma-te; a causa está madura para a ação. A tarefa é digna da tua idade avançada. Reune todas as forças e põe mãos à obra: acharás o adversário preparado. O partido luterano, que quisesas varrer da face da terra, aguarda a luta e não se furta a combater contigo."

Profundo conhecedor da incerteza secreta do filósofo, Hutten predizia-lhe que não se animaria a aceitar o desafio, porque em muitos pontos a consciência de Erasmo dava razão às teorias de Lutero. "Uma parte de ti voltar-se-ia menos contra nós do que contra os teus primeiros escritos. Serias obrigado a usar da tua ciência contra ti

mesmo, a refutar eloquentemente a tua primitiva eloquência. As tuas obras combateriam umas contra as outras.”

Erasmus avaliou imediatamente a importância do golpe. Até então só o tinham atacado indivíduos insignificantes. De quando em quando, algum escrevinhador acrimonioso lhe apontava pequenos erros de tradução, citações inexatas; já essas censuras inofensivas feriam dolorosamente o hipersensível. Nesse caso, porém, tratava-se dum verdadeiro inimigo que, pela primeira vez, ousava desafiá-lo perante a Alemanha inteira. No primeiro sobressalto, o filósofo tentou impedir a impressão do libelo de Hutten, que circulava manuscrito. Não o conseguindo, tomou resolutamente a pena e replicou, retribuindo golpe por golpe, com a mesma veemência, no “*Spongia adversus aspergines Hutteni*” (Apague a esponja as acusações de Hutten) e não se abstendo, no calor da luta, de fazer alusão ao que ferira e levava ao túmulo o adversário. Em quatrocentos e vinte e quatro parágrafos distintos, refutou isoladamente cada censura e concluiu — que Erasmus sabia ser grande, quando se batia pelas suas convicções ou pela sua independência — formulando uma explícita profissão de fé. “Já declarei, em livros, cartas e debates, que recuso terminantemente aderir a qualquer facção. Há três anos, quando Hutten me acusava de não apoiar Lutero segundo os seus desejos, proclamei, em público e sem rodeios, que sou e tenciono ficar totalmente alheio a esse partido. E não só me conservo afastado, mas aconselho os meus amigos a imitarem o meu exemplo. Neste sentido não terei hesitações. En-

tendo por partido a plena adesão a tudo o que Lutero escreveu, escreve e escreverá. Não falta essa espécie de abdicação voluntária em homens eminentes. Quanto a mim, já fiz saber aos meus amigos que, se me preferirem luterano sem restrições, podem pensar de mim o que lhes aprouver. Prezo acima de tudo a liberdade e não posso nem quero servir um partido”.

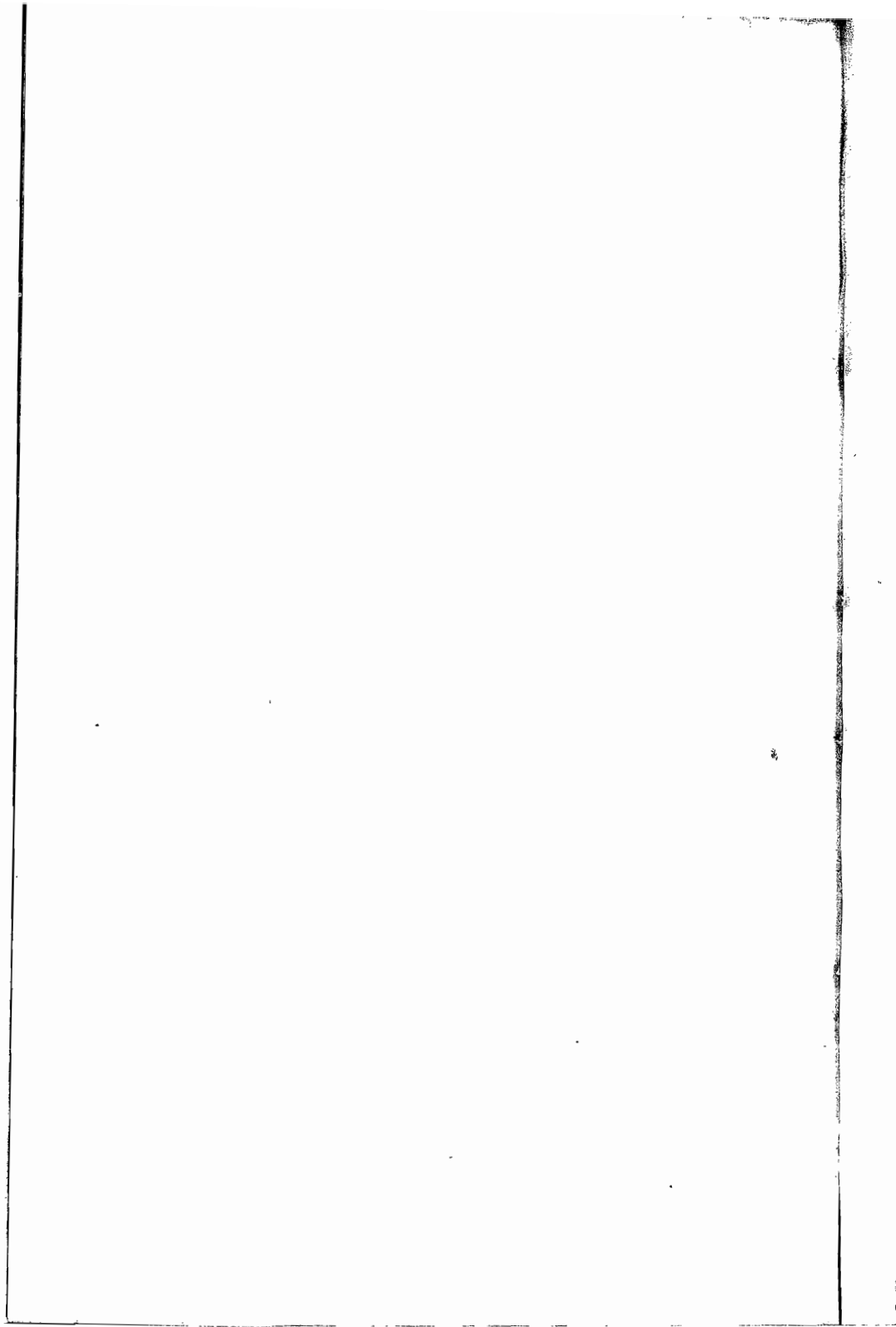
*
* *

Esse rude contra-ataque não atingiu Hutten que já repousava na eterna paz, embalado no seu jazigo solitário pelas ondas mansas do lago de Zurich, quando a vigorosa réplica de Erasmo foi posta em circulação. A morte vencera-o, antes que o alcançasse o golpe mortal do contendor. Em todo caso, o grande vencido obtinha, morrendo, uma vitória suprema que imperador e reis, papa e clero não haviam alcançado com todo o seu poderio; o seu sarcasmo obrigara o filósofo a sair da toca. Desafiado publicamente, acusado de cobardia sob os olhos do mundo, Erasmo vira-se compelido a declarar que não temia uma explicação com o seu principal antagonista, com Lutero, tivera de revelar “as suas cores”, de tomar partido. E o velho, que só aspirava ao sossego, que não se iludia de que se pudesse aniquilar com um traço de pena a causa luterana já demasiado poderosa, empreendeu, com o coração oprimido, a tarefa; convicto de que não convenceria ninguém, de que não poderia mudar nem

Erasmus de Rotterdam

remediar cousa alguma, entrou na liça contra vontade, sem prazer e sem entusiasmo. De resto, já não lhe era permitido retroceder.

E quando, em 1524, entregou finalmente ao editor a sua obra contra Lutero, suspirou, aliviado: "Alea jacta est!" "A sorte está lançada!"



CAPÍTULO IX

A grande explicação

O MEXERICO literário não é peculiar duma determinada época, mas de todos os tempos.

Já no século XVI, quando os intelectuais, pouco numerosos e desunidos na aparência, se disseminavam nos vários países, nada se conseguia ocultar a esse círculo perpetuamente bisbilhoteiro e curioso. Ainda antes que Erasmo pegasse na pena e, sobretudo, que se soubesse ao certo se e quando ele se disporia a lutar, chegara a Wittenberg o anúncio do que se projetava em Basileia.

Lutero contava, havia muito, com esse ataque. “A verdade é mais poderosa do que a facúndia”, escrevia ele, em 1552, a um amigo, “a fé supera a sabedoria. Não tenciono desafiar Erasmo nem revidar imediatamente, se ele me atacar. Não o creio, porém, decidido a dirigir contra mim o seu verbo eloquente... Entretanto, se o fizer, perceberá que Cristo não receia as portas do inferno nem os poderes do ar. Afrontarei o famoso Erasmo e não me reterá a sua fama, o seu nome ou a sua posição.”

Esta carta, destinada visivelmente a ser comunicada ao humanista, encerrava uma ameaça ou talvez uma advertência. Percebe-se nas entre-

linhas que, dada a sua melindrosa situação, Lutero preferiria evitar o debate. Os amigos de ambos intervinham, conciliadores. Melanchthon e Zwingli empenhavam-se mais uma vez, por amor da causa evangélica, em manter a paz entre Basileia e Wittenberg, e os seus esforços dir-se-iam coroados de êxito, quando, inopinadamente, Lutero resolveu dirigir a palavra a Erasmo.

*
* *

Muito mudara, porem, o tom do egresso saxônio, desde o dia em que, poucos anos antes, escrevera ao "grande homem", com louvores e submissão exagerados e a reverência dum discípulo! A consciência do momento histórico, o sentimento da sua missão nacional conferia-lhe agora às palavras uma ênfase poderosa. Que era, aliás, mais um inimigo para o que já travara luta com o papa e o imperador, com os poderes supremos da terra? Lutero fartara-se de subterfúgios, não queria ambiguidades, não pactuava com a tibieza. "Eliminem-se corajosamente as palavras e os discursos incertos, vagos, imprecisos, definindo logo e sem hesitações o próprio papel." O reformador aspirava à clareza. Estendia pela última vez ao filósofo a mão, já enfiada, porem, na manopla.

As suas primeiras frases ainda eram cortesias e comedidas: "Mantive-me por muito tempo, meu caro senhor Erasmo, na expectativa de que vós, como mais famoso e mais velho, desseis o primeiro passo, para romper o silêncio que se esta-

belecera entre nós. Esperei longamente e agora o amor me obriga afinal a tomar a iniciativa de vos escrever. Primeiramente, nada tenho a objetar a que mostreis ignorar-nos, afim de não comprometerdes as vossas relações com os papistas..." Mas depois explodia, enérgico e quasi desdenhoso, o descontentamento íntimo contra o irresoluto: "Percebendo, pois, que o Senhor não vos outorgou a constância, a coragem e o sentido de que precisaríeis para lutardes, impávido, contra o monstro, ao nosso lado, não exigiremos de vós o que excederia as minhas próprias forças... Preferiria, contudo, que não nos servísseis com tanta displicência dos vossos dons, para intervirdes na nossa contenda; porque, embora o vosso prestígio e a vossa eloquência possam conseguir muito, melhor fora que servísseis a Deus apenas com o talento que vos foi concedido."

No fim da carta, lamentando a hesitação e a reserva do humanista, Lutero arremessava-lhe afinal o argumento decisivo. Ele nada sofreria, ainda que Erasmo se lhe opusesse, com todo o peso da sua autoridade, e muito menos, se restringisse a sua ação a zurzi-lo e a censurá-lo, de quando em quando. A importância da disputa excedia consideravelmente os fins do contraditor. Arrogante e quasi imperioso, o saxônio impunha-lhe, portanto, que se abstinésse de "todo discurso irônico, retórico e florido" e, acima de tudo, se nada podia fazer, permanecesse "mero espectador da tragédia", em vez de excitar os adversários do Evangelho. Não o atacasse por escrito, que Lutero, por sua vez, nada empreenderia contra ele. "E, agora, ponhamos tréguas às mordidas e cuidemos apenas

de não nos esfolarmos ou de não nos devorarmos mutuamente.”

*

* *

Ninguém se atrevera jamais a escrever a Erasmo, senhor supremo do império humanístico, em estilo tão insolente. Apesar da sua íntima brandura, o velho folósofo não consentia em receber admoestações do homem que outrora lhe pedira humildemente proteção e amparo, em ser tratado, com tal soberba, como desprezível palrador. “Já trabalhei em prol do Evangelho mais do que muitos que ora com ele se enfeitam”, foi a sua resposta altiva. “Verifico que a Reforma nutre muitos espíritos corruptos e subversivos, vejo que as letras progridem como o caranguejo, que se infringem os pactos de amizade e receio que daí se origine um tumulto sangrento. Nada me decidirá, porém, a sacrificar o Evangelho às paixões humanas.”

Prosseguindo, Erasmo aludia com ênfase à gratidão e às honras que lhe tributariam os poderosos, se aquiescesse em se opor a Lutero. Mas talvez fosse realmente mais proveitoso para o Evangelho refutar-lhe as teorias, fazer calar os insensatos que o aclamavam e cuja exaltação obstava a que outrem se mantivesse “mero espectador da tragédia”.

A obstinação do saxônio robustecera a vontade incerta de Erasmo. “Praza a Deus que isto não tenha deveras um fim trágico!” suspirou ele, dominado por um pressentimento sinistro.

Depois apanhou a pena, a sua única arma.

*

* *

Erasmus tinha plena consciência de que se defrontava com um adversário titânico; reconhecia talvez, intimamente, a superioridade combativa de Lutero, cuja veemência aniquilara até então todos os contraditores.

Mas a força peculiar desse espírito excelso consistia em que ele — traço raro numa índole artística — conhecia as próprias limitações. Sabia que êsse torneio intelectual se travaria sob os olhos do mundo culto; os teólogos e os humanistas da Europa inteira o aguardavam, com impaciência e interesse. Cumpria, pois, colocar-se numa posição inexpugnável. Erasmus escolheu-a magistralmente. Em vez de acometer com violência irrefletida Lutero e o credo evangélico, pesquisou com olhos de falcão o dogma luterano, tomando por alvo do seu ataque um ponto fraco ou pelo menos vulnerável, uma questão aparentemente acessória, mas na realidade essencial ao equilíbrio ainda instável do edifício teológico do seu contendor. O principal interessado, o próprio Lutero, louvou a escolha, admirando-se de que “só tu, dentre todos os meus opositores, penetraste até à medula do assunto; foste o único que percebeu o nervo vital da doutrina, e contra ele assestaste os teus argumentos.”

Guiado pela sua prodigiosa intuição artística, Erasmus abstinha-se, nesse duelo, de visar os pontos de vista inabaláveis das convicções contrárias, preferindo o terreno dialeticamente resvaladiço dum problema teológico em que o campônio de

punho de ferro não o poderia aniquilar totalmente e no qual se sentia protegido e amparado pelos grandes filósofos de todos os tempos.

Erasmus tomava por base da explicação a eterna incógnita de todos os sistemas teológicos: a questão da liberdade ou da limitação da vontade humana. Para Lutero, nutrido da doutrina agostiniana da predestinação, o homem era perpetuamente prisioneiro de Deus que não lhe outorga um átomo de livre arbítrio e lhe traça e determina com antecedência todas as ações. Em consequência, nenhum ato meritório, nenhuma "bona opera", nenhuma contrição pode elevar-lhe a vontade, libertá-la do enredo dos pecados precedentes; só à graça divina se deve atribuir a perseverança dum mortal em trilhar o caminho do bem, conceito que em linguagem hodierna se exprime nestes termos: no nosso destino, obedecemos à influência da hereditariedade e aos caprichos da sorte. A nossa vontade é nula, se não a precede a de Deus, ou, segundo Goethe:

"toda vontade
"resume-se em querer, porque devemos;
"e, ante essa vontade, cala-se o livre arbítrio..."

Erasmus, humanista e apóstolo da fé inquebrantável na razão humana, o poder sagrado que nos vem de Deus, não podia aceitar a concepção luterana. Profundamente convicto de que uma vontade firme e sincera basta para elevar não só o indivíduo como a humanidade inteira a um nível moral mais alto, combatia esse fatalismo obstinado e quasi muçulmano.

Mas Erasmo não seria Erasmo, se opusesse às opiniões contrárias um “não” conciso e rude. Ainda nesse caso, impugnou apenas o extremismo, o absolutismo e a inflexibilidade do conceito determinista de Lutero. Pessoalmente — dizia ele com a prudência e a hesitação costumadas — não encontrava nenhuma satisfação nas afirmações categóricas; pendia antes para a dúvida; todavia, em casos dessa ordem, submetia-se de bom grado à Escritura e à Igreja. Ora, desde que nos textos sagrados essas idéias eram assaz obscuras e imperfeitamente explicadas, parecia-lhe arriscado negar, como o fazia Lutero, o livre arbítrio humano. Não asseverava que o conceito do seu contendor fosse falso, mas opunha resistência ao “non nihil”, à afirmação de que todas as boas ações das criaturas não teem perante Deus nenhum efeito e são, portanto, absolutamente supérfluas. Se, como sustentava Lutero, tudo se devesse atribuir à graça divina, que sentido teria para os homens praticar o bem? Cumpria, pois — alvitrava o eterno conciliador — deixar-lhes ao menos a ilusão do livre arbítrio, para que não desesperassem e Deus não lhes parecesse injusto e cruel. “Adoto a opinião dos que confiam parcialmente na vontade livre e sobretudo na graça do Senhor. Evitando o Scilla do orgulho, guardemo-nos de cair no Caribdes do fatalismo.”

Como se vê, ainda em plena luta, Erasmo, o pacifista, era duma tolerância extrema com o adversário. E nessa circunstância não se descuidou de acentuar que não convinha exagerar a significação do debate, de perguntar a si mesmo se “seria justo alvoroçar o mundo por motivo dalgumas

asserções paradoxais.” E, na verdade, se Lutero lhe oferecesse o mínimo ensejo, se desse um único passo na sua direção, essa controvérsia também terminaria em paz e concórdia. Mas o tolerante esperava transigência do cérebro mais obstinado desse século, do homem que, em matéria de fé e de convicções, nem perante a fogueira se retrataria duma sílaba, duma única letra e que, como fanático nato e jurado, preferiria a ruína do mundo a modificar o parágrafo menor e mais insignificante da sua doutrina.

*

* *

Lutero não respondeu logo, embora o ataque lhe exasperasse em alto grau a índole irritável. “Enquanto, para falar verdade, pouca atenção dispensei aos outros livros, li este escrito de Erasmo, reprimindo a custo a tentação de arremessá-lo debaixo da banca”, diz o saxônio com a rudez habitual. Entretanto, nesse ano de 1524, preocupavam-no casos mais graves e mais melindrosos do que uma discussão teológica. Cumpria-se já, no que lhe concernia, o destino de todo revolucionário: o que intentara substituir uma nova ordem de cousas às condições antigas, desencadeara por sua vez forças caóticas e via o próprio radicalismo ameaçado de ser submerso por princípios mais avançados.

Lutero reclamara liberdade de palavra e de crença; os espíritos sublevados por ele exigiam ainda mais. O profeta de Zwickau, Karlstadt, Tomaz Münzer, todos esses “exaltados”, como os

denominava o reformador, também se congregavam em nome do Evangelho, insurgindo-se contra o imperador e o império. Por obra das suas tropas rústicas, as palavras de Lutero contra a nobreza e os soberanos se convertiam em chuços e em estrepes, e onde aquele pregara apenas uma revolução espiritual, encenavam os campônios um movimento social e francamente comunista.

Nesse ano repetia-se, em Lutero, a tragédia espiritual de Erasmo: os resultados excediam-lhe a expectativa; e, assim como dantes exprobara ao filósofo a sua tibieza, o egresso via-se agora estigmatizado pelos membros da Bundschuh, pelos violadores de claustros, pelos iconoclastas, como "sofista de novo gênero", "pagão", "rematado biltre papista", "amigo fiel do Anticristo", "carne arrogante de Wittenberg". Destino erásmico: o que o teólogo pensara espiritualmente, era, segundo as suas palavras, interpretado "carnalmente", em sentido demagógico, pela massa e pelos seus guias ainda mais fanáticos. E' sina de toda revolução que uma nova onda se sobreponha de contínuo à precedente. Figurando em Erasmo os girondinos, teremos em Lutero os jacobinos, em Münzer e os seus sequazes os partidários de Marat. O que fora chefe incontestado tinha agora de lutar com duas frentes: contra os tibios e contra os furiosos; devia assumir a responsabilidade da revolução social, da revolta mais terrível e sangrenta que desde séculos houvesse devastado a Alemanha. Efetivamente os rústicos insurgidos traziam no coração o nome de Lutero; só a rebelião e o êxito deste contra o imperador e o império animariam esses míseros rebeldes a

se revoltarem contra os seus condes e déspotas. "Colhemos agora o fruto do teu espírito", bradava-lhe Erasmo com razão. "Renegas os insurretos, porem eles te reconhecem. Não lograrás desmentir a convicção geral de que essa desgraça se deve em parte aos teus livros, especialmente aos que publicaste e idioma alemão."

Lutero se defrontava com um dilema tremendo; ele, que se radicara e vivia no meio do povo, que incitara a massa contra os soberanos, deveria agora repudiar os camponeses que lutavam pela liberdade, segundo os seus preceitos e em nome do Evangelho, ou ser desleal aos príncipes? Da noite para o dia, a sua situação se tornara quasi idêntica à de Erasmo e pela primeira vez ele quis, de fato, agir erásmicamente, exortando os soberanos à indulgência e intimando o partido camponês a "não cobrir com o nome cristão os vossos atos violentos, intolerantes e anticristãos." Porem — cousa insuportavel a um homem tão presunçoso — o povo rude já não o ouvia, e preferia prestar obediência a quem lhe prometia mais: Tomaz Münzer e os teólogos comunistas. Finalmente, visto que essa rebelião desenfreada ameaçava comprometer-lhe a obra, Lutero decidiu-se e confessou que a luta social interna lhe perturbava a contenda com o papado. "Se esses espíritos criminosamente subversivos não me turvassem as águas com os seus campônios, as cousas correriam de modo bem diverso para o papado."

Tratando-se da sua obra e da sua missão o ex-agostinho não conhecia hesitações. Revolucionário autêntico, tomava partido contra a revolução dos camponeses alemães e, dado o seu tem-

peramento, só o podia fazer como extremista, da maneira mais apaixonada, mais facciosa e mais feroz. De todas as suas obras, a que redigiu no período mais crítico da sua existência, o panfleto contra os campônios germânicos, é a mais terrível e a mais cruel. "Quem perecer, defendendo os príncipes", apregoava ele, "será martir e bem-aventurado; quem tombar no campo oposto irá para o inferno. Portanto, esbordoe-se, mate-se, estrangule-se, em público e secretamente, quem assim crê e pensa, pois não há nada mais venéfico, mais nocivo e mais diabólico do que um rebelde."

Lutero abraçava, sem restrições e definitivamente, a causa da autoridade contra o povo: "O asno precisa de pauladas; a plebe deve ser governada com a força." O lutador obstinado não proferiu uma palavra de piedade ou de clemência, ao arremessar com crueldade atroz a cavalaria vencedora sobre os humildes vencidos; o homem genial, mas cego na cólera, não manifestou a mínima compaixão pelas vítimas incontáveis, a maioria das quais se insurgira, movida pela fé no seu nome e pelo exemplo da sua rebeldia. Finalmente, quando o sangue alagava os campos de Wurttemberg, o vencedor não vacilou em declarar, com insensibilidade e audácia assombrosas: "Eu, Martim Lutero, aniquilei durante a rebelião todos os camponeses, porque tinha a missão de exterminá-los; recaia sobre a minha cabeça o sangue derramado."

Esse furor, essa tremenda faculdade de odiar ainda lhe animavam a pena, quando ele se dispôs a rebater Erasmo. Talvez que lhe houvesse per-

doado o "excursus" teológico em si; mas o entusiasmo com que se acolhera em todo o mundo humanístico o apelo do rival à moderação elevava ao delírio a indignação de Lutero. Este não podia suportar a idéia de que os seus inimigos entoassem um hino triunfal. "Dizei-me: onde está o grande Macabeu, onde está o que se estriba com tanta firmeza na sua doutrina?"

Desde que a guerra dos camponeses deixara de oprimí-lo, não se limitaria a responder a Erasmo; esmagá-lo-ia totalmente. À mesa, diante dum grupo de amigos, manifestou esta intenção, com uma frase tremenda: "Peço-vos, portanto, em nome de Deus, que sejais inimigos de Erasmo e que vos guardéis de lhe manuseardes os livros. Escreverei contra ele, ainda que isto seja a sua morte ou a sua perdição. Aniquilarei Satanaz com a pena!" Depois, quasi com orgulho, concluiu: "Assim como matei Münzer, cujo sangue me recai sobre a cabeça."

Mas também nos paroxismos de cólera e justamente quando o sangue lhe fervia nas veias, Lutero se revelava grande artista, gênio do idioma alemão. Sabia que afrontava um adversário formidável e da consciência desse dever derivou a grandeza da refutação, que não é um simples opúsculo de combate e sim um livro substancial, extenso, cintilante de imagens, transbordante de paixão, a obra em que, a par da erudição teológica, o autor evidencia, em todo o esplendor, o seu talento literário e humano. "De servo arbitrio", o tratado da servidão da vontade, figura entre os mais poderosos escritos polêmicos desse homem combativo, e o seu duelo com Erasmo

merece ser incluído nos debates mais significativos que jamais se travaram, na esfera intelectual germânica, entre duas personalidades de índoles antagônicas, mas de caracteres excelsos. Ainda que o argumento da controvérsia pouco interesse o sentimento hodierno, a grandeza dos adversários faz desse embate um acontecimento indelevel, no domínio da literatura universal.

Antes de entrar na liça, de afivelar o capacete e de pôr a lança em riste, para os golpes mortais, Lutero ergueu um instante — só um instante — a arma, numa saudação breve e cortês: “Consa-gro-te tal estima e apreço, que nunca os tributei maiores a ninguém.” Depois, reconhecendo lealmente que Erasmo o tratara “com perfeita urbanidade e brandura”, confessou que, dentre todos os seus contraditores, só o filósofo descobrira “o nervo vital da questão”.

Formulado o cumprimento, cerrou logo o punho temível e voltou resolutamente ao estilo rude, ao seu verdadeiro elemento. Respondia aopositor “porque S. Paulo ordena que se feche a boca dos palradores insulsos.” E, desferindo golpe após golpe, com imaginação poderosa e genuinamente luterana, censurava o humanista que em todas as cousas pretendia “andar sobre ovos, sem os quebrar, caminhar entre vidros sem cometer nenhum desaso”. “Erasmo não quer afirmar categoricamente cousa alguma”, ironizava ele. “Todavia não vacila em enunciar a nosso respeito semelhante juízo; isso equivale a fugir dum chuvisco e atolar-se num lodaçal.”

Com um rasgo de pena, Lutero punha à mostra o contraste entre a própria firmeza e intran-

sigência e a circunspeção hipócrita do adversário. Este prezava "a liberdade material, o bem-estar e o sossego mais do que a fé", enquanto ele estava pronto a crer, "embora o mundo inteiro devesse, não só sublevar-se, como submergir-se ou cair em ruínas." Enquanto Erasmo, no seu escrito, concitava habilmente à prudência, apontando a obscuridade de muitas passagens da Bíblia que nenhum mortal poderia interpretar com plena certeza e responsabilidade, Lutero bradava energeticamente o seu modo de ver: "Sem certeza, não há cristianismo! O cristão deve estar certo da sua doutrina e da sua causa, ou não é cristão." O hesitante, o tíbio, o incerto, em assuntos de fé, devia renunciar de vez à teologia. "O Espírito Santo não é cético!" troava o egresso. "O que ele nos inscreveu no coração não é ilusão vaga, mas certeza poderosa." E insistia, obstinado, no seu ponto de vista de que o homem só é bom, se traz Deus em si, e mau, quando o possui o demônio, sendo a sua vontade fraca e inconsistente contra a providência divina, firme e imutável.

Pouco a pouco, do problema isolado, do motivo único derivava um contraste muito maior. Uma concepção absolutamente oposta do caráter e da missão de Cristo, concepção oriunda dos seus temperamentos antagônicos, separava como uma barreira os dois reformadores da religião. Para Erasmo, o humanista, Jesus fora o pregoeiro da humanidade, o ente divino que dera o seu sangue, afim de extirpar da terra a carnificina e a discórdia. Lutero, o lansquenete de Deus, aferava-se, pelo contrário, à sentença do Evangelho, segundo a qual Cristo não viera trazer a paz e

sim a espada. Quem quer ser cristão — dizia Erasmo — deve mostrar-se pacífico e tolerante. Quem é cristão — replicava Lutero, o inflexível — jamais transigirá, quando se tratar da palavra divina, ainda que por isso veja ruir o mundo inteiro.

A frase que, anos antes, o monge agostinho escrevera a Spalatinus tornara-se a divisa do reformador: “Não creio que a causa possa triunfar, sem tumulto, sem escândalo, sem rebelião. Nunca farás da espada uma pena, da guerra a paz. A palavra de Deus é luta, cólera, destruição e veneno: como um urso no caminho ou uma leão na floresta, acomete os filhos de Efraim.”

Lutero repelia com veemência o apelo de Erasmo à união e à concórdia: “Cessem os teus brados e as tuas lamentações! Para esta febre não há remédio. Esta guerra provocou-a Nosso Senhor; e a luta não cessará, enquanto os inimigos da sua palavra lhe ultrajarem as leis.”

A seu ver, a loquacidade melíflua de Erasmo não era senão falta de verdadeira fé cristã. Em consequência, seria aconselhável que o literato se consagrasse exclusivamente ao seu labor meritório em língua grega e latina — ou em bom alemão: às suas brincadeiras humanísticas — e não envolvesse nas suas perífrases o problema que só a íntima certeza divina do homem crente, absolutamente convicto, podia resolver. Abstenha-se Erasmo — exigia imperiosamente o reformador — de intervir nesta luta religiosa, já tornada um fato histórico, desde que “Deus não te quis dar nem te concederá poder bastante para defenderes a nossa causa.”

Quanto a si, Lutero ouvia o apelo do Senhor e possuía, portanto, uma consciência segura. "Quem ou o que sou, por que espírito e intuitos travei luta, resolva-o Deus que sabe tudo; o que estou realizando não depende do meu arbítrio, mas da sua vontade divinamente soberana que o iniciou e o vem desenvolvendo."

Traçara-se, pois, a linha divisória entre o humanismo e a reforma germânica. A erásmica e o luteranismo, a razão e a paixão facciosa, a religião da humanidade e o fanatismo religioso, o supranacional e o nacionalismo, a versatilidade e a obstinação não se podiam unir, como não se fundem o fogo e a água. Onde quer que se afrontem na terra serão adversários implacáveis, elemento contra elemento.

*
* *

Lutero jamais poderia perdoar que Erasmo se lhe opusesse publicamente. Esse homem combativo não toleraria, nessa controvérsia, outra conclusão que não fosse a aniquilação completa do seu contraditor.

Enquanto o filósofo holandês, depois de replicar com o "Hyperaspistes" — escrito insolitamente violento, dada a tolerância do autor — voltava aos seus estudos prediletos, a ira abrasava o teólogo saxônio. Este não perdia ensejo de cobrir de injúrias o homem que ousara discordar dum único ponto da sua doutrina e o seu "ódio homicida", como o denominava o humanista, não recuava perante nenhuma calúnia. "Quem ani-

quilar Erasmo esmagará um persevejo, mais malcheiroso depois de morto do que em vida". Em outra passagem, Lutero proclamava-o "inimigo acérrimo de Cristo" e, como lhe mostrassem um dia um retrato do seu contraditor, preveniu os amigos de que era a efígie "do homem astuto e malvado que escarnecera de Deus e da religião e, noite e dia, inventava frases vagas, de tal modo que, parecendo dizer muito, não dizia nada."

Certa vez, à mesa, apostrofou, irado, os seus convivas: "Inscreverei no meu testamento — e disso vos tomo por testemunhas — que Erasmo é o maior inimigo de Cristo, dentre os que existiram no espaço dum milênio." Finalmente, não vacilando sequer ante a blasfêmia, dizia: "Quando rezo: "Bendito seja o teu santo nome", amaldição Erasmo e todos os hereges que ultrajam e profanam o Senhor."

Todavia Lutero, o frenético a quem, na luta, o sangue fervia nas veias e congestionava os olhos, nem sempre era só guerreiro; por amor da sua doutrina e da sua influência pessoal, sabia ser também diplomata condescendente e oportunista.

E' de crer que os amigos o advertissem da inconveniência de atacar, com injúrias tão graves, o ancião tido em tão alto conceito em toda a Europa. Fosse como fosse, o furibundo largou a espada e tomando o ramo de oliveira, dirigiu, ao "maior inimigo de Deus", um ano após a tremenda diatribe, uma carta quasi jovial, desculpando-se de tê-lo atacado tão rudemente. Mas, dessa vez, foi Erasmo quem não consentiu na reconciliação. "Não sou tão pueril — respondeu secamente o humanista — que, depois de supor-

tar os peores ultrajes, me deixe abrandar com gracejos e lisonjas... A que propósito vinham as observações sarcásticas, as mentiras abjetas de que sou um ateu, um cético em matéria de fé, um blasfemador e não sei que mais?... O que ocorreu entre nós carece de importância, sobretudo para mim que me vou aproximando da sepultura; mas o que me revolta, como a todo homem de bem, é ver que a tua atitude arrogante, ousada e subversiva sublevou o mundo... e que, por tua causa, esse movimento não chegará ao fim excelente pelo qual lutei. A nossa controvérsia é um caso privado; o que me pesa é o mal-estar geral, a confusão irremediável, e esses não os devemos senão ao teu caráter indómito que recusa deixar-se guiar pelos bons conselhos. Desejo-te um estado de espírito muito diferente do que tanto te extasia. Por sua vez, podes almejar-me tudo o que te aprouver, exceto a tua mentalidade, a não ser que Deus a modifique.”

Erasmus rejeitava, com insólita aspereza, a mão que lhe arrasara o edifício humanístico, negava-se a saudar e a reconhecer o homem que destruíra a paz da Igreja e desencadeara, na Alemanha e no mundo, o hediondo “tumultus” espiritual.

*
* *

Mas o tumulto imperava na terra e ninguém lhe podia fugir, nem sequer Erasmus. Desassossego era a lei que o destino lhe impusera; toda vez que o sábio suspirava pela paz, subvertia-se o mundo

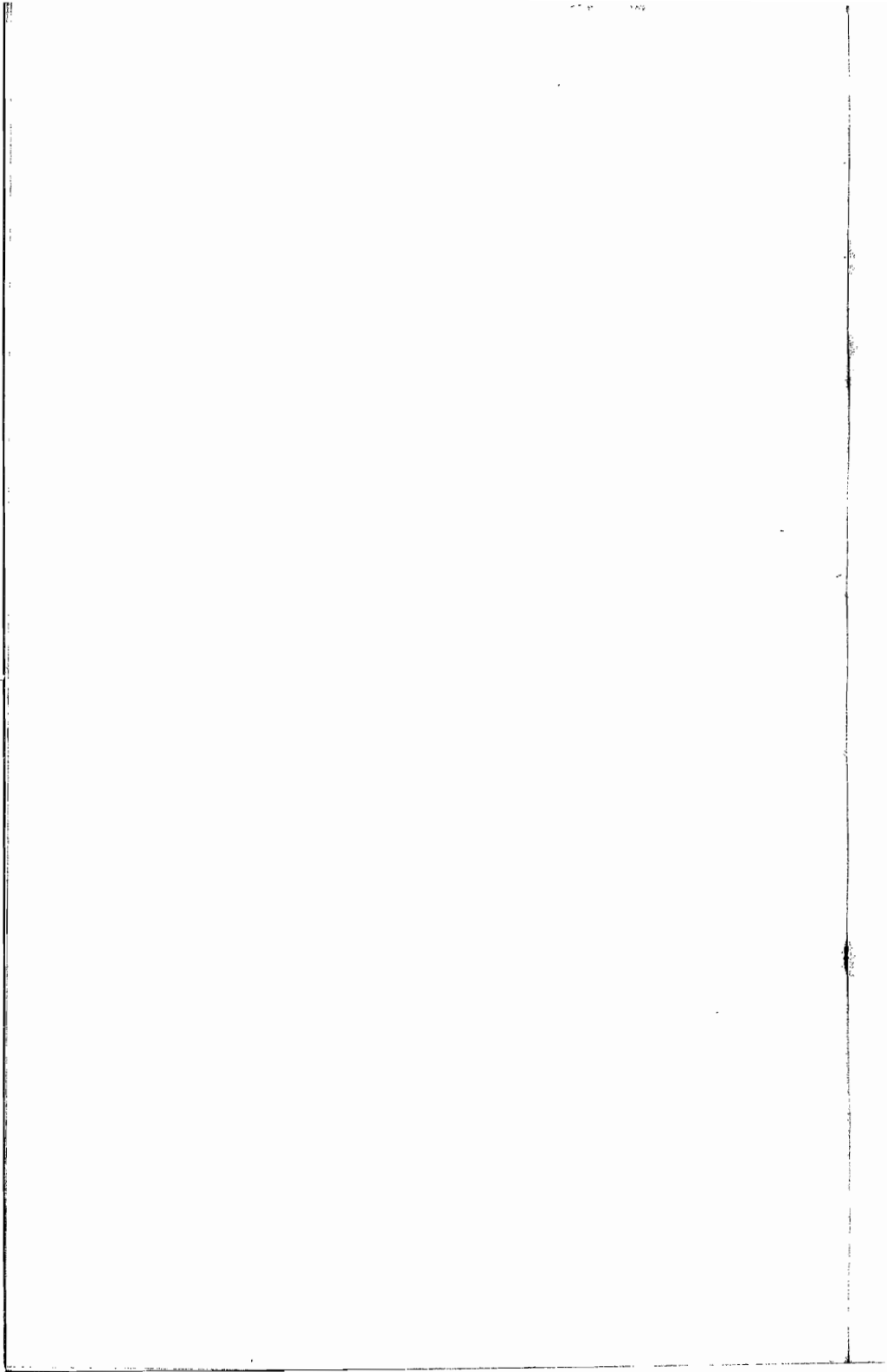
Erasmo de Rotterdam

em torno dele. Basiléia, a cidade neutral em que o neutro se refugiara um dia, tomou-se também da febre da reforma. A população devastou os templos, quebrou os quadros e as imagens dos altares, queimando-os depois, em três grandes fogueiras, diante da catedral. Erasmo via, horrorizado, o seu eterno inimigo, o fanatismo, rondar-lhe a casa com archotes e espadas.

Restava-lhe, na confusão, um tênue consolo: "Não se derramou sangue. Assim seja sempre." Porém, desde que Basiléia abraçara a Reforma, ele, que abominava todo partidarismo, não permaneceria mais tempo entre os seus muros.

Aos sessenta anos, decidido a salvaguardar a tranquilidade do seu trabalho, emigrou para Friburgo em Brisgóvia, então sujeita ao domínio austríaco. A população e as autoridades acolheram-no com as maiores homenagens, oferecendo-lhe para residência um palácio imperial. Recusando o domicílio suntuoso, o humanista escolheu uma pequena habitação contígua a um mosteiro, um recanto modesto onde contava trabalhar em paz e morrer sossegado.

A História não podia criar símbolo mais grandioso, para o neutro que em parte alguma é bem aceito, porque recusa tomar partido. Erasmo tivera de abandonar Louvain, cidade católica; fugia agora de Basiléia, convertida ao protestantismo. O espírito livre e independente, que não se avassala a nenhum dogma e não se decide por nenhuma facção, não tem pátria na terra.



SEXAGENÁRIO, cansado, exausto, Erasmo tornava, em Friburgo, a se refugiar entre os livros, fugindo — já quantas vezes! — à violência e ao tumulto do mundo.

A idade alquebrava-lhe mais o corpo enfestado e fraco; o rosto fanado, sulcado de rugas incontáveis, se assemelhava cada vez mais a um pergaminho coberto de traços e sinais místicos; e o que outrora nutria uma fé inabalável na ressurreição do mundo por obra do espírito, na renovação do gênero humano, mediante uma humanidade mais pura, tornara-se, a pouco e pouco, acrimonioso, irônico e sarcástico. Impertinente, como todo velho celibatário, queixava-se da decadência das letras, do rancor dos seus inimigos, da carestia, dos banqueiros desonestos, do vinho ruim e azedo.

O grande desiludido sentia-se cada vez mais estranho num mundo que repelia francamente em paz e no qual a razão e a justiça sucumbiam, todos os dias, à paixão e à arbitrariedade. Havia muito que o ritmo do coração se lhe tornara mais lento; conservavam, porém, a mesma atividade prodigiosa a mão e o cérebro; sobretudo a inteli-

gência, maravilhosamente clara e límpida, projetava, como uma lâmpada, raios de luz puríssima sobre todas as cousas que se lhe deparavam ao espírito incorrutível, no campo da visão.

Um único amigo, o mais velho e o melhor, sentava-se, fiel, ao seu lado: o trabalho. Erasmo redigia diariamente trinta ou quarenta cartas, enchia in fólhos inteiros com a trasladação dos Padres da Igreja, completava os seus "Colóquios" e adiantava uma série numerosa de obras estéticas e morais. Escrevia e trabalhava, com a consciência do homem crente no direito e no dever da razão de dizer a sua eterna palavra, ainda que a um mundo ingrato. Mas, no íntimo, avaliava bem o absurdo de exortar os homens a sentimentos mais humanos, nessa hora de delírio universal; sabia que o seu ideal sublime e excelso de humanismo fora vencido.

A obstinação dos zelotes frustrara-lhe a esperança e os esforços por substituir a concórdia, a reconciliação durável à luta feroz. O seu estado intelectual, o seu estado de Platão no meio das nações, a sua república de sábios não cabia no campo de batalha das facções exasperadas. Reinava guerra sem tréguas entre religião e religião, entre Roma, Zurich e Wittenberg. Entre a Alemanha, a França, a Espanha e Itália, as expedições militares sucediam-se, ininterruptas, como borrascas ambulantes. O nome de Cristo se tornara lema e lábaro de ações guerreiras. Não era ridículo escrever tratados, concitar os príncipes à reflexão? Não seria absurdo interceder pela doutrina evangélica, se os representantes e os mensageiros de Deus usavam o vocábulo Evange-

lho como uma acha de armas? "Todos eles teem nos lábios estas cinco expressões: "Evangelho, Palavra de Deus, Fé, Cristo e Espírito." Vejo, contudo, que muitos deles procedem, como se os possuisse o diabo."

Não; já não tinha sentido persistir, nesse período de sobreexcitação política, em ser intermediário e conciliador. Findava o sonho sublime dum império humanístico, europeu, mundial, moralmente unido, e o que o sonhara para a humanidade, o próprio Erasmo, idoso e alquebrado, tornara-se inútil, pois ninguém mais o queria ouvir. O mundo ultrapassara-o; já não precisava dele.

*
* *

Mas, assim como a vela despede, antes de se apagar, um clarão mais vivo, assim, antes de succumbir à tormenta do seu tempo, uma idéia evidencia ainda uma vez o seu extremo poder.

O ideal erasmico, a doutrina do acordo e da reconciliação, também devia ter o seu derradeiro brilho, curto, porém magnífico. Carlos V, senhor dos dois mundos, acabava de tomar uma resolução importante. O imperador já não era o adolescente incerto que assistira à Dieta de Worms. Os desenganos e a experiência lhe tinham maturado o espírito e a grande vitória, que alcançara recentemente sobre a França, dava-lhe enfim a segurança e autoridade necessárias.

Regressando à Alemanha, Carlos V decidira regularizar a questão religiosa, reconstituir a uni-

dade da Igreja, desfeita por Lutero, recorrendo, se preciso fosse, à violência. Contudo, antes disso tentaria, segundo a intenção de Erasmo, estabelecer um acordo entre a Igreja tradicional e o novo credo, convocar "um concílio de homens eruditos e sem preconceitos que, em paz e consciência, ouvissem e ponderassem todos os argumentos favoráveis à instituição duma igreja cristã, única e renovada." Com este intuito, o imperador ordenara a convocação da Dieta em Augsburg.

O congresso de Augsburg foi um momento de significação máxima para a nação alemã e, em consequência, uma hora verdadeiramente fatídica para a humanidade, um desses fatos históricos irrevogáveis que já encerram o germe das vicissitudes dos séculos futuros. Ainda que aparentemente menos dramática do que a Dieta de Worms, a de Augsburg não lhe é inferior na importância das decisões históricas. Nesta como naquela, tratava-se da unidade espiritual e intelectual do Ocidente.

A princípio, os dias de Augsburg se anunciavam extraordinariamente propícios à idéia erasmica, ao debate conciliatório entre os antagônistas, solução que o filósofo reclamara incessantemente. De fato, ambas as partes, a Igreja tradicional e a nova doutrina, atravessavam uma crise e estavam, portanto, dispostas a grandes concessões. Verificando que a causa da Reforma se propagara em toda a Europa setentrional, como um incêndio na floresta, e ampliava de hora em hora o seu raio de ação, a Santa Sé perdera muito do orgulho inflexível com que, no começo, considerava os mesquinhos hereges alemães. A Ho-

landa, a Suécia, a Dinamarca, a Suíça e, em primeiro lugar, a Inglaterra já tinham adotado a nova crença. Por toda parte, os soberanos, sempre necessitados de dinheiro, percebiam a conveniência de restaurarem as próprias finanças, confiscando em nome do Evangelho os valiosos bens da Igreja.

As armas primitivas de Roma, o anátema e o exorcismo, não possuíam já o poder da época de Canossa, se um obscuro monge agostinho ousara queimar, impune e publicamente, uma bula papal de excomunhão. Demais, a dignidade do papado sofrera profundamente, desde que o pontífice tivera de contemplar, do castelo de Sant'Ângelo, a Cidade Eterna, devastada pela pilhagem. O "Sacco de Roma" (1) aniquilara, por séculos, a coragem e o orgulho da Cúria.

Por outro lado, depois dos dias heroicos e inebriantes de Worms, soavam horas críticas para Lutero e os seus sequazes. No campo evangélico, sérios empecilhos ameaçavam a "amável concórdia da Igreja". De fato, ainda antes que Lutero conseguisse erigir em organização definida a sua religião, surgiam e se lhe opunham as novas seitas de Zwingli, Karlstadt, a anglicana de Henrique VIII, a dos "fanáticos" e a dos anabatistas. O próprio reformador, exaltado mas leal, via-se forçado a reconhecer que muitos interpretavam em sentido material as suas reivindicações espirituais e as exploravam desenfreadamente, com o fim de auferir proveitos e vantagens. Gustavo Freytag resume em termos admiráveis a tragédia

(1) Saque de Roma, pelas tropas imperiais.

dos últimos anos de Lutero: "Quem é eleito pelo destino, para criar de novo a mais sublime das cousas, tem de sacrificar ao mesmo tempo uma parte da vida à tormenta; e, quanto mais consciencioso fôr esse indivíduo, tanto mais profundamente lhe repercutirá na alma o golpe que desferiu na ordem do mundo. Tal é a dôr secreta, ou melhor, o arrependimento inerente a todo grande ideal histórico."

Nesse momento transparecia, pela primeira vez, no teólogo rude e intolerante, um tênue desejo de conciliação, e os partidários, que outrora lhe enrijavam a vontade, mostravam-se mais comedidos, desde que viam Carlos V, seu senhor e rei, com os braços novamente livres e bem armados. Talvez fosse mais prudente — pensavam muitos dentre eles — não afrontar como rebeldes o árbitro da Europa. Uma perseverança demasiado obstinada poderia comprometer-lhes a cabeça e os domínios.

Esmorecia, portanto, pela primeira vez, a terrível intransigência que, antes e depois, presidiu à causa religiosa alemã; e essa distração do fanatismo proporcionava possibilidades extraordinárias. Efetivamente, conseguido, segundo a tese erásmica, o acordo entre a Igreja tradicional e o novo credo, a Alemanha e o mundo se tornariam a unir em espírito; evitar-se-iam as seculares lutas religiosas, as guerras civis, os conflitos entre estados, com toda a sua hedionda destruição de valores morais e materiais. Assegurada a hegemonia espiritual da Alemanha no âmbito internacional, cessaria a ignomínia das perseguições religiosas, extinguir-se-iam as fogueiras, o index e a

inquisição não usariam os seus estigmas cruéis para reprimir a liberdade de pensamento, poupar-se-iam à Europa, já então castigada, ruínas incalculáveis. Um espaço insignificante separava os contendores; se de parte a parte o transpusessem, a razão, a causa humanística, Erasmo venceriam mais uma vez.

Sumamente auspiciosa para esse acordo era, além de tudo, a circunstância de que a representação da causa protestante não fora confiada ao intransigente Lutero e sim ao mais diplomático Melanchthon. Este espírito nobre e moderado, que o protestantismo celebra como o amigo e auxiliar mais fiel de Lutero, nutriu durante a vida uma admiração singular pelo grande adversário do reformador e jamais deixou de ser um discípulo reverente de Erasmo. Espiritualmente, a sua natureza reflexiva aproximava-se mais da concepção humanística e humana da doutrina evangélica, como a interpretava Erasmo, do que do conceito rigoroso e inflexível do teólogo de Wittenberg, cuja personalidade e influência o subjugavam, todavia, como forças sugestivas e dominadoras. Na imediata vizinhança do mestre, Melanchthon fazia-lhe docilmente a vontade, cedia à sua fascinação, secundava-o com humildade, com todo o zelo da sua inteligência atilada, reflexiva e organizadora. Em Augsburg, estando, pela primeira vez, longe do influxo hipnótico do chefe, o delegado protestante obedecia, porém, à outra face do seu caráter, à parte erasmica.

Nos dias de Augsburg, Melanchthon manifestou-se francamente a favor duma conciliação e estendeu-se tanto nas concessões, que, por assim

dizer, tinha já um pé na Igreja antiga. Apesar da formulação incisiva e artística, a "Confissão de Augsburgo" — devida exclusivamente a Melanchthon, porque, como ele próprio confessava, Lutero "não saberia pisar tão de leve" — não continha nenhuma provocação grosseira à Igreja católica. Na discussão passaram-se em silêncio pontos importantes de controvérsia. Assim não se mencionou a doutrina da predestinação, que Lutero discutira tão acicamente com Erasmo; o mesmo se fez, em relação às questões mais melindrosas, tais como o direito divino dos pontífices, o "character indelebilis", o caráter indestrutível do clero e o número dos sacramentos. De ambos os lados pronunciavam-se palavras surpreendentemente conciliatórias. "Veneramos a autoridade do Papa e da Igreja romana", escrevia Melanchthon, "desde que o papado não nos repudie." Por seu turno, um representante do Vaticano declarava, semioficialmente, discutíveis as questões do celibato eclesiástico e da comunhão leiga. Apesar das dificuldades, uma tênue esperança já animava os congressistas.

Se, então, ali estivesse um homem de grande prestígio moral, inspirado por um sincero e apaixonado desejo de paz, disposto a se valer para esse fim de todo o poder da sua eloquência conciliante, da arte da sua lógica, da perfeição das suas fórmulas retóricas, talvez nessa hora extrema ainda lhe fosse possível persuadir protestantes e católicos, que a ambos estava estreitamente ligado, àqueles pela simpatia, a estes pela lealdade. Em tal caso, estaria salvo o ideal europeu.

Esse homem único era Erasmo. O imperador

Carlos, senhor dos dois mundos, convidara-o expressamente a participar do congresso e pedira-lhe, antes, o seu conselho e a sua mediação. Repetia-se, porem, tragicamente a forma do destino erásmico: o sábio de visão profética, mas destituído de coragem, tinha mais do que qualquer o dom de prever os momentos históricos; todavia, por fraqueza inata, por uma pusilanimidade irremediável, negligenciava-lhes a solução. Reincidia, nessa circunstância, na sua culpa histórica: exatamente como na Dieta de Worms, Erasmo não compareceu à de Augsburgo, não soube decidir-se a impor, nesse pleito, a sua convicção, com a sua presença. Dirigiu indubitavelmente inúmeras cartas aos dois partidos, epístolas muito humanas, muito habéis e persuasivas; concitou os seus amigos nos dois campos, Melanchthon e o embaixador pontifício, a levarem ao extremo as mútuas concessões. Mas a palavra escrita não tem, nas horas fatídicas de sobreexcitação, o poder do apelo fervoroso e vivente. Demais, Lutero enviava, por sua vez, de Coburgo, mensagem após mensagem ao seu representante, para torná-lo mais rigoroso e inflexível do que lho permitia a moderação inata.

Em resumo, o contraste exacerbou-se, pela ausência do mediador, justo e genial. Nas numerosas discussões, a idéia do acordo acabou como uma semente frutífera triturada entre as mós. O grande concílio de Augsburgo dividiu definitivamente em dois sistemas religiosos a cristandade que pretendia reconciliar; em vez da paz, perpetuou-se no mundo a discórdia.

Lutero não tardou a formular a sua rude conclusão: "Se daí vier uma guerra, venha a guerra;

Stefan Zweig

nós já fizemos e transigimos bastante.” Por seu turno, Erasmo advertia tragicamente: “Se vires surgir no mundo a horrenda confusão, lembra-te de que Erasmo a tinha profetizado.”

*
* *

A partir desse dia, em que o ideal erasmico sofria a última e decisiva derrota, o velho sábio, no seu reduto de livros em Friburgo, não era senão um ente inútil, uma sombra esmaecida da antiga glória, e percebia nitidamente que não podia haver espaço para a mentalidade serena e tolerante, nessa “época rumorosa, ou mais exatamente, desvairada”.

De que servia continuar arrastando o corpo debil e enfermiço através dum mundo refratário a todo sentimento de paz? Erasmo cansara-se da existência dantes tão prezada; acudia-lhe, sem cessar, aos lábios a súplica: “Praza a Deus tirar-me deste mundo insano!”

Em verdade, restaria lugar ao intelectual, quando o fanatismo flagelava os corações? O excelso império humanístico, fundado por ele, assolado pelas incursões inimigas, estava já quasi conquistado. Passara o tempo da “eruditio et eloquentia”; surdos à linguagem polida e ponderada da poesia, os homens ouviam unicamente os brados grosseiros e facciosos da política. O pensamento sucumbia à insânia coletiva, uniformizava-se de papista ou de luterano. Os eruditos já não lutavam com epistolas e opúsculos elegantes, mas trocavam, como regateiras, injúrias rudes e

triviais. Cada qual negava-se a entender os outros; pretendia, porem, impor-lhes, como um estigma, a própria seita e doutrina. Ai do que persistisse em se conservar independente e seguir a opinião pessoal! Um ódio dúplice se voltava contra os que porfiavam em se manter alheios aos partidos ou acima deles.

Que desolação envolve, em tais períodos, as cousas espirituais! Ah! para quem se há de escrever, quando em meio da algazarra e dos clamores políticos, os ouvidos se embotam e já não percebem os semitons delicados, a ironia subtil e mordaz? Com quem se travariam debates teológicos, sobre a ciência das cousas divinas, se ela caíra nas mãos dos doutrinários e dos zelotes que, como argumento supremo e mais convincente do seu direito, lançavam mão da soldadesca, recorriam aos seus destacamentos de cavaleiros e à artilharia?

Iniciara-se já a perseguição aos livres pensadores e aos dissidentes, instaurava-se a ditadura do partidarismo; supunham os fanáticos servir a causa cristã com os chuços e o alfange do carasco, e justamente os intelectuais, os mais destemidos entre os crentes, deixavam-se possuir pela violência mais exaltada.

Sobreviera o tumulto prognosticado por Erasmo; de todos os países chegavam-lhe mensagens confrangedoras ao velho coração exausto e desesperado. Queimara-se em Paris, a fogo lento, o seu tradutor e discípulo Berquin; na Inglaterra, os seus caros e nobres amigos João Fisher e Tomaz More pereciam no cadafalso. Bem-aventurados os que tinham a força de afrontar pela própria causa

o martírio! E, ao receber a notícia desse suplício, o ancião gemeu, aflito: "E' como se eu próprio tivesse morrido!" Zwingli, com quem trocara frequentemente cartas e frases amistosas, fora derrotado na batalha de Kappel; Tomaz Münzer finara-se em meio de torturas tais, que não as imaginariam peores os gentios e os chineses. Arrancava-se a língua aos anabatistas, atenazavam-se com ferros candentes e condenavam-se à fogueira como hereges os pregadores, profanavam-se os templos, queimavam-se os livros e incendiavam-se as cidades. Roma, glória do mundo, fora devastada pelos lansquenets — ó Senhor, que instintos bestiais se saciam em teu nome!

Não; já não cabiam no mundo a liberdade de pensamento, a paz, a tolerância, princípios básicos da doutrina humanística. As artes não podiam florescer nesse solo ensanguentado. Passara por decênios e séculos, talvez para sempre, a era da comunidade supranacional, e o próprio latim, o idioma único e sublime da Europa unida, a língua predilecta do sábio, jazia esquecido e morto. Morre, pois, tu também, Erasmo!

*

* *

Mas a fatalidade da sua vida ainda uma vez — a última — compelia o perpétuo nômade a retomar a peregrinação. Ainda uma vez, quasi setuagenário, Erasmo abandonaria o domicílio e o lar.

Salteara-o um desejo inexplicavel de deixar Friburgo e emigrar para o Brabante; ali o chamava o duque, mas, no íntimo, o velho obedecia

a outro convite: ao da morte. Apossara-se dele uma obscura inquietação. O que fora, durante a vida, cosmopolita e sem-pátria conciente, sentia uma necessidade dolorosa e suave da terra natal. O corpo alquebrado queria reverter ao torrão donde viera. Um pressentimento lhe anunciava que a jornada se aproximava do fim.

Erasmus não chegaria, porém, à meta final. Partiu para Basiléia, numa carruagem de posta das que outrora se destinavam só às mulheres. Naquela cidade contava descansar certo tempo e esperar que o degelo e a primavera lhe permitissem seguir para o Brabante. Demais, Basiléia ainda o atraía. Subsistia ali certo entusiasmo intelectual; ali lhe restavam amigos fiéis, entre outros o filho de Froben e Amerbach. Eles se incumbiriam de prover o valetudinário dum asilo confortável ou dar-lhe-iam hospedagem. Ainda existia na cidade a velha tipografia onde o humanista voltaria a saborear a transformação do pensamento e do escrito em palavra impressa, a respirar o cheiro untuoso dos prelos, a manusear os belos volumes nitidamente impressos e travar com eles diálogos serenos, soberanamente pacíficos e eruditos.

Já muito cansado e fraco para deixar o leito mais de quatro ou cinco horas por dia, Erasmus passou o último período da vida em paz e sossego absolutos, mas também numa atmosfera glacial. Sentia-se esquecido e desdenhado. Efetivamente, os católicos já não o requestavam e os protestantes o cobriam de ridículo; ninguém mais precisava dele, ninguém reclamava o seu juízo ou a sua aprovação. "Os meus inimigos aumentam, os meus

amigos rareiam”, gemia com desespero o solitário, para quem o convívio humano constituía a beleza e a ventura da existência.

Eis, porem, que nesse abandono lhe bate às vidraças empanadas pelo inverno, qual uma andorinha retardatária, uma saudação reverente: “Tudo o que sou e faço devo-o a ti somente; se não o proclamasse, eu seria o homem mais ingrato de todos os tempos. *Salve itaque etiam atque etiam, pater amantissime, pater decusque patriae, literarum assertor, veritatis propugnator invictissime*. Salve, salve, pai amantíssimo, glória da pátria, espírito protetor das artes, campeão invicto da verdade!”

Escrevia-lhe esta frase Francisco Rabelais, cujo renome ofuscaria o de Erasmo. No alvorecer da fama, o jovem literato saudava o ocaso do mestre moribundo.

Chegou depois outra carta: uma epístola de Roma. O setuagenário abriu-a, impaciente, mas logo a largou, com um sorriso amargo. Zombariam dele? O novo pontífice oferecia a púrpura cardinalícia, com ricos benefícios, ao que durante a vida rejeitara, por amor da liberdade, todos os cargos. Ainda dessa vez, Erasmo recusou com dignidade a distinção quasi mortificante: “Deverei eu, um moribundo, tomar o fardo que, em plena posse das minhas faculdades, me neguei a carregar?”

Não! Morreria livre como vivera! Livre e em vestes leigas, sem decorações e sem honras mundanas, livre como todos os solitários e isolado como todos os independentes.

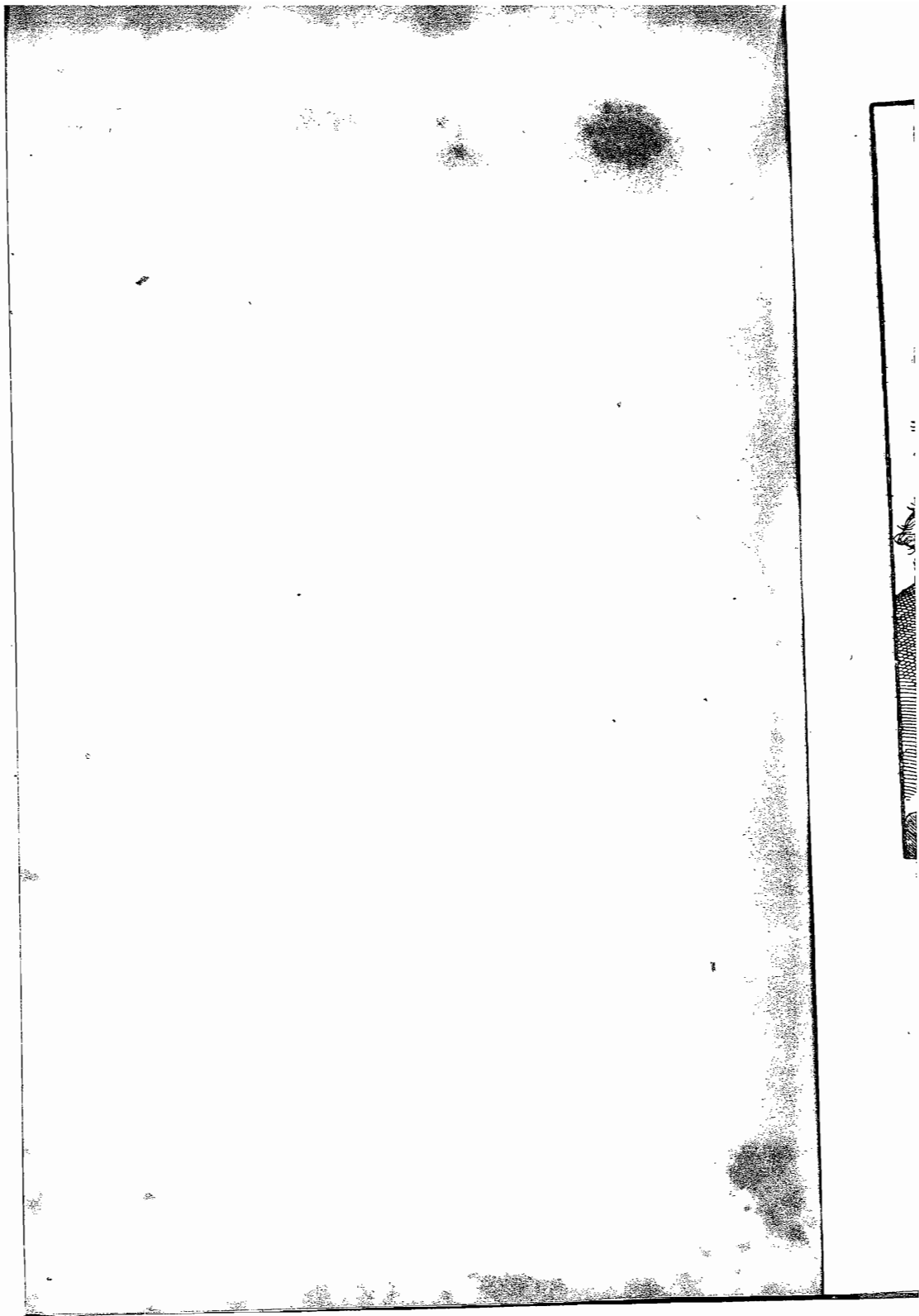
Ao lado dele permaneceu, porem, até ao der-

Erasmo de Rotterdam

radeiro instante, o amigo certo e dedicado da solidão, o seu maior consolo: o trabalho. Impossibilitado de se levantar, com o corpo dolorido e as mãos trêmulas, Erasmo continuava a redigir, dia e noite, o seu "Comentário de Orígenes", cartas e opúsculos. Já não o movia ambição de glória ou de lucro, mas o íntimo desejo de aprender, mediante a espiritualização da vida, e aprendendo, viver mais intensamente. Inalar e exalar ciência; só esta eterna diástole de toda existência terrestre, só esta circulação lhe mantinha o sangue em movimento.

Ativo até ao fim, Erasmo furtava-se, através do labirinto sagrado do trabalho, a um ambiente que já não conhecia nem entendia, a um mundo que recusava conhecê-lo e entendê-lo. Chegou-lhe, enfim, ao pé do leito a grande portadora de paz e, vendo-a tão próxima, o sábio, que tanto a temera durante a vida, encarou-a serenamente, quase com gratidão. Conservando-se até ao extremo perfeitamente lúcido, comparava os amigos que lhe rodeavam a cama, Froben e Amerbach, aos consoladores de Job, e entretinha-se com eles no latim mais correto e elegante.

Todavia, no minuto final, quando o estertor já o sufocava, ocorreu um fato singular: o grande humanista que sempre se exprimira em latim, esqueceu a língua habitual. Na angústia da morte, os seus lábios rígidos balbuciaram no idioma pátrio uma expressão aprendida na infância: "Lieve God" — as primeiras e as últimas palavras da sua vida pronunciou-as o latinista em alemão. Depois respirou mais uma vez e obteve, enfim, o que tão sinceramente almejava à humanidade: a paz.





Si tibi non licuit coram spectare Philippum
 Et quæ fluxerunt dulcibus ora fauis
 Præsentisq; Dei templum, venerabile pectus,
 Ingeniisq; oculos splendida signa uiri
 Lætæ caput, quod uirtutum thesaurus abundans,
 Et doctrinarum fertilis ærea fun.
 Hæc pectoris opus circumspice, namq; Philippus
 Non procul à uisus uultibus illud abest.
 Proxime ad externos habitus accede, ocellos,
 Et frontem, et nares, oisq; genasq; referet
 Sed quid mentis opes, aut repræsentet acumen,
 Nullas Appellæo flammæ ducet opus,

Scilicet ingenij specimen mirabile & aliud
 Pectoris, in scriptis edidit ipse suis.
 Solus enim potuit proprias depingere doctæ,
 Has igitur notas quisquis habere cupit,
 Perlege concinnos quos condidit ordine libros,
 Autoris referunt hi simulacra sui.
 Ex his non tantum quæ sit doctrina Philippi,
 Et mens, de sancta religione patet.
 Sed quoq; qui fuerint mores illius, et actus,
 Et quæ dexterarum sociæ uita liquet.

HENRICVS MOLLERVS
 HESIVS 1689.

Filipe Melancthon, por Lucas Cranach, o moço. Duma brochura
 da época.



„mehrerer Ewiger Gott / wie ist nur die Welt ein ding / wie sperret sie den leuten die mauler auff / wie
 und gering ist das verrathen der menschen auff Gott / wie ist das fleisch so san und so weich / und der Luffel so gewaltig und geschickig /
 und nur durch seine Spittel und Widernaden / wie werden sie so bald der band ab / und schenkt dabur / laufft die gemeine den / und den treuen weg
 der Hellen zu / he die Götzen hyn geschoben / und haben nur bloß an was predig und gewaltig / gries und mündig ist / und an / ansetzen das
 Wann ich mein augen haben werden sol / so ist es schon mit mir aus / die glocken ist schon gestossen / und das urtheil gescheit / Ich Gott / ich Gott / O
 Gott / du mein Gott / du mein Gott / steh du mir bey / wider alle mich vernunft und weisheit / thu du es / du mußt es thun / du allin / ist es doch nie
 man andern dan laß / hab ich doch vor mein person alle nichtig / und mit diesen großen Herren der Welt zu thun / wolt ich doch auch was
 gut geduldi / sag haben und weisere vor sich / Aber dan ist die laß / Ich bin gerecht und ewig ist / steh mir bey / du treuer ewiger Gott / ich
 verlaß mich auff keinen menschen / es ist und soll und vergehen / es himel also was geschick ist / und nach fleisch schmeckt / O Gott Gott / O Gott
 gütlich mich mein Gott / bistu Ede / Nimm / du laßst mich sterben / du werdest mich allin / Ich bin mich darzu erwelet / das ich die werbent sein
 denn sol / ich sag dich / wie ich dann gewis wirt / Es so wirt es Gott / Wann ich man lediglang / nie wider so große Herrn setzen gedacht / hab mir es
 ad me genommen / Es Gott / so steh mir bey / in dem namen deines lieben Sohne Jesu Christi / der man (dort) und kühn sein sol / ja man setze
 hung / durch kraft und stellung deines heiligen Willens / Ich bin bedrückt / du mein Gott / wo bistu / laß mich / ich bin bereit / auch mein he
 den darumb pfeifen / geduldig wie ein Knecht / denn gerecht ist die laße und den / so will ich mich von der nit abfindern erpicht / das ist bedacht /
 Ewiglich laß ich in deinem Knecht / die Welt muß mich aber man gewaltig wol / ungerathen lassen / und wann sie noch weiter Luffel wert / und sol
 mich laß / das doch puer deinet hende werck und geschick ist / drücken zu grunde und boden / ja zu drücken geben / darfur aber dein Wort und
 Gütlich du gut ist / und ist auch nützlich den ich zu thun / die Erde ist bereit und gebet die zu / und blab auch bey dir ewig /
 Gott hilf mir / Amen in Gottes namen / Amen.

Martinho Lutero, 1519, por Lucas Cranach, o moço. Duma
 Gravura contemporânea.

CAPÍTULO XI

O legado de Erasmo

AO MESMO tempo que o humanista moribundo legava às gerações futuras, como a missão mais nobre, a sua herança espiritual, a união européia, aparecia em Florença um dos livros mais decisivos e audaciosos da História: o famoso "Príncipe", de Niccolò Machiavelli.

Nesse tratado matematicamente claro da conquista a todo transe do poder e do sucesso político, formula-se em termos explícitos, como num catecismo, o princípio diametralmente oposto à erasmica. Enquanto o pensador holandês concita os soberanos e as nações a subordinarem, espontânea e pacificamente, as suas reivindicações particulares, egoístico-imperialistas à fraternidade humana, Machiavelli exalta a vontade de poder e de domínio dum soberano ou dum povo, como fim único e supremo dos seus pensamentos e ações. Segundo este princípio, todas as energias duma comunidade nacional tem de servir a idéia de nação, com o zelo com que se defende um ideal religioso; a razão de Estado, desenvolvimento extremo da individualidade, torna-se o único objetivo, bem como a meta de toda evolução histórica e o seu triunfo a todo custo, o feito máximo.

no âmbito dos sucessos da História. Para Machiavelli, poder e expansão do poder eram ditames supremos; para Erasmo, a lei soberana devia ser a justiça.

Dai, derivaram, em todos os tempos, duas grandes formas fundamentais de política internacional: a positiva e a ideal, a diplomática e a ética, a nacional e a universal. Na opinião de Erasmo, o contemplador filosófico do mundo, a política, segundo Aristóteles, Platão e Tomaz de Aquino, pertence à categoria da ética: o soberano, o chefe do Estado, deve ser, antes de tudo, o servidor da divindade, um expoente de idéias morais. Para Machiavelli, o diplomata profissional, familiarizado com as manobras das chancelarias, a política é, pelo contrário, uma ciência amoral e absolutamente autônoma, tão estranha à ética quanto a geometria e a astronomia. O soberano, o chefe do Estado não se há de nutrir de ilusões vagas e abstratas, de princípios humanitários; cumpre-lhe, antes, encarar sem pieguices os homens, como único material concreto, e utilizar-lhe as forças e fraquezas, com um senso subtil da psicologia, em proveito próprio e da sua nação; lúcido e frio, não deve ter, mais do que um jogador de xadrez, consideração e indulgência pelo adversário, e por todos os meios, lícitos ou ilícitos, porfiará em conquistar para o seu povo a maior soma de vantagens e de domínio. Poder e expansão do poder constituem, no dizer de Machiavelli, o dever supremo dum soberano ou duma nação e o sucesso, o seu direito decisivo.

Na realidade histórica predomina logicamente a concepção maquiavélica, o princípio da força;

não foi a erasmica, a política humana de igualdade e de conciliação, mas a política utilitária, decidida a tirar proveito de todas as circunstâncias, inspirada pelas normas do "Príncipe", o que, desde essa época, determinou o curso dramático da história européia. Gerações inteiras de diplomatas aprenderam a sua arte subtil nesse livro de cálculos do florentino cruelmente perspicaz. Traçaram-se a ferro e sangue, entre as nações, fronteiras continuamente alteradas; a hostilidade e não a concórdia monopolizou as energias mais apaixonadas de todos os povos da Europa.

Em compensação, até hoje a idéia erasmica jamais moldou a História nem exerceu influência perceptível na formação do destino europeu: o grande sonho humanístico da solução dos contrastes no espírito de justiça, a almejada união das nações, sob os auspícios da cultura, não passaram de utopia irrealizada e talvez irrealizável no nosso mundo real.

Mas, no âmbito espiritual, há lugar para todas as antíteses; o que jamais logrou triunfar na realidade, nos domínios abstratos permanece ativo, como força dinâmica, e os ideais irrealizados soem ser justamente os mais invencíveis. A idéia que não se materializou nem por isto se deve reputar malograda ou falsa; embora adiada, uma necessidade não deixa de ser uma necessidade. Pelo contrário, só os ideais que não se fanaram ou comprometeram através da realização continuam a agir nas novas gerações, como germes de fermento moral; só os que nunca se concretizaram ressurgem perpetuamente.

Em consequência, no domínio espiritual, o

ideal humanístico, erasmico, a primeira tentativa visível de acordo europeu não se desvalorizou, porque jamais conseguiu impor a própria soberania e raramente uma influência política. Não é próprio da vontade colocar-se acima dos partidos, tornar-se facção ou maioria, e mal se pode esperar que a forma excelsa e sagrada de existência, a resignação goetiana, venha a ser um dia feição e essência da alma das massas. Todo ideal humanístico, baseado numa ampla visão universal e na lucidez dos corações, será perenemente um conceito aristocrático-intelectual, acessível a poucos eleitos que o transmitem como um bem hereditário de espírito a espírito, de geração a geração; mas, por outro lado, a crença num futuro comum da nossa humanidade jamais se extinguiu completamente em nenhum período histórico, nem sequer nos mais agitados.

O que nos legou Erasmo — o velho desiludido e, contudo, tão difícil de iludir — em meio do tumulto das guerras e da discórdia da Europa, nada é senão a perene aspiração fundamental de todos os mitos e religiões, a fé numa humanização futura e certa da humanidade e num triunfo da razão lúcida e justa sobre a paixão egoística e efêmera.

Traçado, pela primeira vez, pragmaticamente, por mão incerta e não raro temerosa, esse ideal reanimou, com renovada esperança, o olhar de dez ou vinte gerações da Europa. Não se esquece totalmente o que pensaram e disseram os espíritos excelsos, as puras energias morais. Ainda que moldado imperfeitamente e por mãos fracas, o espírito ético assume sempre aspectos novos.

Abrindo, literalmente, caminho no mundo à idéia humanística, ao conceito simples e ao mesmo tempo imortal de que é missão suprema da humanidade tornar-se mais humana, mais espiritual e mais compreensiva, Erasmo, embora vencido no âmbito terrestre, conquistou fama imperecível.

Depois dele, o seu discípulo Montaigne, para quem a deshumanidade era "o peor dos vícios", "que ie n'ay point le courage de concevoir sans horreur", (1) repete a mensagem de concórdia e de indulgência. Spinoza antepõe às paixões cegas o "amor intellectualis". Diderot, Voltaire e Lessing, ao mesmo tempo céticos e idealistas, combatem contra a estreiteza mental, a favor duma ampla tolerância. Em Schiller, reaparece o conceito da cidadania universal, envolto em roupagens poéticas; Kant reclama a paz perpétua. E assim por diante, até Tolstoi, Gandhi e Rolland, o espírito de concórdia exige, com força lógica, o seu direito moral, a par do direito do mais forte e da violência.

Nos momentos de mais hedionda confusão, ressurgue sempre a crença na possível redenção da humanidade, porque, sem a ilusão consoladora de atingir um dia um mais alto nível moral, sem o sonho dum acordo supremo e definitivo, o gênero humano ver-se-ia inibido de criar.

Embora os calculadores frios e habeis persistam em provar a inconsistência da erásmica, se bem que, mais e mais, a realidade pareça dar-lhes razão, sempre haverá quem veja, nos povos, mais

(1) "Que não tenho coragem de conceber (esse vício) sem horror."

Stefan Zweig

elos do que barreiras, e renove, convicto, nos corações a fé num período futuro de humanidade mais nobre.

Nesse legado opera, com poder creador, uma grande promessa. De fato, só o que o espirito consegue elevar do estreito círculo individual à universalidade pode dotar as forças isoladas de energias superiores. Só nos postulados supraindividuais e dificilmente realizaveis encontram os indivíduos e as nações a sua medida verdadeira e sagrada.

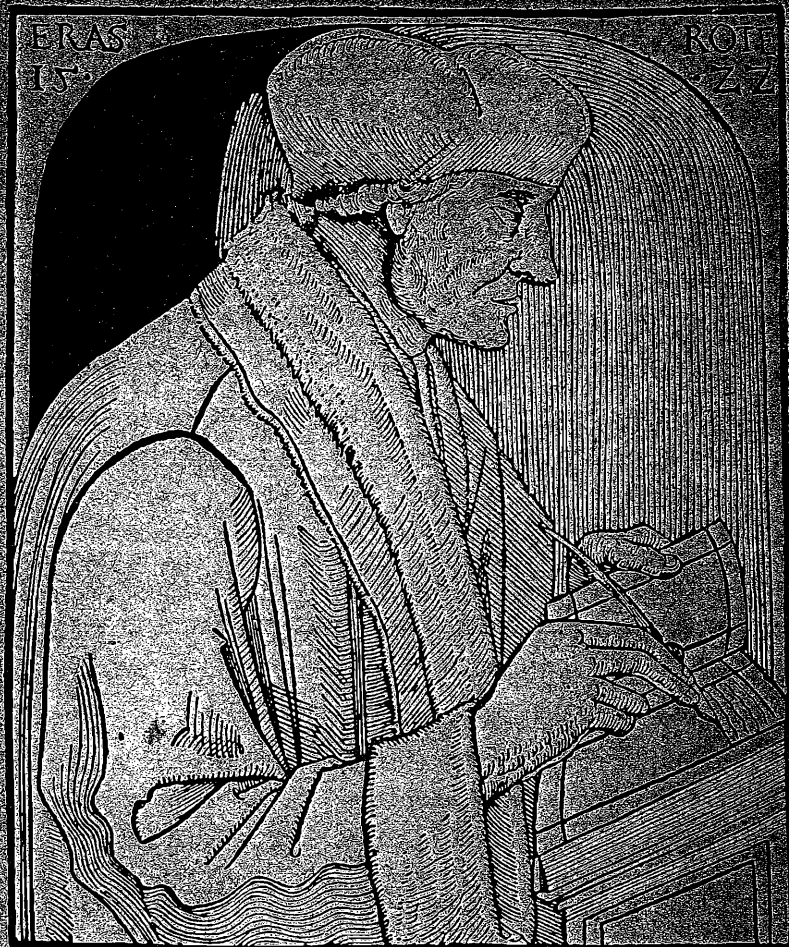
Índice

AMÉRICO

	<i>Págs.</i>
Américo	9
A situação histórica	13
Imortalidade proveniente de 32 páginas	27
Dá-se nome a um mundo	43
Tem início a grande contenda	59
Os documentos entram em jogo	77
Quem era Vesúcio?	87

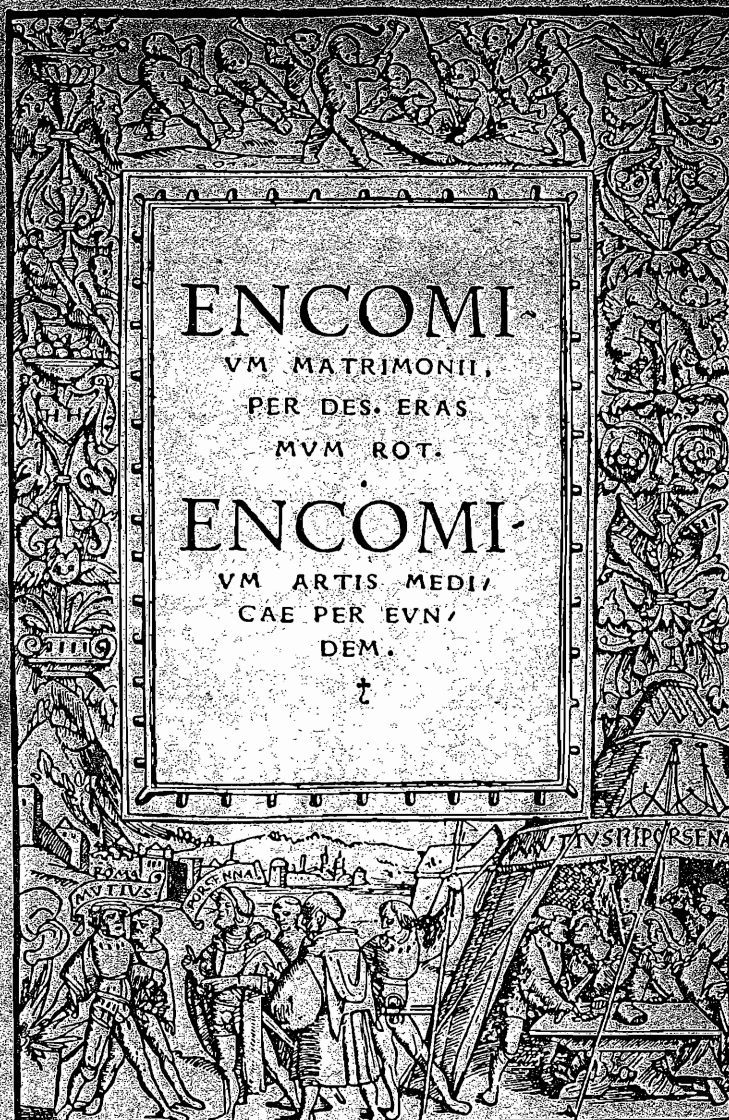
ERASMO DE ROTTERDAM

Aspiração e significado duma existência	111
Um olhar à época	125
Mocidade obscura	131
Retrato	151
Apogeu	165
Grandeza e limitações do humanismo	183
O grande antagonista	207
A luta pela independência	241
A grande explicação	261
O fim	281
O legado de Erasmo	297



TRINXIT ITTOVAZICPAMMATA DEIEEL
IMAGO AD VIVAM EFFIGIEM EXPRESSA.

Erasmus — Xilografia alemã dum mestre anônimo
datada de 1522



Frontispício de Hans Holbein para o "Encomium Matrimonii" Da Edição de Frobenius de Erasmo Basileia 1516.

